Manual
de Serviços Divinos

Arcipreste D. Sokolof

Tradução: Rev. Pedro Oliveira Junior.

Mosteiro da Santíssima Trindade, Jordanville, NY

Impresso com a benção do Arcebispo Lauro

Conteúdo:

Idéias Preliminares.

A Natureza do Serviço Divino. A Origem dos Serviços Divinos. Sinais Exteriores.

O Prédio da Igreja Cristã.

Nomes dos Vários Prédios da Igreja. Aparência Externa das Igrejas. Artigos Para os Serviços Divinos.

As Pessoas Realizando os Ofícios

As Vestimentas.

Louvação Pública.

Os Três Ciclos.

Grandes Vésperas.

Matinas

A Liturgia.

A Respeito da Liturgia. 1. A Proskomédia 2. A Liturgia dos Catecúmenos 3. A Liturgia dos Fiéis.

Características Especiais dos Serviços Divinos.

Festas e Jejuns Fixos.

Festas e Jejuns Móveis.

A Santa Páscoa.

Da Semana de Páscoa ao Domingo de Todos os Santos.

As Diferentes Ministrações.

Os Sacramentos do Batismo e Crisma. A Consagração de Uma Igreja. A Confissão. O Sacramento das Ordens O Rito do Casamento. A Santa Unção.

Molebens.

O Sepultamento e Comemoração dos Mortos.

Adendo. O Rito de Unção de Czares na Sua Coroação.

Idéias Preliminares.

A Natureza do Serviço Divino.

Por "Serviços Divinos" a Igreja Cristã Ortodoxa entende uma série de orações, recitadas ou cantadas numa dada ordem, com certas cerimônias, por meio das quais os Cristãos Ortodoxos glorificam Deus e Seus Santos, expressam sua gratidão e oferecem suas petições, a através da realização desses serviços os Cristãos recebem misericórdia de Deus e a graça do Espírito Santo.

O serviço divino é privado ou doméstico quando é realizado privadamente por uma ou várias pessoas; é publico quando é realizado no nome de toda a Igreja, ou de uma comunidade de Cristãos, por pessoas autorizadas a faze-lo. As orações usadas em louvação pública são divididas em duas categorias: aquelas para serviços permanentes, isto é, serviços realizados diariamente para o beneficio de todos os Cristãos e aqueles para serviços ocasionais, isto é, serviços que são realizados em certas ocasiões, de

acordo com necessidades especiais dos fiéis, e por isso chamados de *tréba*, uma palavra que traduzida, significa "necessidade."

A Origem dos Serviços Divinos.

Os serviços divinos tiveram seu aparecimento na terra simultaneamente com o homem. A bondade e poder de Deus impeliu o homem a louva-lo e agradecer a Ele: a consciência lembrou-nos de endereçar suas petições a Ele. E como homem consiste de corpo e alma intimamente ligados, a oração é expressa em palavras e acompanhada por certos movimentos do corpo, e, vice-versa, objetos externos levantam uma inclinação para a oração no homem. Desse modo a louvação privada originou-se e se desenvolveu, em variadas orações e ritos.

Mas os homens se ajuntaram e formaram comunidades, e isso deu razão para a uniformização de orações para todos os membros de uma comunidade, e para essas orações comuns foram gradualmente apontados: local, hora, ordem dos serviços e pessoas para realiza-los. Desse modo, à medida que a sociedade humana tornou-se organizada, a louvação publica também se desenvolveu.

Nos tempos do Velho Testamento, antes de Moisés, os serviços divinos eram do tipo privado, domestico. O paterfamílias — o patriarca — em nome de sua interia família ou tribo, selecionava o local, apontava o tempo e fazia a ordem das orações. Mesmo então certos, costumes começaram a enrijecesse em regras que os próprios patriarcas observavam, seguindo o exemplo de seus pais. Mas desde o tempo de Moisés, os Israelitas tinham uma louvação pública instituída pelo próprio Deus, com templo, sacerdotes e ritos. Jesus Cristo, o fundador e Cabeça da Igreja Cristã, enquanto Ele próprio concordava com todos os regulamentos da louvação judaica, não deu a Seus discípulos nenhum ritual definido. Mas Ele instituiu os sacramentos, ordenou a Seus discípulos pregar o Evangelho, ensinou-os a orar, prometeu estar presente nos ajuntamentos de Cristãos reunidos em Seu nome, e assim lançou as bases da louvação pública de sua Igreja. Foi essa a razão que fez com que, imediatamente depois da Ascensão de Cristo ao céu, uma certa ordem de louvação pública gradualmente começasse a se desenvolver na comunidade Cristã. No tempo em que os Apóstolos estavam vivos, certas santas pessoas já foram consagradas, certos locais foram indicados para serviço divino, e um ritual foi estabelecido para aqueles ofícios durante os quais os sacramentos de Batismo e Eucaristia eram administrados: além disso os principais ritos visavam acompanhar a celebração de outros Sacramentos, e até apontar os tempos para oração comum, certos dias de festa e jejuns. As perseguições que os Cristãos sofreram durante os três primeiros séculos retardaram-nos de compor um rito completo para a louvação publica e torna-lo uniforme para todos os Cristãos; tal ritual foi completamente desenvolvido e finalmente estabelecido somente quando o Cristianismo foi proclamado a religião dominante do Império Romano.

Sinais Exteriores.

Muitos dos sinais exteriores na oração são comuns a todos os homens: inclinação do corpo até a cintura ou até o chão, ajoelhamento, inclinar a cabeça, levantar as mãos.

Todos esses gestos expressam devoção a Deus, humildade, arrependimento, súplica por misericórdia, gratidão e reverência.

Mas, à parte dessas expressões universais de sentimento de oração, os Cristãos Ortodoxos, quando orando, usam um sinal que pertence exclusivamente a eles, o sinal da Cruz.. Esse sinal, de acordo com o mais velho costume, nós fazemos da seguinte maneira: o dedão, o indicador e o dedo médio da mão direita nós juntamos, enquanto dobramos o anular e o dedo mindinho até que eles toquem a palma da mão. Tendo disposto os dedos desse modo nós tocamos com eles primeiro a testa, depois o peito e depois primeiro o ombro direito e então o esquerdo, fazendo assim em nossa pessoa o sinal da Cruz. Por esse sinal expressamos nossa fé nas coisas que Cristo, o Salvador nos ensinou e fez por nós; juntando os três dedos expressamos nossa fé na Santíssima Trindade, consubstancial e indivisível; pelos dois dedos dobrados até a palma da mão nós expressamos nossa crença na descida para a terra do Filho de Deus, e em ter Ele assumido humanidade sem Se despojar de Sua divindade, unindo-nos assim duas naturezas em Si próprio, a divina e humana. Tocando nossa testa, peito e ombros, expressamos nossa crença que o Deus Triúnico santificou nossos pensamentos, sentimentos, desejos e atos: finalmente, fazendo em nós próprios o sinal da Cruz, nós expressamos nossa crença que Cristo santificou nossa alma e nos salvou por Seus sofrimentos na Cruz.

O Prédio da Igreja Cristã.

Nomes dos Vários Prédios da Igreja.

Nós damos o nome de Templo ou Casa de Deus para um prédio especialmente consagrado á Deus, ou para uma parte separada do prédio assim construído, onde os Cristãos se juntam para oferecer a Deus suas orações comuns, e para receber Dele Suas graças através dos Santos Sacramentos. Porque a totalidade dos Cristãos tomados juntos forma a Igreja, por conseqüência os prédios em que eles se juntam para orações comuns são da mesma forma chamados de Igreja.

Toda Igreja é consagrada a Deus e santificada em nome da Santíssima Trindade, e é por isso intitulada "um templo ou Igreja de Deus." Mas à parte essa resignação geral, cada Igreja tem seu nome particular, tais como: "Igreja da Santíssima Trindade," da "Ressurreição de Cristo," "dos Santos Apóstolos, Pedro e Paulo," "da Dormição da Santíssima Mãe de Deus," "de Santo André o Primeiro Chamado," "de São Nicolau o Taumaturgo.". Nomes especiais são dados a Igreja erigidas em alguma ocasião memorável particular, porque Igrejas freqüentemente são dedicadas á memória de algum evento ou outro da vida do Salvador ou Sua Mãe, ou ainda de algum santo que é especialmente venerado em alguma dada localidade, ou cujo nome era levado pelo fundador principal da Igreja ** .

Quando uma cidade ou vila tem muitas Igrejas, uma delas recebe o nome de "geral" ou "universal" (*sobór*), porque, em dias de festas solenes, não só os paroquianos dessa Igreja mas pessoas de todas as paróquias se reúnem ali para os ofícios divinos. Em grandes cidades freqüentemente existem várias Igrejas gerais. Aquela na qual está situada a cátedra episcopal é chamada de Catedral.

Junto com a organização na terra da comunidade dos que acreditam em Cristo, as Igrejas Cristãs aparecem como pontos de reunião para esses fiéis. Os Apóstolos os primeiros Cristãos suportaram perseguições por sua fé e pelos pagãos, e por essa razão costumaram se reunir para rezar em casas privadas; mas mesmo em tais casas eles costumavam separar um espaço para louvação, para o qual olhavam com reverência, como para um local onde o Senhor estava presente pela Sua Graça. Quando os Cristãos cresceram em número e faltavam casas privadas para suas reuniões, enquanto eles não foram autorizados a construir templos especiais para sua louvação eles começaram a se reunir em bosques, em desfiladeiros, em montanhas e em cavernas, ou, se eles vivessem em cidades ou nas redondezas delas, eles se reuniam em cemitérios subterrâneos conhecidos como catacumbas. Enquanto eles eram perseguidos por sua fé, eles não podiam decorar os locais onde se reuniam, ainda que quisessem faze-lo. Assim mesmo, impelidos pelos seus pios sentimentos, eles usavam, em lugar da decoração, certos sinais ou símbolos alegóricos, só compreensíveis por eles mesmos. Assim, nas paredes das catacumbas, eles representaram a Cruz de Cristo, pela letra T; às vezes eles faziam um bloco quadrado de pedra e nela uma porta, vendo nisso uma semelhança com Cristo, que é a rocha da salvação e a porta pela qual quem passar será salvo. Freqüentemente, Cristo era representado na forma de peixe, porque a palavra grega para "peixe," *ichthys*, é composta pelas letras iniciais nas palavras: "*Ieusous Chritos, Theos Yios Soter*" "Jesus Cristo, Filho de Deus, Salvador." Ainda méis freqüentemente Ele é representado com um Cordeiro, ou como um Pastor carregando uma ovelha sobre Seus ombros. A Ressurreição era pintada como uma baleia ejetando um homem (o Profeta Jonas) para fora de sua boca. Mais tarde eles começaram a pintar retratos de mártires em algum lugar perto de seus túmulos nas catacumbas. Naquele tempo eles realizavam os ofícios divinos em roupas comuns, só que eles usavam suas melhores e mais ornamentadas roupas, preferivelmente brancas. Quando aos Cristãos, foi permitido professar sua fé publicamente, eles começaram a construir templos, ou melhor Igrejas. Às vezes eles transformavam prédios existentes em Igrejas, adaptando-os aos requisitos. Mas na maioria dos casos, eles construíram prédios especiais, que diferiam dos outros na aparência externa e nos arranjos internos.. As primeiras Igrejas construídas pelos Cristãos diferem das nossas Igrejas modernas pois elas não tinham *iconostase*, mas o santuário era separado do corpo da Igreja só por uma cortina, ou mesmo por uma cerca. Além de que, grandes extensões eram acrescentadas às Igrejas para uso dos catecúmenos, isto é, pessoas que ainda não tinham recebido o batismo, mas estavam se preparando para recebe-lo e estavam passando por instrução elementar na fé Cristã.

Aparência Externa das Igrejas.

O formato geralmente mais aceito para as Igrejas Cristãs é o oblongo, uma imitação de uma nave. Dando forma a suas Igrejas, os Cristãos expressavam o pensamento que, como uma nave, sob a direção de um bom timoneiro, leva homens através de mares tempestuosos para um porto tranqüilo, assim a Igreja, governada por Cristo, salva os

homens de se afogarem nas águas profundas do pecado e leva-os para o Reino do Céu, "onde não há nem amargura nem suspiros." As Igrejas são freqüentemente construídas na forma de uma cruz, para mostrar que os Cristãos obtêm salvação pela fé em Cristo crucificado, por Quem eles estão prontos para sofrer todas as coisas. Às vezes a Igreja tem a forma de um circulo na idéia que a Igreja de Cristo (isto é, a comunidade daqueles que acreditam em Cristo) existirá por toda a eternidade e que ela pelos séculos dos séculos unirá os fiéis a Cristo, pois é círculo é o emblema da eternidade. Às vezes, também, a forma é de um octógono — a forma de uma estrela — na idéia que, como a estrela mostra ao homem o caminho numa noite escura, a Igreja ajuda o homem a caminhar ao longo do caminho da justiça entre as trevas da iniqüidade que o cercam. As duas últimas formas não são usadas com freqüência, pois elas são inconvenientes para os arranjos internos da Igreja.

A entrada de uma Igreja é quase sempre virada para o Oeste, a Igreja sendo com sua maior parte virada para o leste, por conta que os fieis Cristãos entram das trevas da impiedade para a luz da verdade (o leste sendo o símbolo da luz, bondade, verdade. Enquanto que o oeste é o símbolo das trevas, malignidade, erro). Essa regra é deixada de lado só quando um prédio construído para outro propósito é murado para Igreja, ou se uma Igreja é colocada numa casa privada, na qual a entrada e a parte maior estão locadas de acordo com a conveniência.

No telhado existem usualmente uma ou muitas cúpulas (torres com tetos redondos ou pontiagudos) significando que os Cristãos deveriam desapegar-se de suas amarras mundanas e aspirar pelo céu. Essas cúpulas às vezes são chamadas crista ou cume. Uma crista ou cúpula significa que a comunidade de Cristãos tem uma só cabeça — Cristo; três cúpulas são erigidas da Santíssima Trindade; cinco apontam para Cristo e os quatro Evangelistas, que deixaram para nós descrições da vida de Cristo; enquanto sete indicam os sete sacramentos (através dos quais nós recebemos os sete dons do Espírito Santo), e os Sete Concílios Ecumênicos, pelas orientações dos quais os Cristãos são guiados, até os dias de hoje; nove cristas nos lembram das noves classes de anjos que habitam no céu, e a quem os Cristãos desejam se juntar no Reino do Céu, enquanto treze significam Cristo e Seus doze Apóstolos. Toda cúpula, ou quando não há nenhuma, o telhado tem no seu tipo uma Cruz, o instrumento de nossa salvação.

O Arranjo Interno.

O interior é dividido em vários compartimentos: 1) o Santuário, onde o ofício divino é realizado; 2) a Capela da *Prothesis*, contendo a Mesa de Oblações, para a guarda das vestes sagradas; 4) o Corpo da Igreja, para os fiéis; 5) o Vestíbulo e o Pórtico para os catecúmenos.

O Santuário.

Para aqueles que realizam os ofícios divinos, a parte leste da Igreja é à parte. É um pouco elevada em relação ao resto, para que o ofício seja ouvido por todos os presentes, e pe chamada de Santuário. Pessoas não consagradas ao serviço da Igreja não são permitidas entrar nessa parte dela. O santuário é separado dos fiéis por uma cortina e

por uma partição ou biombo. Em algumas Igrejas existem vários santuários dedicados à memória de vários eventos ou várias pessoas. Eles são chamados de anexos ou capelas.

No meio do Santuário fica uma mesa quadrada; é o altar; também chamado de Santo Trono, porque o Senhor está presente Nele, ou Santa Mesa, porque sobre ela é oferecida aos Cristãos o Sacramento da Eucaristia, é partilhada do Corpo e do Sangue de Cristo. O altar é feito quadrado considerando que a doutrina e sacramentos de Cristos livres para os homens das quatro partes do mundo.

O altar, sendo o lugar onde repousa a Glória do Senhor, é vestido com duas coberturas; a primeira é de linho branco, a segunda ou externa é de um rico brocado. Sobre o altar é colocado um pano de linho ou seda, no qual está representada a Descida da Cruz e a preparação do Corpo de Cristo para o enterro. Esse pano é chamado de *Antimension*, que significa "o que está em lugar do altar." A origem do *Antimension* é a seguinte: a lei demanda que uma igreja Cristã seja consagrada por um bispo; e como nem sempre há um disponível para fazer isso, e, além disso, como Igrejas móveis devem ser organizadas para viajantes, tornou-se usual párea os bispos consagram só a parte superior do altar, ou até mesmo panos de linho u seda, que depois de assinarem com seu nome, eles enviam para as Igrejas recém construídas, ou dão para pessoas que estão começando uma viagem. Mais tarde, o *Antimenion* tornou-se um item necessário para todo altar, mesmo para aquelas Igrejas que tinham sido consagradas por um por um bispo pessoalmente. Em todo *Antimension* é costurada uma partícula de uma alguma santa relíquia (isto é, de um remanescente incorruptível do corpo de um santo), em memória do fato que nos primeiros tempos os Cristãos usavam se reunir para os ofícios divinos sobre ou dos lados dos túmulos dos mártires,e levando-se em conta que os santos, estando perto de Deus, intercedem por nós com suas orações. Se a Igreja é consagrada por um bispo, a relíquia é colocada dentro do altar, no centro dele, sobre um aparador dentro de uma pequena caixa especial, para evitar danos; ela é enrolada num pano de seda chamado *pleiton* , que significa "o embrulho."

Atributos indispensáveis do altar são a Cruz e o Evangelho.A Cruz posta ali como um sinal da vitória de Cristo sobre o demônio e de nossa libertação, e o Evangelho porque é o livro que contem a palavra de Cristo, segundo as quais nós podemos obter salvação. Nos primeiros tempos do Cristianismo, antes que a execução de criminosos pela crucificação fosse abolida, os Cristãos usavam cruzes adornadas com ornamentos, mas sem a representação de Cristo crucificado; às vezes eles pintavam nela somente um Cordeiro, ou no pé da Cruz ou carregando uma.

O Evangelho que é mantido no altar tem sempre uma bela capa, no meio da qual existe uma representação de Cristo Salvador (muitas vezes a Ressurreição), enquanto os cantos são ocupados pelos quatro Evangelistas. Esses são representados com seus respectivos símbolos, em outras palavras, suas características, isto é, símbolos que aludem ao conteúdo dos livros que eles escreveram. Com o Apóstolo Mateus nós vemos a face de um homem ou um anjo, porque Mateus descreve Jesus Cristo principalmente como o Filho do Homem, o descendente de Abrahão, como o Messias esperado por Israel, de quem os profetas escreveram. O Evangelista Marcos representou Cristo como "o Enviado por Deus" possuidor de todo poder, o Rei de todos os homens, sejam judeus ou gentios, e por isso seu símbolo é o leão, o poderoso rei das feras. O Evangelista Lucas, como representou Cristo como o Salvador de toda humanidade, que se ofereceu em sacrifício pelos pecados dos homens, tem o touro, o animal que os judeus costumavam

sacrificar. O Evangelista João nos deu mais completamente que os outros Apóstolos a sublime doutrina de Cristo como o Filho de Deus; por isso ele é associado com a Águia, o pássaro que voa muito alto e fixa seu olhar no sol.

Além da Cruz e do Evangelho fica no altar uma arca ou tabernáculo, na qual são preservados os Santos Dons (o Corpo de Cristo, saturado com Seu Sangue); reservados para dar comunhão aos doentes, e em outros dias quando não é permitido celebrar a liturgia. Esses tabernáculos são às vezes feitos na forma de um caixão, ou gruta sepulcral, e nesses casos são chamados de "sepultura"; - e em outros casos tem a forma de um templo. Um tabernáculo em forma de um templo, costumava-se chamar nos velhos tempos de "Sião" ou "Jerusalém." Todos os tabernáculos são igualmente chamados de *cibória*. O *ciborium* usado para carregar os Santos Dons para uma caixa privada para dar comunhão para uma pessoa doente, é um cofre com vários compartimentos. Em um é colocado um cofre muito pequeno contendo partícula dos Santos Dons. Em outro há um pequeno cálice com uma pequena colher, e num terceiro um pequeno vaso com vinho e uma esponja para limpar o cálice com ela. Tal cibória é também mantido no altar.

O espaço atrás do altar é chamado de *Béma* ou "lugar eterno," porque é às vezes mais elevado que o resto do santuário. Nesse lugar é colocada a Cátedra ou trono do bispo e de ambos os lados há assentos para os padres. Em nossos dias a Cátedra episcopal é colocada somente nas principais Igrejas (*sóbor*), que antigamente eram chamadas de Catedral. No lado leste da Igreja, há uma representação do Salvador, e dos dois lados dela, há ícones dos Apóstolos, mas mais freqüentemente de santos bispos. A *lâmpada* diante do ícone do Bema é chamada de luz alta. Nas Igrejas muito antigas onde a parede leste sempre tinha uma janela, o Sacramento da Eucaristia era representado de ambos os lados dessa janela: de um lado Jesus Cristo dando Seu Corpo na forma de pão para seis Apóstolos, e do outro lado dando comunhão para os outros seis Apóstolos do cálice cheio com Seu Sangue na forma de vinho.

Às vezes um conopeu é erigido sobre o altar, sobre quatro colunas, e pendente dele há uma pomba com asas abertas, um símbolo do Espírito Santo.

A Capela da Prótese.

No lado esquerdo do Santuário fica a capela da Prótese ou "ofertório." É onde as ofertas dos Cristãos para o oficio divino são recebidas. Essa capela às vezes forma um compartimento separado, dividido do Santuário por uma parede com uma porta ou só por colunas ou cortinas. Em muitas Igrejas, no entanto, ela está ligada ao Santuário. Nesse espaço há sempre uma mesa sobre a qual são depositadas as ofertas. É chamada de mesa da Oblação e é coberta com panos ricos, como o altar; a parede em, volta é decorada com ícones. Sobre essa mesa também são colocados os vasos sagrados usados na preparação do Sacramento na Eucaristia. Eles são os seguintes:

A *Patena ou Diskos* (que significa uma bandeja redonda) onde são colocados as porções de pão cortados em memória de Cristo, da Mãe de Deus e dos Santos; também para os vivos e os mortos. Para maior conveniência a patena agora é feira com um pedestal. Pertencem à patena dois pequenos pratos ou bandejas. Num desses pratos é colocado o

pão do qual foi tirada uma porção em memória de Cristo: o topo desse prato é estampado no meio com uma Cruz, enquanto ao redor da borda do prato há a inscrição: "Diante da Tua Cruz nós nos prostramos, ó Mestre." No outro prato é colocado o pão do qual foi tirada uma porção em honra da Mãe de Deus; é o prato, estampado com a efígie da Theotokos e a inscrição ao redor da borda diz: "É verdadeiramente digno que te bendigamos, o Theotokos."

O Asterisco, consistindo em duas chapas metálicas (normalmente douradas) dobradas, presas por um parafuso, de maneira que, elas podem ser postas juntas, ou viradas assumindo a forma de uma Cruz. É colocado sobre a patena, para evitar que os pedaços de pão que foram postos numa certa ordem venham a se misturar.

A lança. Uma faca com forma de lança, com duplo fio, usada para tirar porções do pão.

O Cálice ou *Poterion* ("vaso para beber"), no qual é colocado vinho misturado com água durante a preparação do Sacramento. A ele pertence um galheteiro, no qual são apresentados o vinho e a água.

A Colher, com a qual os Santos Sacramentos — Corpo e Sangue de Cristo — são dados aos que comungam.

A esponja, que é usada para limpar os santos vasos depois da Liturgia. Em nossa Igreja são usadas duas esponjas. Com uma é limpa a patena, depois que as porções do pão foram jogadas no cálice: essa esponja é mantida no altar no *Antimension* e chamada de "esponja do *Antimension*." A outra, que é usada para limpar o cálice depois que ele foi lavado, é mantida na Mesa de Oblações, e é chamada "esponja de limpeza."

Os Véus - um dos quais cobre a patena, outro o cálice, e um terceiro cobre a patena e cálice juntos — são usados para proteger os Santos Dons de poeira e insetos. Esses véus são chamados de *Aërs*, porque eles cobrem os Santos Vasos usados como o ar cobre a terra; o véu maior é conhecido especialmente por esse nome.

Os abanadores são usados para afastar os insetos dos Santos Dons, quando os véus são removidos. Nos tempos antigos usava-se fazer os abanadores com penas de pavão, linho ou couro fino. No presente eles são feitos de metal, na forma de um círculo, algo como a glória ao redor da cabeça de um santo, e com um longo cabo; no meio do círculo é representado um Querubim. Esses abanadores são usados principalmente nos ofícios pontificiais, e são para nos lembrar que os Querubins adoram Deus conosco diante de Seu altar.

O Vestiário.

Do lado direito do Santuário é separado um espaço que é chamado de vestuário. Ali são guardados os ossos da Igreja, os livros que são usados na celebração dos ofícios, e as vestimentas daqueles que celebram. Como todos esses artigos são cuidados pelos diáconos, o vestiário é também chamado de *diakonnicon*. Nos velhos tempos toda sorte de presentes alimentícios para os clérigos costumava ser trazidos para este lugar, tais como arroz ou trigo cozido (*kutiá*), queijos, ovos, queijos Pascal doce.

A Nave da Igreja.

O Santuário, junto com a *Prótese* e vestiário, são separados do espaço dedicado aos fiéis por uma grade ou parede, que é chamada de *Iconostase*, (suporte de ícones), porque é decorada com ícones ou imagens sagradas. A *Iconostase*, tem três portas. As meias portas dobradiças no meio, que conduzem ao Santuário, ao altar, são chamadas de Portas Santas, porque os Santos Dons da Eucaristia são levados para fora do Santuário, através delas, ou porque o Rei da Glória, Jesus Cristo, passa por delas na Sagrada Eucaristia. Essas portas são geralmente decoradas com ícones, que usualmente representam a Anunciação e os Quatro Evangelistas, com seus símbolos e características, para significar que no altar e oferecido o sacrifício para a salvação do gênero humano, as primeiras boas novas da qual foram recebidas pela Virgem Maria do Arcanjo Gabriel, como sabido pelas narrativas dos Quatro Evangelistas. Encostada por trás das Portas Reais fica pendurada uma cortina. Durante os ofícios as Portas Reais são abertas para os celebrantes entrar e sair do Santuário, enquanto a cortina é aberta ou fechada, mesmo quando as Portas reais estão fechadas, para enfatizar certas orações e o significado de certos ritos. Assim durante ofícios penitenciais tais como as completas, o ofício da Meia-noite e as Horas, a cortina permanece fechada, representando que nossos pecados nos levam para longe do céu, de Deus. Durante os ofícios solenes e jubilosos, que asseguram que o Senhor nos salvou, tais como Vésperas e Matinas, a cortina fica aberta. Durante a Liturgia, a cortina permanece aberta a maior parte do tempo. A Porta à esquerda das Portas Reais conduz à *Prótese* e é chamada "porta nobre," enquanto a que fica à direita conduz ao vestiário e é chamada "porta sul" ou "porta dos diáconos." Nessas duas portas normalmente existem pinturas representando os anjos — os mensageiros de Deus, que ministram para Ele no Reino do Céu — ou diáconos santificados, que na sua vida, se encarregam da *Prótese* e vestiário.

Além da decoração das portas, a parede inteira que separa o Santuário da nave é decorada com ícones, em uma, duas ou mais fileiras. Tais *Iconostases*, por isso diferem em aparência: umas são como uma grade com aberturas, variando em altura, ou uma parede sólida indo até o teto. Os ícones da primeira fileira são chamados de "ícones locais." À direita das Portas Reais há sempre um ícone do Salvador, e perto dele o "Ícone da Igreja," isto é, uma representação do Santo ou evento, em honra de quem ou o que a Igreja tem seu nome e é dedicada. Doa lado esquerdo há um ícone da Mãe de Deus. Na mesma fileira, se há espaço, normalmente são colocados ícones dos Santos que são mais venerados em dada colhida. Acima das Portas Reais é usual colocar-se uma pintura da Última Ceia, significando que, participando dos Santos Sacramentos de Cristo, os homens são tornados dignos de entrar no Reino do Céu. A segunda fileira é o lugar para a apresentação de diferentes festas da Igreja, isto é, dos principais eventos das vidas de Nosso Senhor e sua Mãe. A terceira fileira contém os ícones dos Apóstolos e no meio deles, logo acima da Ultima Ceia, há uma representação de Jesus Cristo — o assunto da pregação deles — em vestes reais ou episcopais, como Sua Mãe à direita e o Precursor à esquerda. Tal apresentação de Cristo, leva o nome especial de *Deisis**. Se existir uma quarta fileira, é preenchida com ícones dos Profetas do Velho Testamento e no meio deles fica a Mãe de Deus com a Divina Criança. Uma quinta e sexta fileiras terão ícones de santos mártires e bispos santificados. O topo da *Iconostase* é adornado com a cruz, que tem a efígie de Jesus Cristo crucificado. Uma *Iconostase* decorada dessa maneira traz para diante de nós todos os moradores do céu e serve como um livro,

do qual mesmo aqueles que não conseguem ler podem aprender a história da Igreja de Cristo e sua doutrina.

A *Iconostase* não se levanta no limite do chão levantando do santuário, assim essa parte mais alta projeta-se na nave. A parte dessa plataforma em frente da *Iconostase* é chamada de *Soléas* (o que significa "lugar elevado"). Nessa elevação ficam os Cristãos para receber a Santa Comunhão, e os celebrantes saindo do santuário postam-se ai enquanto falam as orações publicas e falam coisas instrutivas ou lêem pedaços das Escrituras. De ambos os lados são colocados os leitores e os cantores. O meio da plataforma bem em frente das Portas Reais, onde é dada a Santa Comunhão, e orações são ditas, é chamado *Ambo*, que significa Elevação, e o lugar separado de cada lado para os leitores e cantores é chamado *kliros*. A palavra significa lotes. Esses lugares são chamados assim porque nos primórdios da Igreja os leitores e cantores eram escolhidos por lotes.

Perto de cada *kliros* são mantidos os ícones portáteis que são usados nos ofícios divinos fora da Igreja. Eles são ligados a longos cabos, as vezes por argolas, mais freqüentemente por cordas, e tem a forma de estandartes. De fato são chamados de estandartes, pois eles representam os estandartes da Igreja, sob os quais Cristãos, sendo os guerreiros do Reino de Cristo, vão para a luta com os Inimigos da verdade e amor. O espaço em frente ao *soleas* é reservado para os fieis; as paredes, assim como os pilares que suportam as cúpulas, são decorados com Ícones e pinturas representando eventos da historia da Igreja de Cristo.

Na direção oposta das Portas Reais, no lado oeste da Igreja, há uma porta de entrada conduzindo ao vestíbulo, é chamada de "porta bonita," porque normalmente é ricamente decorada — também chamada simplesmente de "porta da igreja," porque ela conduz à Igreja. Em Igrejas grandes há outras portas menores nos lados sul e norte da Igreja; através delas os fieis podem ir para os vestíbulos laterais e os pórticos.

Vestíbulo e Pórtico.

O vestíbulo é dividido em duas partes, a interna e a externa, essa ultima sendo chamada o "Pórtico." O pórtico interno, usado nos tempos antigos, para separar os catecúmenos — pessoas que desejavam tornar-se Cristãs, estavam recebendo instrução e preparando-se para o batismo — e para penitentes, Cristãos que por seus pecados, não podiam comungar. No vestíbulo era colocada a fonte para a realização do batismo; nesse local, os Cristãos costumavam também, comer seus alimentos numa mesa comum depois da Liturgia. Em alguns mosteiros, o vestíbulo hoje em dia serve de refeitório. É nos vestíbulos que a Igreja ordena os ofícios penitenciais serem celebrados, para mostrar claramente que os homens afastam-se muito de Deus pelos seus pecados e tornam-se indignos de permanecer com seu povo. No vestíbulo externo ou pórtico os "choradores" costumavam ficar nos tempos antigos — uma classe de penitentes que era proibida de entrar na Igreja, e dali imploravam as orações daqueles que entravam na Igreja. No oriente, ofícios funerários sobre o corpo de Cristãos que partiram são realizados no pórtico.

Artigos Para os Serviços Divinos.

Lamparinas, Candelabros e Castiçais.

Em todas as Igrejas, no altar e na Mesa de Oblações, também através do altar e em frente dos ícones, luzes são mantidas queimando, não só durante os ofícios vespertinos ou noturnos, mas também durante ofícios diurnos. Elas significam que o Senhor dá a luz da verdade, e que nossas almas ardem com o amor de Deus e são penetradas com sentimento de alegria e devoção. É bem de acordo com esse conceito que a Iluminação da Igreja é aumentada durante os ofícios solenes de dias santos e diminuída durante os ofícios penitenciais.

Para a iluminação de uma Igreja, duas coisas são necessárias: óleo e cera. Óleo (produzido pelo fruto da oliveira), simboliza graça, indicando que o Senhor derrama Sua graça sobre os homens, enquanto os homens por seu lado estão prontos a oferecer a Ele, em sacrifício dons de misericórdia. A cera pura, colhida pelas abelhas de flores perfumadas, é usada significando que as orações oferecidas por um coração puro são aceitas por Deus.

Dos castiçais e candelabros usados na Igreja, alguns são portáteis e alguns estacionários, todos variando no numero de velas ou lamparinas que eles tem. Os castiçais são sempre portáteis e levam uma, duas ou três velas. Uma vela nos lembra que há um só Deus, Que é a Luz Eterna.; o castiçal com duas velas é chamado *Dikirion* ("duas velas"), e indica que em Jesus Cristo estão unidas duas naturezas — a divina e a humana; o de três velas é chamado *Trikirion* ("três velas"), e alude, as três pessoas da Divindade. Há candelabros estacionários em pé ou suspensos, em frente aos ícones, segurando tanto velas quanto lamparinas. Esses são chamados de *candily* ou *lâmpadas* e leva uma só vela; *polycandils* ("muitas luzes"), se eles levam sete ou doze velas (sete velas em alusão aos setes dons do Espírito Santo, e doze em alusão aos Apóstolos); finalmente *panicandils* ("todas as luzes") são aqueles que levam mais de doze velas. Às vezes, se um *panicandil* é feita na forma de circulo, guarnecido com velas, ele é chamado *khoros*, que significa "círculo," "assembléia."

Incenso.

Além das lâmpadas, castiçais e candelabros, com suas velas e pavios acesos, um item importante dos ofícios divinos é a queima e balanço do incenso (resina perfumada de árvore). Esse balanço é executado às vezes diante do altar e dos ícones; então ele expressa o desejo dos fieis que suas orações subam ao Céu, como a fumaça do incenso vai para o alto. Às vezes o incenso é balançado na direção dos fiéis; ele expressa então o desejo do celebrante que a graça do Espírito Santo abranja as almas dos fiéis como a nuvem perfumada do incenso os envolve. O vaso que contem o incenso é chamado de turíbulo; ele é uma taça com uma cobertura presa por três finas correntes, que são unidas em uma só no topo.

Toque dos Sinos

Toda Igreja tem sinos. Eles são colocados ou o telhado ou no interior das cúpulas, ou na entrada acima do pórtico, na assim chamada "câmara dos sinos," ou ainda próximo da Igreja em estruturas especialmente erigidas chamadas campanários. Se a câmara de sinos é feita na forma de uma torre alta acima do pórtico, então é também chamada de campanário.

Os sinos são usados pra chamar os fiéis para os ofícios divinos, para expressar o triunfo da igreja, e para anunciar os principais atos do ofício para aqueles Cristãos que não estão presentes, para que eles possam se juntar mentalmente às orações comuns dos fiéis. Há três maneiras de tocar os sinos, de acordo com o objetivo para o qual ele é tocado:

1. Um sino é tocado várias vezes com intercalos curtos. Isso é feito antes do começo do ofício, para anunciar que ele está para começar. Do mesmo modo é anunciado o momento da Liturgia quando o Santo Mistério está realizado, e às vezes a leitura do Evangelho em outros ofícios. Onde existem muitos sinos, diferentes sinos são usados em diferentes dias, e eles têm diferentes nomes — tais como "sino festivo," "sino de domingo," "sino de dia de semana," "sino pequeno."
2. Vários sinos são tocados juntos três vezes, em um "dobre" (em russo, *trezvon*). Isso é normalmente feito no início de ofícios solenes (Liturgia, Vésperas, Matinas), depois do toque inicial em 1. Nos dias de festa importante os sinos são tocados desse modo o dia todo.
3. Todos os sinos são tocados um por vez, e depois de todos terem sido tocados assim duas ou três vezes, eles são tocados juntos. Isso é chamado carrilhão, e é reservado para ocasiões especiais, tais como trazer para fora a Cruz e o Sepulcro na Sexta-Feira Santa e durante procissões.

As Pessoas Realizando os Ofícios

O Clero.

As pessoas que tomam parte na realização dos ofícios divinos são divididos em celebrantes e servidores da Igreja. Só são chamadas de celebrantes as pessoas que receberam a graça do Espírito Santo, através do Sacramento das Ordens: elas são, os bispos, os presbíteros e os diáconos.

O primeiro e mais elevado grau do sacerdócio pertence ao bispo (*Episcopos*, que significa "o que vê além"). Esse nome é dado para o sucessor dos Apóstolos no serviço e governo da Igreja; como o respeito aos ofícios divinos públicos, os bispos são os chefes ou cabeças de todas as Igrejas situadas em suas dioceses. Eles dedicam Igrejas, consagram *Antimension*, dão autoridade para a celebração de ofícios nessas igrejas, e apontam todos aqueles que tem qualquer cargo nelas. Durante os ofícios do Espírito

Santo é concedido aos homens, abençoam os Cristãos com as duas mãos, e em sua capacidade de professores chefes e iluminadores dos fiéis, eles também os abençoam com velas acesas — o *Dikirion e Trikirion*. Quando dando a benção eles compõem os dedos da mão direita de modo a formar o nome de Jesus Cristo em grego. Para fazer isso o dedo indicador é mantido esticado e o dedo médio levemente dobrado, representando as letras "IC"; então o dedo anular é dobrado, o dedão é colocado atravessador nele, o dedo mindinho é levemente inclinado, formando as letras "XC." Esse modo de compor os dedos é chamado nominal Em sua capacidade de chefe sobre os presbíteros, de outro lado chamado *ieréi*, o bispo também tem o nome de Arch-*ierens*. Todos os bispos são iguais entre si, devido a graça comum do seu sacerdócio, Mas como os distritos sujeitos a jurisdição deles diferem em tamanho e importância, com relação aos reinos e impérios terrestres, há graus nos títulos dos bispos: aqueles encarregados somente de pequenos distritos ou cidades são chamados simplesmente de bispos ou *Archiérei*. Aqueles cuja jurisdição extende-se sobre cidades maiores ou provinciais ultimamente passaram a assumir o título de "Arcebispos" (ou seja, chefe ou primeiro entre os bispos); o bispo de uma cidade que é capital, de outro lado chamado de "metrópole," é intitulado "Metropolita"; os bispos de antigas capitais do Grande Império Romano (Roma, Constantinopla, Antioquia) e de Jerusalém — as cidades das quais a fé Cristã se espalhou pelo globo — receberam o título de "Patriarca" (que significa "chefe dos pais"). Um bispo às vezes tem um assistente, que é também um bispo; esses bispos subordinados são chamados de "Vigários," isto é, que é também bispo; esses bispos subordinados são chamados de "vigários," isto é, "lugares tenentes." Em alguns paises, como por exemplo, na Rússia, as Igrejas são governadas por uma assembléia de vários bispos; tal assembléia é conhecida pelo nome de "Sínodo."

O segundo grau de sacerdócio ordenado é ocupado pelos *irréi* ou presbíteros, que pela autoridade e benção de seus bispos, governam pequenas comunidades Cristãs, chamadas de "paróquias," e tem a seu encargo as Igrejas paroquiais. Eles abençoam o inicio de todo ofício divino público, realizam todos os sacramentos com exceção da ordenação, e tem sob sua supervisão todas as pessoas que tem qualquer serviço nessas Igrejas. Eles também direito de dar a sua benção em nome do Senhor para os que lhes são inferiores no grau espiritual, mas só com uma mão. Todos os presbíteros são iguais quanto a graça do sacerdócio; mas há diferenças entre lês, de acordo com a importância das Igrejas e paróquias dadas a seus cuidados. Alguns são chamados simplesmente presbíteros ou *ierréi*; outros recebem o título de "arciprestes" ou *protoiréi* (isto é, primeiro, ou sênior presbítero); arciprestes tem a precedência quando eles realizam ofícios juntos com o presbítero de grau menor. Presbítero que fizeram os votos monásticos são chamados de *hieromonges*, que significa "padre-monge."

O diácono tem o terceiro grau do sacerdócio. "Diácono" significa "ministrador." Ele ministra para o bispo e para os presbíteros na realização dos sacramentos, mas não pode realiza-los ele mesmo; e assim não tem o direito de abençoar em nome do Senhor. Nos Ofícios públicos divinos, ele mesmo, e assim não tem o direito de abençoar em nome do Senhor. Nos ofícios Divinos, ele, pela benção do presbítero recita as orações comuns, lê trechos da Sagrada Escritura,e observa se os fiéis se comportam decorosamente! No grau de sua ordenação todos os diáconos são iguais; no entanto existem diferentes graus entre eles. Os diáconos seniors das Igrejas principais são chamados protodiáconos e tem precedência quando eles celebram com outros diáconos; e o principal diácono ligado a pessoa de um bispo recebe o título de arcediago. Se um diácono e também um monge ele é chamado de hierodiacono.

Servidores da igreja (clérigos e acólitos) são pessoas indicadas para certos serviços em uma Igreja usada como local de louvação. A mais a alta posição entre eles é a de "subdiácono" ou *hypodiacono*; eles assistem nos serviços pontificiais e por isso são encontrados principalmente nas Igrejas Catedrais. Depois deles vem os leitores e membros do coro também chamados de "clérigos" e "leitores de salmos," e os sacristãos ou guardadores das portas. Parte da obrigação desses últimos é manter a Igreja ordenada e limpa e tocar os sinos. Durante os ofícios eles levam para fora os castiçais e o turíbulo, e quando eles terminaram esse serviço, eles tomam parte na leitura e canto. Todos os servidores juntos formam o "staff da Igreja" porque eles estão ligados à Igreja. Eles são também chamados "clérigos," ou coletivamente, o *klyros*, mas então seria melhor serem todos juntos chamados de "clero," e dividido em "maior" e "menor." O Clero maior inclui os celebrantes — bispos, presbíteros e diáconos; o menos inclui os servidores da Igreja.

As Vestimentas.

A Antiguidade das Vestimentas. — Nos primeiros tempos do Cristianismo, pessoas que serviam na igreja usavam vestir, enquanto realizavam o serviço divino, o mesmo tipo de roupas usadas pelos leigos. Mas um sentimento de reverência incitou-os a aparecer na louvação comum com trajes festivos e limpos. A cor favorita para tais ocasiões era o branco, levando em consideração que o serviço para a Igreja demanda santidade e pureza. As roupas para os celebrantes eram providenciadas pela comunidade; elas eram mantidas em lugares secretos e dadas para os celebrantes quando eles se preparavam para o ofício. Essa é a origem das vestimentas de Igreja ou santas vestes. Com o correr do tempo o corte das roupas dos leigos mudou; vários povos adotaram novas modas; só o corte das vestes da igreja, usadas enquanto celebrando os ofícios Divinos, permaneceu inalterado e universalmente o mesmo, tendo vem vista a unidade e a imutável natureza da fé e como uma alusão às qualidades demandadas dos ministros da Igreja. Todas essas vestes eram, desde os primeiros tempos, decoradas com Cruzes, para distingui-las das vestes comuns.

O Esthicarion ou Túnica Alva. — A veste universal usada por todas as nações antigas, homens e mulheres igualmente, era o *Chiton*, de outra forma chamado de túnica ou *Esticharion*, uma veste longa com mangas e que ia até o chão. Essa veste permanece comum a todas as classes de pessoas ordenadas, com a pequena diferença que a túnica do diácono tem magas largas, enquanto a do presbítero e a do bispo tem mangas justas nos braços. Pela brancura brilhante essa veste lembra ao celebrante que a graça do Espírito Santo cobre a Ele com a veste da salvação e alegria, e reveste-o com beleza. Em nossos dias, os membros do baixo clero também estão autorizados a usar essa veste.

Orarion e o Epitrachelion. — Outra peça indispensável da roupa de todo homem era a tolha ou faixa, que todos usavam, e jogada sobre um ombro e às vezes sobre os dois. Os pobres usavam-na para secar sua boca e face depois nas abluções; enquanto homens ricos, de nível, que tinham escravos para carregar suas toalhas, usavam a faixa que eles consideravam um ornamento, e assim feita de material rico e às vezes decoradas com pérolas e pedras preciosas. Tal faixa era chamada *Orarion*. O *Orarion* — ou estola permaneceu como uma das vestes sagradas, para ser usada por todas as classes de pessoas ordenadas, considerando que a graça do Espírito Santo flui para elas

abundantemente. Diáconos usam o Orarion sobre o ombro esquerdo e só em certas ocasiões coloca-no em volta do tronco cruzado.O Orarion é a peça principal da veste do diácono, e sem ele p diácono não pode celebrar nenhum ofício nunca. Segurando uma ponta do Orarion com sua mão direita, ele a levanta, quando ele convida a congregação a iniciar as orações e a ouvir atentamente; também quando ele recita orações. Nos velhos tempos, os diáconos costumavam secar os lábios dois comungantes com o Orarion depois que eles tinham recebido a Eucaristia. Porque os diáconos ministram na terra ao redor do altar do Senhor como os anjos circundam o Senhor nos céus, assim, em alusão a isso, o hino angélico: "Santo, Santo, Santo é o Senhor Sabaoth!!!" Antigamente usava ser bordado no Orarion. Presbíteros e bispos usam essa peça sobre ambos os ombros, de maneira a que ela da a volta em seus pescoços e desce ela frente em dois pedaços que por conveniência são ou costurados ou abotoados juntos. Por essa maneira de usar, o *Orarion* ou estola dupla do presbítero tem o nome de *Epitrachélion*, que significa "o que é usado ao redor do pescoço." Presbíteros e bispos então usam o *Orarion* em ambos os ombros por conta de terem recebido a graça adicional do sacerdócio e se devotarem completamente para a Igreja. Dos servidores da Igreja somente os subdiáconos usam o *Orarion*, cruzado sobre os ombros ou atado embaixo de um dos ombros.

Os Manípulos, ou Punhos, e a Zona ou Cinto. — A costume muito antigo também pertencem os Manípulos — um tipo de punhos, embaixo dos quais os homens costumavam juntar no punho as mangas largas do *chiton* ou túnica — e a zona ou cinto que eles cingiam à cintura, quando se preparavam para qualquer trabalho ou saiam em viagem. Manípulos ainda permanecem um atributo de todos os graus do sacerdócio, como uma indicação que um ministro da Igreja deve esperar, não ser sua própria força, mas do auxílio de Deus. O cinto é usado só por presbíteros e bispos, e serve para lembra-los que Deus reforça-os com sua própria força, coloca-os no caminho da justiça, e ajuda-os a ascender à altura da santidade com a velocidade dos cervos.

O Phelidon ou Capa e o Saccos. — Sobre o *chiton* ou túnica os antigos costumavam usar uma veste chamada *Phelónion*. Era longa, larga, sem mangas, envelopando a pessoa toda, e deixando só uma abertura para a cabeça. Pessoas pobres faziam essa peça de algum material espesso, grosseiro, e usavam-na só para viajar para proteger do frio e do mau tempo. Os ricos usavam a mesma peça, feita de material macio de modo que não era só uma proteção em viagem, mas um manto ornamental. Era feito de maneira a permitir que o usuário tirasse as mãos para fora e as usasse. Para esse efeito existiam anéis sobre os ombros para deixar ambas as mãos livres, ele apresentava o aspecto de duas bolsas das quais a grande até embaixo atrás e a outra, menor, em frente. O *Pholenion* tem sido preservado como uma das peças de vestimenta dos presbíteros, tendo em conta que eles são investidos com a verdade, e são defendidos por ela de todas as iniqüidades que os cercam, e conseqüentemente deveriam ser ministros da verdade. Em Igrejas orientais o *phelonion*, ainda é feito segundo o modelo antigo, de igual comprimento na frente e atrás. Mas nas Igrejas russas, onde essa peça de roupa é feita dos mais ricos tecidos, de ouro e prata que seria difícil enrolar nos ombros, ele é cortado na frente, sendo muito mais curto que atrás. O *Phelonion* é usualmente chamado simplesmente de "manto" (*ríza*).

Por muitos séculos o *Phelonion* foi usado também pelos bispos. Mas quando a fé cristã se tornou predominante, os Imperadores gregos concederam aos principais bispos — os Patriarcas — o direito de usar a *Dalmáticas* — uma roupa como uma túnica curta com

mangas curtas, ou meia manga, - usada só por eles e os grandes do Império . Os bispos adotaram essa roupa, não como um adorno mundano, mas como um lembrete de que eles devem se elevar para a santidade dd vida, e chamaram a roupa de saccos, que significa uma "roupa de saco," ou "roupa de humildade." Com o correr do tempo, o saccos tornou-se comum a todos os bispos, e eles agora o usam em lugar do *Philenion*.

O Omophorion. — Nos tempos antigos pessoas idosa ou com saúde fraca usavam em seus ombros, por cima do *Phelenion*, para manter-se quentes, uma pele de ovelha, que era chamada *omophorion*, isto é, "coberturas de ombros." Alguns bispos, especialmente os mais idosos, usavam a pele de ovelha mesmo durante os ofícios divinos, colocando-a de lado nos momentos mais solenes. Logo o *Omophorion* foi acrescentado às vestes da Igreja, como uma peça distintivamente pertencente aos bispos. Inicialmente foi feito de pele de ovelha, depois de lã branca mas hoje em dia é do mesmo material que o resto das vestimentas. É uma faixa longa e larga, adornada com cruzes e colocada nos ombros do bispo de modo que uma ponta desce pela frente e a outra por trás. Essa vestimenta lembra o bispo que ele deveria pensar na conversão dos desviados, como um pastos misericordioso, que coloca a ovelha perdida sobre seus ombros.

A Mitra, a Calimáfia ("Kamilavka") e a Scufia. — Os antigos usavam na cabeça uma longa faixa de linho, que era enrolada em volta da cabeça e chamada de "banda da cabeça" ou "faixa." De acordo com a posição e riqueza do usuário, essa faixa diferia em material e forma. Primeiramente só Patriarcas adotavam a faixa durante os Ofícios Divinos; mas com o correr do tempo ela tornou-se parte das vestes sagradas de todos os bispos. Hoje em dia, arquimandritas, protopresbíteros, arciprestes, e alguns presbíteros têm o direito de usar algo na cabeça durante os ofícios divinos. O de bispos, arquimandritas e protopresbíteros é chamado mitra (que significa "banda de cabeça"); o dos presbíteros é chamado, de um tipo calimáfia — Kamilavka , e de outro tipo scufia. Alguns arciprestes também podem usar uma mitra. A palavra *kamilavka* significa ou "algo feito de pelo de camelo" ou "algo que protege contra o calor";enquanto *scufia* significa "algo parecido com uma taça ou crânio."

O Epigonation ou "Palitsa" e o "Escudo da Coxa" ("Nabedrennik"). — Nos tempos antigos pessoas que ocupavam posições importantes nos exércitos e nas cortes usavam espadas de diferentes tipos, e sob elas, suspensos do cinto, protetores de joelhos, que também variavam em forma. Eles eram quadrados, ligados ao cinto por duas cordas ou fios, ou menores na forma de losango, ligados por um fio. Os protetores de joelho do segundo tipo — *epinogation* (em russo *pálitsa*). Esses artigos, bem como as armas que repousavam neles, eram sinais de distinção conferidos a servidores do Estado. Os Imperadores gregos depois de se tornarem Cristãos concederam aos bispos e a poucos presbíteros o direito de usa-los sem as espadas; assim eles foram acrescentados às vestes da Igreja como sinal de distinção. Aqueles que receberam o direito de usar o "protetor de coxa" sozinho suspendiam-no do lado direito; se o *epigonation* era acrescentado, ele era usado do lado direito e o protetor de coxa do lado esquerdo. Os presbíteros e bispos para quem esses sinais de distinção são concedidos, usam-os como uma lembrança de que eles receberam a espada espiritual — a Palavra de Deus, com a qual eles devem destruir tudo que é impuro e vicioso.

Para recapitular. — A túnica ou *sthicarion* é a roupa do leitor; a do sub-diácono é a túnica com o *orarion* ou estola, sempre enrolado na pessoa; diáconos têm a túnica, a estola e o *phelonion* ou manto externo; e alguns têm, em acréscimo, o "protetor de coxa," o *epigonation*, a calimáfia, e a *scufia*. As vestes de um bispo são: a túnica, o *epitrachelion*, o cinto, os punhos, o protetor de coxa, o *epigonation*, o *saccos*, o *omophorion* e a mitra.

A Cruz Peitoral, a panagia, o Báculo e os Tapetes de Águia (Orlets). — Esses itens fazem parte das atribuições especiais e adornos dos bispos nos dias presentes.

Eles usam uma Cruz no peito, por fora de seus mantos, em lembrança de que eles não deveriam meramente carregar Cristo em seus corações, mas também confessa-lo na face de todos os homens, isto é, que eles devem ser pregadores da fé de Cristo. Tais Cruzes, ornamentais de várias maneiras, são dadas também como sinal de distinção para todos os arquimandritas, e para vários arciprestes, e presbíteros.

A *panagia* ("que significa toda santa") é uma imagem redonda ou oval do Salvador ou da Mãe de Deus, não grande, mas ricamente decorada, que os bispos usam no peito. Também é dada para alguns arquimandritas. Nos tempos antigos as *panagias* eram feitas em formas diferentes — como um díptico dobradiço, redondo ou quadrado, tendo de um lado a imagem da Virgem, e do outro lado a do Salvador ou da Santíssima Trindade. Existia também um receptáculo para guardar partículas de santas relíquias.

O Báculo ou bastão pastoral é hoje em dia usado por todos os bispos por conta deles serem pastores do rebanho de Jesus Cristo e deveriam cuidar dele como um pai de seus filhos. Por essa razão o báculo é também chamado *paterissa* (da palavra grega *pater, "pai"*). O báculo episcopal tem um ganho duplo no topo e acima do gancho uma Cruz. O gancho duplo é normalmente feito como cabeças de serpente em ambos os lados, em memória das palavras do salvador: "*Sede sábios como as serpentes."* Como a serpente se renova anualmente, retirando sua pele velha forçando-se através de plantas espinhentas, assim o bispo, enquanto guiando seu rebanho deve seguir ele próprio e conduzir outros ao longo do caminho da iluminação e renovação, apesar das angustias e sofrimentos. Abaixo dos ganchos, um pedaço de algum tecido elegante é amarrado, como um ornamento, e para tornar mais agradável de manusear o báculo.

Os *Orléts* (tapetes de águia), são tapetes ovais ou redondos, pequenos onde está representada uma águia; com uma glória ao redor da sua cabeça, voando acima de uma cidade. Durante os ofícios divinos, o bispo fica em cima desses tapetes, como uma lembrança que ele deveria, por seu ensinamento e sua vida, elevar-se acima de seu rebanho, e ser para ele um exemplo de uma alma aspirando das coisas da terra para as coisas do céu.

Louvação Pública.

Os Três Ciclos.

A louvação pública consiste em várias coleções de orações, ou ofícios da Igreja. Todos esses ofícios são adaptados para as vinte e quatro horas do dia. Eles expressam nossa lembrança de eventos que aconteceram em certas horas do dia, e contem petições adaptadas a essas memórias.

O Ciclo Diário.

Nos tempos antigos, os dias eram contados a partir do anoitecer. Às seis horas da tarde (pm) como contamos hoje em dia, a noite começava, e era dividida nas seguintes quatro partes ou vigias (tempos de troca de sentinelas): anoitecer (das 6 às 9 da noite); meia-noite (de 9 as 12); canto do galo (12 ás 3 da manhã), e manhã (das 3 às 6). O dia começava às 6 da manhã pela nossa contagem, e também era dividido em quatro vigias ou horas: a primeira hora (6 ás 9); a terceira hora (9 as 12), a sexta hora (12 as 3), e a nona hora (3 às 6). Os Cristãos começavam cada parte do dia por orações comunitárias. Isso resultou em oito ofícios: Vésperas, Completas, Ofício da Meia-noite e Matinas para noite; e ofícios da Primeira (Prima), Terceira (Tércia), Sexta, e Nona Hora para o dia. Além desses, para cumprir o comando de Cristo de partir o pão em memória Dele, os Cristãos celebram todo dia a Liturgia, ou, se não a Liturgia, a *Typica*, também chamada de "Ofício Pró-Liturgia." Assim era formado um ciclo diário de nove ofícios.

O Ciclo Semanal.

Todo dia da semana é consagrado a certas memórias especiais, como segue: Domingo, para Cristo ressuscitado dos mortos; Segunda-feira, para honrar os santos Anjos; Terça-feira, para memória dos Profetas e, entre eles, o maior entre todos os Profetas, João o Precursor; Quarta-feira é consagrada para a Cruz de Cristo, porque é p dia da traição de Judas; Quinta-feira, para a memória dos Apóstolos e todos os bispos santificados, e entre eles, Nicolau o Bispo de Mira em Lícia; Sexta-feira, para a Cruz, sendo o dia da Crucificação; Sábado, aos santos, especialmente à Mãe de Deus, e à memória de todos aqueles que morreram na esperança da ressurreição e da vida eterna. A rememoração desses eventos e pessoas é feita por certos hinos e orações, diferentes ara cada dia da semana, que entram no ciclo diário fixo de ofícios. Além disso, os ofícios de sábado e especialmente aqueles de domingo são celebrados com maior solenidade, sendo ofícios de dias festivos; enquanto os ofícios de Quarta e Sexta feira são consagrados à penitência, e são acompanhados por jejuns severos ao longo do ano todo, com exceção de seis semanas no ano, quando os jejuns são suspensos em honra de memórias especiais. Essas semanas são chamadas de semanas completas, porque elas não são interrompidas por jejuns. Elas são as duas semanas depois do Natal, a semana do Fariseu e do Publicano, a semana antes do começo da Grande Quaresma, a semana que se segue à Páscoa, e a que se segue ao Pentecostes. Essas são as peculiaridades de cada dia da semana, e assim é formado o ciclo semanal de ofícios.

O Ciclo Anual.

Todo dia de todo mês, todo dia do ano é consagrado à memória de certos eventos ou de diferentes santos. Em honra de cada dado evento ou pessoa, hinos especiais, orações e ritos foram estabelecidos, e foram acrescidos aos hinos e orações para o dia da semana, introduzindo mais novas características na rotina fixa dos ofícios diários — características que mudam em cada dia do ano. Isso forma o ciclo anual de ofícios.

Festas.

No ciclo anual, as maiores modificações nos ofícios ocorrem nos dias de grandes festas e nas quaresmas. De acordo com os sujeitos nos ofícios, os dias de festa são divididos em festas de Nosso Senhor, festas do Próprio Deus, festas da Mãe de Deus e festas de Santos, em louvor de santos anjos e santos homens. De acordo com a solenidade dos ofícios, as festas são divididas em grandes, médias e menores; de acordo com o intervalo de celebração, em fixas, ou seja, retornam periodicamente na mesma data do mesmo mês em cada ano, - e móveis, ou seja, que ocorrem no mesmo dia da semana anualmente, mas em diferentes dias ou mesmo diferentes meses, seguindo os movimentos da Festa na Páscoa.

A Festa Pascal.

Sendo o dia da Ressurreição de Nosso Senhor, é a festa das festas. Além dessa festa existem mais doze, algumas fixas, outras móveis, que são distinguidas com ofícios de solenidade especial. São chamadas as Doze Festas. Delas, algumas forma estabelecidas em honra do Senhor, outras da Mãe de Deus. As primeiras são: A Natividade de Cristo (Natal), 25 de dezembro; Teofania (Epifania), 6 de janeiro; Transfiguração , 6 de agosto; Entrada em Jerusalém (Domingo de Ramos), o Domingo antes da Páscoa; a Ascensão, na Quinta feira, o quadragésimo dia após a Páscoa; Pentecostes, em comemoração da Descida do Espírito Santo sobre os Apóstolos, no Domingo, o Qüinquagésimo dia depois da Páscoa; e o dia da Exaltação da Santa Cruz, em memória do encontro e levantamento ("exaltação") para adoração pública da Cruz na qual Cristo foi crucificado, 14 de setembro, Sua Entrada no Templo, 21 de novembro; o Encontro do Senhor, 2 de fevereiro; a Anunciação, 25 de março; e a Dormição da Mãe de Deus (Assunção) 15 de agosto *** . Existem dias precedendo e seguindo cada uma das doze festas, durante as quais os hinos pertencentes à festa são cantados em todos os serviços. Além e acima disso, o dia que se segue a muita das doze festas é consagrado à memória das pessoas que tomaram parte no evento que a festa comemora. Assim o dia seguinte à Natividade de Cristo é chamado de "*Synaxis* da Virgem," ou seja, a congregação se reúne para honrar a Mãe de Deus; no dia que se segue à Epifania há um serviço em honra de São João Batista; o dia depois do Pentecostes, em honra do Espírito Santo; o dia depois da Natividades da Virgem, em honra de seus pais, São Joaquim e Santa Ana; o dia depois da Anunciação é chamado de "*Synaxis* do Arcanjo Gabriel"; o dia depois da Apresentação do Menino Jesus, de "Synaxis de S. Simeão e Profetizada Ana."A Igreja prepara para algumas das festas por jejuns e orações especiais para os mortos.

A essência dos hinos para as várias festividades é contida nos *troparion* — ou verso — do dia. *Troparion* para a Natividade da Virgem: "O Teu Nascimento, ó Virgem

Theotokos, anunciou a alegria a todo o universo, pois de Ti nasceu o Sol da Justiça, o Cristo Nosso Deus, Que, levantando a maldição, nos abençoou, e destruindo a morte nos deu a vida eterna" — *Troparion* para a entrada da Virgem no Templo: "E hoje o prólogo da benevolência de Deus e a proclamação antecipada da salvação dos homens. A Virgem mostra-se abertamente no Templo de Deus, e anuncia Cristo, antecipadamente a todos. Clamemos-lhe também em voz forte: Salve, ó Realização do plano do Criador! — *Troparion* do encontro do Senhor: "Salve, ó cheia de graça, Virgem Mãe de Deus, pois de Ti Se levantou o Sol de Justiça, o Cristo Nosso Deus, iluminando aqueles que estão nas trevas. Rejubila também, justo Ancião, que recebeste nos teus braços Aquele que libera as nossas almas e nos dá a Ressurreição."

Combinação dos Ofícios

Nos tempos antigos, especialmente em mosteiros, todos os ofícios do serviço divino eram realizados separadamente, nas horas indicadas para eles. No tempo presente eles são combinados de maneira a se ajuntar em três serviços: o serviço do anoitecer, consistindo nos ofícios de Nona Hora, Vésperas e Completas — serviços matinais, consistindo nos ofícios da Meia Noite, Matinas e Primeira Hora — e serviços do meio do dia consistindo nos ofícios da Terceira e Sexta Horas e Liturgia (celebração da Santa Eucaristia). Nos dias que precedem Domingos ou dias de grandes festas, os serviços do anoitecer e os matinais são juntados em um, que é chamado de Vigília (isto é, "manter-se acordado"), e consiste de Vésperas, Matinais e Primeira Hora. Como em certos mosteiros, esses serviços, começando depois do por do sol, duram até o amanhecer, e sempre contem as orações para o anoitecer e matinais, ele é chamado de Vigília de Toda a Noite.

Se um dia de festa no qual a Liturgia deve ser celerada cai em um dos dias da Grande Quaresma quando normalmente não há Liturgia,a seguinte alteração é feita na distribuição dos ofícios: o serviço matinal consiste no ofício da Meia-Noite, Matinas e Primeira-Hora; o serviço do meio do dia, na Terceira, Sexta e Nona Hora, Typica e Vésperas; e o serviço do anoitecer, Completas.

Os Ofícios Diários.

As Vésperas começam com a glorificação de Deus, o Criador do mundo e sua Providencia, e consiste nas seguintes partes: petições colocando nossas necessidades; canto de salmos e hinos, que expressam pesar pela perda da beatitude do paraíso, e arrependimento pelos pecados; orações pela salvação, e expressões de esperança no Salvador. As orações penitenciais são seguidas por um hino de louvação em honra a Cristo, Que veio ao mundo, e então por petições que o Senhor tenha misericórdia de todos os Cristãos e conceda a eles graças espirituais. O oficio termina com o Pai Nosso, um hino de louvor em honra da Mãe de Deus, e a oração do Bem Aventurado São Simeão o Portador de Deus. Assim o oficio de Vésperas é repleto com memórias da Criação, da Queda, da Expulsão do Paraíso e a profunda contrição dos melhores homens, que encontraram seu único conforto na esperança no Salvador e jubilosamente comemoram Sua vinda.

Completas é o serviço que antecede a retirada para repouso. Somo sendo a imagem da morte, esse oficio é permeado com o pensamento da morte, não triste, mas iluminado pela lembrança de Cristo, depois de Sua morte, desceu aos infernos e dele trouxe as almas dos justos que esperavam Sua vinda. Existem a Grande e a Pequena Completas. A primeira consiste em três partes. Na primeira nós damos graças a Deus pelo dia, e expressamos a esperança que Ele nos conceda um sono repousante durante a noite que se aproxima, e repouso depois da morte com os Santos. Esses sentimentos encontram expressões, alem de em todas outras orações no verso: "Deus está conosco, sabei todos os poços e submetei-vos a Ele: porque Deus está conosco" — a segunda parte é penitencial.A essência de todas as orações é expressa no *tropário* * penitencial que é cantado: "Tem piedade de nós, Senhor, tem piedade de nós, pois pela perda de qualquer defesa, nós pecadores Te oferecemos, Nosso Mestre, tem piedade de nós!" — a terceira parte da Grande Completa consiste na glorificação do Senhor e de Seus Santos. A essência das orações que compõe essa terceira parte está expressa no salmo: "Louvai a Deus em Seus Santos," com o seguinte hino acrescentado: "Ó Senhor das hostes, tem piedade de nós!"

Pequena Completa é uma redução da Grande, consistindo só da terceira parte. Da primeira, só é lido o Credo, e da segunda o salmo penitencial (51) "Tem misericórdia de mim, ó Deus....."

O Ofício da Meia-Noite consiste de orações para serem ditas à meia-noite, em memória das orações de Jesus Cristo, à meia-noite nos jardins de Gethsemane, em imitação dos anjos , que, dia e noite, glorificam o Senhor, e como uma lembrança de que nós deveríamos estar sempre prontos a responder no dia do Julgamento de Cristo, Que virá inesperadamente, com o noivo na noite. O oficio de Meia-Noite consiste de duas partes: a primeira nos lembra por suas orações da Segunda Vinda de Cristo e do Julgamento, proclamando que "Benditos são os inocentes no caminho, que andam na lei do Senhor"; enquanto a segunda parte, contem orações para os mortos. O Ofício de Meia-Noite de Domingo consiste em glorificações da Santíssima Trindade.

Em alguns mosteiros, as orações matinais e vespertinas que todos os Cristãos deveriam ler ao acordar e antes de dormir são juntadas, respectivamente com os ofícios de Completas e Meia-Noite.

> Nota: Nos dias que é indicada uma Vigília de Toda Noite, os Ofícios de Completas e Meia-Noite são omitidos, exceto durante a Grande Quaresma, quando a Vigília (em geral) consiste na Grande Completa.

Matinas e Primeira Hora.

Matinas começa com orações para o Tsar, e, depois dessa orações, consiste principalmente em louvores ao Senhor, Que nos deu não só a luz do dia, mas também a Luz espiritual: Cristo o Salvador. Por isso, esse oficio inteiro é cheio de memórias do tempo em que Cristo apareceu na terra, e viveu aqui não reconhecido por aproximadamente todos os homens. O oficio de Matinas é dividido em três partes. A primeira parte consiste no canto de salmos que expressam penitencia e esperança no Redentor, e orações gerais por misericórdia. O cantar de salmos começa com a Doxologia que os anjos cantaram na noite da Natividade: "Glória a Deus nas alturas, paz na terra, e boa vontade para com os homens"; então é interrompida por uma glorificação mais direta da Encarnação de Cristo. "O Senhor é Deus e Ele Se

manifestou; bendito aquele que vem em nome do Senhor"; e termina com a glorificação da pessoa ou evento para a memória de quem ou do que o dia é consagrado. A segunda parte é inteiramente consagrada a glorificação do santo do dia ou do evento comemorado nesse dia. Ela consiste de hinos do Velho Testamento que se referem à vida do Salvador, e outros do Novo Testamento, mostrando que as expectativas dos justos de antigamente foram realizadas. A terceira parte consiste de hinos de louvação e orações para a concessão de dons espirituais para os Cristãos.

As Horas, ou ofícios das Horas, é o nome dado para curtos conjuntos de orações recitados nas horas que começam cada uma das quatro vigias do dia, e que para os Cristãos, estão associadas com lembranças especiais. Todos esses ofícios são similares em sua composição. Toda Hora começa com um convite para adorar Cristo e consiste na leitura de três Salmos. Segue-se: o tropário do dia, o *Theotokion* (um hino em honra à Mãe de Deus), o Pai Nosso, o *kontakion* * do dia, a oração "Tu Que em todo tempo e em toda hora..." e as orações conclusivas da hora. Mas com toda essa similaridade, o ofício de cada hora difere do outro porque cada hora tem seus salmos próprios e orações conclusivas, para se adaptarem aos eventos comemorados e com os pensamentos, sentimentos e desejos que essas lembranças chamam na alma dos fiéis. O oficio de Primeira Hora comemora a apresentação de Cristo perante Pilatos; o da Terceira Hora comemora o Julgamento de Cristo por Pilatos, o chicoteamento e a ridicularização, e a descida do Espírito Santo sobre os Apóstolos; o Ofício da Sexta Hora comemora Cristo indo para o Gólgota, a Crucificação, os insultos feitos a Ele na Cruz, as trevas que cobriram a terra; enquanto o ofício da Nona Hora comemora a Paixão de Cristo e a morte.

A Vigília de Toda Noite é o nome do serviço composto de Vésperas e Matinas, que é celebrado com grande solenidade, especialmente nas partes consagradas às memórias do dia.

Grandes Vésperas.

O Início.

O ofício começa com a glorificação da Santíssima Trindade. Com as Portas Reais abertas, a Igreja completamente iluminada, o presbítero, estando diante do altar, diz: "Glória à Santa, Consubstancial, Vivificante e Indivisível Trindade"; então o diácono * * convida três vezes a congregação a adorar Cristo, Nosso Deus e Rei. Em resposta a esse convite, os fiéis — ou o coro em seu lugar ´começa a cantar o Salmo 104 de Davi, que glorifica Deus, o Criador e Sua Providência: "Bendiz a minha alma ao Senhor! Senhor, Meu Deus, tu és infinitamente grande. De majestade e esplendor Tu Te revestes.... Ó Senhor quão harmonistas são as Tuas obras! Feitas todas com sabedoria ..." O Salmo é concluído com o três vezes cantado "Aleluia" que significa "Louvai ao Senhor," ou "Que o Senhor seja louvado!" Esse salmo começa a série de serviços diários, e é chamado *Proemiac*, isto é, "Introdutório." As palavras dele induzem os fiéis na condição de suprema alegria do primeiro homem,quando ele, ainda inocente, louvava

seu Criador junto com os santos anjos. As Portas Reais abertas nos lembram que o pecado não separou os homens de Deus em nenhum tempo, enquanto a luz das lamparinas e velas e os fumos do incenso simbolizam a luz divina, que iluminou os homens, e a graça do Espírito Santo que os vivificou.

A Grande Ectênia.

Após a glorificação do Criador nas palavras do Salmo Introdutório, curtas petições para a concessão de vários favores são lentamente recitados pelo diácono, e depois de cada petição os fiéis — ou coro — cantam a resposta "Senhor, tem piedade." O conjunto dessas petições é chamado *ectênia*, de uma palavra grega "extendida," ou "encompridada" (no tempo) Elas começam com o convite: "Em paz oremos ao Senhor" (ou seja, "estamos em paz com todos os homens e concentrado em espírito"), - e consistem em súplicas, "pela paz do alto e salvação de nossas almas (isto é, "Que o Senhor esteja em paz conosco, perdoe nossas transgressões e através disso salvação para nossas almas"); "para a paz do mundo inteiro, o bom estado das santas Igrejas de Deus e a união de todos" (isto é, "Que o Senhor conceda paz para o mundo todo, ajude as comunidades Cristãs a estarem firmes na fé e na piedade, faça com que as divisões entre os Cristãos cesse, e uma todos eles em uma Igreja"); "por esse santo templo (onde o ofício é celebrado), e por aqueles que com fé, reverência e temor de Deus nele entram." Seguem-se então várias suplicas por vários membros da Igreja e do estado"; "pelo Episcopado Ortodoxo da Igreja Russa (ou outra Igreja nacional sob a qual o ofício está sendo feito); por nosso Reverendíssimo Metropolita N., Primaz da Igreja Russa, no exílio; pelo nosso Reverendíssimo Arcebispo ou Bispo, titular da diocese; pelo venerável presbiterado"(isto é, pelo corpo de presbíteros); "pelo diaconato em Cristo" (o corpo de diáconos); "por todo o clero" (todas as pessoas ligadas à Igreja incluindo, leitores, membro do coro, subdiáconos) "e povo" (a congregação e paroquianos); "pela sofredora nação Russa e seu povo Ortodoxo tanto na pátria quanto na diáspora, e pela sua salvação"; "por essa nação, suas autoridades e forças armadas"; "que Ele livre Seu povo dos inimigos invisíveis,e confirme em nós unidade de mente, amor fraterno e piedade"; "por esta cidade" (ou santo mosteiro, onde a cidade é); "por toda cidade e país, e por aqueles que ai vive na fé" (isto é, a população Cristã)* . Depois de oferecer petições pelos membros da Igreja e do Estado nós oramos ao Senhor por "tempos favoráveis, pelos dias de paz e pela abundancia dos frutos da terra" (isto é, que o Senhor nos livre do clima calamitoso, e de doenças transmitidas pelo ar, de más colheitas, e da guerra); "por aqueles que viajam por terra, mar e ar, pelos doentes e aflitos, pelos prisioneiros e sua salvação"; "para que sejamos afastados da aflição, da tristeza das vinganças do próximo, de todos os perigos, doenças e necessidades"; "para que Ele proteja-nos, salve-nos, tenha piedade e defenda-nos pela Sua graça"; a *ectênia* termina com nosso comprometimento com a vontade de Deus: "Invocando a nossa toda santa, toda pura, bendita e gloriosa soberana, a Mãe de Deus e sempre Virgem Maria, assim como todos os santos, entreguemo-nos todos e cada um de nós, em cada instante da nossa vida, a Cristo, Nosso Deus."

Em resposta a essas palavras, os fiéis cantam: "Pois a Ti, Senhor." Depois disso, tendo terminado as petições, o presbítero canta alto: "Pois a Ti pertence, toda glória, honra e adoração, Pai, Filho e Espírito Santo, agora e sempre e pelos séculos dos séculos"; isto é, nós oferecemos nossas súplicas a Ti, porque a Ti, o Deus Triúnico, nós devemos glória, honra e adoração. Em resposta a essa exclamação no presbítero, os fiéis dizem a palavra, "Amém" que significa "sim, verdadeiramente isso é assim."

Essa *ectênia* é chamada "a Grande," porque consiste em muitas petições, também "a *Ectênia* da Paz," porque ela implora por misericórdia. É recitada em frente das Portas Reais fechadas, por conta de nossos pecados terem nos removido de Deus e fecharam para nós as portas do Reino do Céu. O fechamento das Portas Reais logo depois do Salmo Introdutório significa que a completa felicidade de nossos pais no Éden foi de curta duração.

Os Catismas.

A Grande *Ectênia*, é seguida pelo canto ou leitura dos catismas. Esse nome é dado para as partes do Saltério, aquele livro do Velho Testamento no qual estão reunidos os Salmos, ou cânticos sagrados dos antigos hebreus ∗ . Cada *catisma* é dividido em três *stáses*, e cada *stasis* é separada da seguinte pelo canto do Aleluia repetido três vezes com a adição das palavras "Glória a Ti, ó Deus"; por isso as *stases* também são chamadas de "Glórias." Nos tempos antigos todos os catismas eram cantados alternadamente por dois coros; e daí as partes separadas deles também eram chamadas de antífonas, isto é, hinos cantados "antifonalmente," em alternada resposta de cada parte †. A palavras "Kathism" é derivada de uma palavra grega que significa "sentar." As parte do Saltério são assim chamadas, porque, em tempos antigos, elas eram seguidas por homilias, durante as quais a congregação podia se sentar. No tempo presente, apesar das homilias terem sido suprimidas, o nome é preservado, porque é permitido se sentar durante a leitura dos Salmos. Nos domingos e vésperas de dias de festa, a antífona do primeiro *catisma* é cantada, contendo lamentações sobre o ter perdido o estado feliz através do pecado, junto com esperanças de salvação. Os versículos dos Salmos são separados pelo canto do "Aleluia": "feliz o homem que não segue o conselho dos ímpios" (Aleluia!), "servi ao Senhor com respeito e rejubila Nele com tremor" (Aleluia!) "levanta-Te, Senhor, e salva-me ó Deus" (Aleluia!) "Felizes todos os que Nele confiam" (Aleluia!) "Sim, Senhor, a salvação vem de Ti. Desça a Tua benção sobre o Teu povo" (Aleluia!).

A Pequena Ectênia — Depois do catisma segue a Pequena *Ectênia*, que é um resumo da Grande *Ectênia*. Ela começa com um convite a orar: "De novo, em paz, oremos ao Senhor"; ela consiste só em uma petição: "Protege-nos, salva-nos, tem misericórdia de nós, e defender-nos pela Tua graça," e terminar com a recomendação para a vontade de Deus e a doxologia. A pequena *Ectênia* serve para dividir uma parte do ofício da seguinte.

"Senhor, a Ti Clamo."

Arrependimento pelos pecados cometidos chama na alma humana súplica por misericórdia, depois do *castima*, versículos selecionados dos Salmos são lidos ("Senhor, a Ti clamo, ouve a minha voz"), em que são expressos: em primeiro lugar, súplicas do fundo do coração, que o Senhor ouça nossas indignas preces, ajude-nos a mantermo-nos afastados do mal e dos homens malignos, e nos receba entre os Seus eleitos; em segundo lugar, a segurança que o Senhor ouvirá nossas preces. Os últimos versículos dos Salmos, nos quais é expressa a esperança de salvação, são cantados alternadamente com hinos compostos em louvor de pessoas ou eventos a quem o ofício é consagrado, e assegurando-nos que o Senhor aceita as orações daqueles que O amam. Esses hinos são

chamados *Esticherios* (uma palavra grega, significando, "versos") no "Senhor, a Ti clamo." O último dos *esticherios* glorifica a Mãe de Deus, e contém o dogma da Encarnação, e por isso tem o nome de "*Theotokion* Dogmático," ou simplesmente, "Dogmática."

"Senhor, a Ti Clamo, vem em meu auxílio; escuta a minha voz que a Ti se eleva que a minha oração se eleve como incenso diante de Ti,e a elevação das minhas mãos como um sacrifício vespertino .... tira a minha alma da prisão para que possa louvar o Teu nome. (aqui segue um estiquerion). Os justos virão circundar-me quando me concederes essa graça. (estiquerion). ... Porque no Senhor há misericórdia,e abundante redenção. Ele mesmo há de redimir Israel (seu povo escolhido) de todas as iniqüidades. (estiquerion). Louvai ao Senhor todas as nações, Louvai-O todos os povos. (estiquerion). Porque sem limites é a Sua misericórdia para conosco e a fidelidade do Senhor permanece para sempre. Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, agora e sempre e pelos séculos dos séculos. Amém." (*Theotokion* Dogmático).

Intróito das Vésperas e Doxologia.

Enquanto o último estiquérion (a Dogmática) está sendo cantado, as Portas Reais são abertas, por conta de as esperanças dos fiéis não foram em vão e que a Encarnação do Filho de Deus abriu para eles as portas do Reino do Céu. Nesse momento o presbítero vem para fora pela porta norte, precedido pelo diácono com o turíbulo e os cerofenários (portadores de vela), incluso o grande castiçal, com velas acesas, e parando em frente às Portas Reais, dá uma benção com o sinal da Cruz virando para o leste. O diácono exclama alto: "Sapiência! De pé!" A exclamação "Sapiência!" significa que essa entrada expressa a vinda par a o mundo do Salvador, assim: a saída pela porta norte ao invés de pelas Portas Reais significa que Cristo veio em humildade; as velas acesas e o incenso nos lembram que Ele nos trouxe a luz da verdade e a graça do Espírito Santo; a benção pelo Sinal da Cruz significa que Cristo abriu para nós a entrada no Reino do Céu por Sua Paixão na Cruz. Pela exclamação "de pé" o diácono convida os fiéis a ficar reverente e decorosamente. Os fiéis., tendo ouvido na dogmática as novas da Encarnação do Filho de Deus, e vendo na entrada do presbítero um símbolo das misericórdias que nós recebemos através dessa Encarnação cantam um hino de louvor a Cristo. Enquanto esse hino está sendo cantado, o presbítero entra no santuário e se põe atrás do altar, perto do bema.

"Ó Luz jubilosa da santa glória do Pai celeste, Santo e Bem Aventurado, Senhor Jesus Cristo: Chegados ao por do sol (isto é, tendo vivido para ver o sol se por), contemplando a luz vespertina, nós cantamos o Pai, o Filho e o Espírito Santo: Deus! É digno e justo que em todo tempo Te louvemos com vozes puras, ó Filho de Deus, que dás a vida. Todo universo te dá glória. Amém. Aleluia."

O Prokimenon.

Depois da Doxologia é recitado o Prokimenon. (a palavra significa "importante," "principal," "chefe"). Esse nome é dado para um verso curto, geralmente selecionado da

Sagrada Escritura, que engloba o significado do ofício inteiro, e assim, se refere ao principal conteúdo das orações, hinos e lições da Escritura para o dia * . Por sua importância, o *prokimenon* é enfaticamente destacado no oficio: o diácono exclama: "Estejamos atentos!" o presbítero abençoa todos os presentes, dizendo: "A paz esteja convosco." Ao que os fiéis respondem: "E com teu espírito," (isto é, "nós desejamos o mesmo para tua alma"); o diácono mais uma vez chama: "Estejamos atentos! Sapiência!" (isto é, estejamos atentos, pois as palavras de sabedoria serão faladas"). O *prokimenon* é cantado três vezes. Depois do que as Portas Reais são fechadas.

A Paremia — Em certos dias, o *prokemenin* é seguido pela leitura da *paremia*; essa palavra significa "parábola" ou "alegoria." Nos ofícios da Igreja o nome é dado para lições selecionadas ou leituras da Escritura, principalmente do Velho Testamento, contendo o protótipo do evento comemorado ou uma profecia relativa ao mesmo, ou ainda explicando o significado na festa, ou louvando o santo em cuja honra a festa foi instituída. *Paremia* são prescritas para todos os dias de festa exceto os domingos, e para os dias da Grande Quaresma. Usualmente são lidas duas ou três. * *

A Ectênia Tripla e a Ectênia de Súplica — Após glorificar Cristo, como Deus, nós oferecemos nossas petições nas palavras de duas *ectênias*, faladas pelo diácono: na primeira, nós pedimos misericórdia para todos os Cristãos, enquanto na segunda nós especificamos que misericórdias nós desejamos para as almas deles. A primeira é chamada de "*Ectênia* Tripla" porque o "Senhor, tem piedade" é cantado três vezes depois de cada petição. A outra é chamada de "*Ectênia* de Súplica," porque a resposta para cada petição é "Concede, Senhor!"

A *Ectênia* Tripla começa com o convite: "Digamos com toda nossa alma e com todo nosso espírito," e consiste em petições para nosso Imperador, por seu próspero governo (a preservação de sua vida, sua paz de espírito, alegria, salvação: "Que o Senhor especialmente o ajude e o assista em todas as coisas, e subjugue sob seus pés todo inimigo e adversário); para a casa reinante; pelo Santíssimo Sínodo, o bispo local, e todos os nossos irmãos em Cristo; para o exército Cristão; para os benditos e sempre lembrados fundadores desse santo templo (no qual o ofício é celebrado), e para todos os nossos pais e irmãos que se foram para o repouso e jazem aqui (enterrados ao redor da Igreja) (e em todos os outros lugares); por misericórdia, vida, paz, saúde,salvação, proteção, perdão e remissão dos pecados dos servos de Deus, os irmãos desse santo templo (isto é, os paroquianos da Igreja), por aqueles que oferecem seus dons e os seus bens (que fazem outras coisas para o bem da paróquia) a esta santa e venerável igreja, que desempenham uma função (para o bem da igreja), que nela cantam, e por todo povo presente que confia na Tua imensa misericórdia." O presbítero conclui essas petições com uma Doxologia, na qual ele explica que nós esperamos obter de Deus o que pedimos, porque "Ele é um Deus cheio de amor e bondade pelos homens."

A *Ectênia* de Súplica começa com o convite "completemos nossa oração vespertina ao Senhor"; e consiste em petições para que o Senhor nos conceda: "Que essa tarde seja perfeita, santa, vivida em paz e sem pecado, um anjo de paz, guia fiel e guardião de nossas almas, e para que a paz reine no universo; que passemos o resto da nossa vida na paz e no arrependimento; uma morte Cristã e serena. Sem dores nem vergonhas, e que uma sentença favorável nos seja concedida no temível tribunal de Cristo.." Na exclamação da conclusão da *Ectênia*, abençoa a congregação, dizendo: "A paz esteja convosco," a que o povo responde: "e com teu espírito." Após a *Ectênia* hinos são

cantados em honra e memória de pessoas ou eventos aos quais os ofícios do dia são dedicados. Esses hinos são separados por versos tirados de várias partes das Escrituras, e são por isso, chamados de *Esticherios* nos versos.

Conclusão das Vésperas

Cheios de esperanças no Filho de Deus, Que, tendo encarnado na Virgem Maria, deu para aqueles que crêem Nele os direitos de chamar Deus de seu Pai, nós podemos nos retirar para repousar sem medo, ainda que esse repouso possa passar para aquele da morte. Assim, nós concluímos nossa prece vespertina com a ultima oração do Bem Aventurado Simeão, o Pai Nosso, um hino em louvor à Mãe de Deus, e pedindo a benção de Deus, em resposta a isso, o presbítero abençoa o povo dizendo: "A benção do Senhor esteja convosco, por sua graça e amor pelo homem, eternamente, agora e sempre e pelos séculos dos séculos."

Oração de São Simeão. — "Agora, Senhor, deixa Teu servidor, segundo a Tua palavra partir em paz, porque meus olhos viram a salvação que vem de Ti, que Tu preparaste para ser apresentada a todos os povos, luz que brilhará sobre todas as nações e glória de Teu poço, Israel."

A Lítia.

Às vezes, em uma Vigília de Toda Noite, no final da Véspera, o clero oficiante vai com incenso e velas para o vestíbulo da Igreja, para realizar a *Lítia*. A palavra significa "súplica fervorosa." Nos tempos antigos isso era feito para que os catecúmenos e penitentes que ficavam no vestíbulo pudessem participar da alegria do festival. Os fiéis costumavam sair com o clero, para significar sua humildade e seu amor fraterno para com aqueles que haviam pecado. No presente esse costume ainda sobrevive e serve como uma lembrança para todos os Cristãos que eles devem cuidar da pureza de suas almas, que sozinha pode fazer com que eles sejam dignos de entrar na casa de Deus. A *Lítia* consiste principalmente de uma *Ectênia*, recitada pelo diácono, "pela salvação do povo; pelo soberano e sua Casa; pelo clero; por todas as almas Cristãs aflitas (aflitas por tristeza ou pecado), desejosas de ajuda; pela cidade, pais e por todos os fiéis que ai vivem; pelos pais e irmãos falecidos; pela libertação da fome, e epidemias, terremotos, enchentes, fogo, espada, invasão hostil e conflitos civis." Depois da *Ectênia* todos os presentes baixam suas cabeças e o presbítero diz uma oração na qual ele implora o Senhor que "aceite nossas orações, para conceder-nos a remissão de nossas transgressões, para afastar de nós todos os inimigos, para manter nossa alma em paz, para ter misericórdia de nós e nos salvar." Nas Igrejas que não tem vestíbulo, a *Lítia* ás vezes é realizada fora das portas, em campos, praças públicas ou prefeituras. Para esses propósitos o clero sai portando cruzes, estandartes e ícones, formando uma procissão.

Depois da *Lítia*, o clero, cantando versos, retorna do vestíbulo para a Igreja, e para no meio dela, diante de uma mesa na qual foram postos cinco pães e três vasos, um com trigo, um com vinho de uva e um com óleo. Depois de ler as orações conclusivas da Vésperas, o presbítero faz o sinal da Cruz sobre os pães e ora ao Senhor que Ele abençoe-os e os multiplique "no mundo inteiro, e santifique os fiéis (Cristãos) que partilhem esses dons." O serviço conclui com a benção da congregação. Nos tempos antigos, imediatamente depois da benção dos pães, um trecho dos Apóstolos era lido * para os fiéis um pedaço do pão bento e um cálice e um cálice de vinho, para que eles

pudessem manter suas forças. No tempo presente, os ofícios sendo abreviados, não é oferecida comida entre as Vésperas e Matinas.

Matinas.

"O Hexasalmo."

Numa Vigília de Toda Noite, a Matinas começa imediatamente depois da benção da congregação pelo presbítero. A Igreja é fracamente iluminada e as Portas Reais são fechadas, enquanto o leitor proclama três vezes o Hino Angelical, que foi cantado na noite da Natividade antes da aurora: "Glória à Deus nas alturas, paz na terra, e boa vontade entre os homens," então lentamente, lê seis Salmos (3, 38, 63, 88, 103, 143), nos quais são expressos alternadamente a tristeza de uma alma arrependida de seus pecados (38, 88, 143), e a esperança na misericórdia de Deus e salvação (3, 63, 103). Enquanto os três últimos salmos são lidos, o presbítero, diante das Portas Reais secretamente — isto é, inaudivelmente, para si próprio - recita as orações matinais, como o advogado do povo diante do Senhor.

"O Senhor é Deus," e os Catismas.

Depois dos Seis Salmos, nós oferecemos a Deus nossas petições para a concessão de misericórdias espirituais e corporais nas palavras da Grande *Ectênia*, então nós cantamos um hino em louvação a Deus, Que desceu para a terra para nossa salvação, a continuação do Hino Angelical: "O Senhor é Deus e Se nos manifestou; bendito aquele que vem em nome do Senhor." A esse hino é acrescentado o tropário da festa como uma lembrança das misericórdias concedidas a nós pela encarnação do Filho de Deus. Enquanto o hino, o "Senhor é Deus" e o tropário estão sendo cantados a iluminação na Igreja é aumentada, para significar que Cristo, tendo vindo, é a Luz do mundo. O Tropário é seguido pelos catismas em sua ordem, expressando nas palavras dos Salmos, nossa consciência de nossa indignidade diante de Deus. Nos tempos antigos a lição dos Apóstolos era exposta após a leitura dos catismas. Agora esses são imediatamente seguidos por uma pequena *Ectênia*.

Essa parte do ofício de Matinas, consistindo em uma longa e continua leitura de Salmos, intercalada somente por breves Doxologias em honra da vinda de Cristo ao mundo, e em memória das misericórdias que Ele trouxe com Sua vinda, recorda-nos do tempo quando Cristo já vivia na terra mas era desconhecido por quase ninguém, enquanto os homens continuavam a esperar Sua vinda e oravam a Deus por misericórdia, ouvindo em dúvida e perplexidade as novas de que o Senhor já tinha aparecido na terra. Consistindo, como é o caso, principalmente em orações penitenciais, essa parte do ofício de matinas acontece com as Portas Reais fechadas.

O Polyeleos.

A segunda parte do ofício, consistindo em glorificações de evento ou pessoa comemorada do dia, é celebrada com especial solenidade das vigílias dos dias de festa. Depois dos catismas terem sido lidos, com as Portas Reais abertas os Salmos 135 e 136, que começa: "Louvai ao Senhor! Louvai o nome do Senhor!," são cantadas , com a resposta "Aleluia" depois de cada verso. Esse canto é chamado *Polyeleos*, isto é, "de muitas misericórdias" também "óleo abundante" porque as palavras "porque Sua misericórdia é eterna" são freqüentemente repetidas nele, e enquanto ele está sendo cantado todas as luzes são acesas. Ao mesmo tempo, por conta da reverência na festividade, uma incensação é feita em toda a Igreja.

O Magnificat e o Tropário de Domingo.

Nos grandes dias de festa, depois do *Polyeleos*, parando na frente de um ícone posto num analogion (pianha) no meio da Igreja, o clero canta um verso curto engrandecendo a pessoa ou evento celebrado. Nos domingos, o *tropário* da Ressurreição é substituído por esse verso; eles falam da Ressurreição de Cristo e convidam o fiel a adorar a Santíssima Trindade. Esses tropários são cantados com a resposta: "Bendito és Tu, o Senhor, ensina-me Teus estatutos," e termina com um hino em honra da Mãe de Deus (*Theotokion*).

"A assembléia dos Anjos estava atônita, vendo a Ti contado entre os mortos, no entanto, ó Salvador."

destruindo o poderio da morte, e com Tu mesmo levantando Adão, é libertando todos do Hades"

"Porque misturais mirra com lágrimas de piedade, ó mulheres discípulas? Assim o Anjo radiante dentro da tumba se dirigiu às mulheres miróforas: contemplem a tumba e compreendam que o Salvador ressuscitou do túmulo."

"Muito cedo as mulheres miróforas se apressaram para Teu túmulo lamentando; mas o Anjo se colocou diante delas dizendo: o tempo de lamentação passou; não chorem mas contem aos Apóstolos sobre a Ressurreição"

"As mulheres miróforas, vieram ao Teu túmulo com mirra, ó Salvador, lamentando, mas o Anjo se dirigiu a elas dizendo: Porque o procurais entre os mortos? Pois como Deus, Ele ressuscitou do túmulo."

"Adoremos ao o Pai, e Seu Filho, e o Espírito Santo, a Santíssima Trindade, una em essência, clamando com os Serafins: Santo, Santo, Santo és Tu, ó Senhor."

"Trazendo à Luz, o Doador, Tu livraste Adão do pecado, ó Virgem, e trouxeste para Seu júbilo ao invés de tristeza; e aqueles decaídos da vida foram assim restaurados, por Ele Que de Ti, encarnou, Deus e Homem"

As Antífonas nas Matinas.

O Magnificat ou *Tropário* do domingo e a Pequena Litania são seguidos pelo canto de antífonas alternadamente por dois coros. Elas são diferentes para cada domingo, oito no total, sendo esse o numero de tons.

As antífonas seguintes são cantadas mais freqüentemente que qualquer outra:

> "Desde a minha juventude, numerosas são as paixões que me assediam, mas Tu, ó meu Salvador, escuta-me e salva-me."
>
> "Vós que detestais a Sião* , sereis confundidos perante o Senhor, e tal como a erva diante do fogo, assim vós definhareis."
>
> "É pelo Espírito Santo que toda a alma vive e é elevada pela purificação; ela é amparada pela Trina unidade num mistério sagrado"

O Evangelho.

Depois das Antífonas vem a lição ou leitura do Evangelho. Para alertar os fiéis para atenção e reverência, o diácono chama "estejamos atentos!" e a seguir um *prokimenon* é lido, que indica a essência da leitura a seguir, após o que o diácono convida os fiéis primeiro a louvar Deus, nas palavras "que tudo que respira louve ao Senhor," a seguir "que o Senhor nos faça dignos de ouvir o Santo Evangelho" e finalmente chama: "Sapiência! De pé!" o presbítero abençoa os fiéis e anuncia de que evangelista será a lição lida. . Em resposta a isso os fiéis cantam "Glória a Ti, Senhor, glória a Ti!" . E imediatamente antes da leitura do o diácono mais uma vez convida à atenção clamando: "Estejamos atentos!" Então o presbítero começa a leitura, aos domingos no Santuário diante do altar, e nos dias de festas no meio da Igreja diante do ícone da festa. A lição do Evangelho é adaptada ao evento comemorado em cada dia. Aos domingos, as lições selecionadas para as matinas são aquelas que falam da Ressurreição de Cristo e Suas aparições depois da Ressurreição.

Veneração do Evangeliário ou do Ícone, e Unção com Óleo — Depois da lição do Evangelho se o dia é de festa. Dá-se veneração ao ícone da festa que está num analogion (pianha) no meio da Igreja; se for um domingo, o Evangeliário é trazido para o meio da Igreja. Os fiéis reverentemente encontram o livro sagrado, como se fora o próprio Cristo, e cantam um hino em honra Daquele Que foi crucificado e ressuscitou dos mortos. Durante o canto, os fiéis dão uma reverente inclinação para o livro sagrado e pressionam seus lábios nele, como sendo a viva Palavra de Cristo.

"Tendo contemplado a Ressurreição de Cristo, adoremos o Santo Senhor Jesus, o Único Isento de Pecado. Ó Cristo, nós veneramos Tua Cruz, cantamos e glorificamos a Tua Santa Ressurreição; pois Tu és o Nosso Deus e além de Ti, não conhecemos outro. Vinde, todos fiéis, veneremos a Santa Ressurreição de Cristo; eis, que pela Cruz, a alegria invadiu todo o mundo. E, louvando ao Senhor, cantemos, sem cessar, a Sua Ressurreição, pois, tendo sofrido a Cruz por nós, Ele destruiu a morte pela morte."

Se os pães foram abençoados mais cedo no ofício, a testa dos fiéis é ungida com óleo, com as palavras: "Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo!" Por conta que a misericórdia de Deus é concedida a eles, como uma lembrança de quem o Senhor demanda deles atos de misericórdia.

A veneração do Evangeliário ou ícone termina com um hino, implorando ao Senhor ter misericórdia de nós de acordo com Sua grande misericórdia (Salmo 51), e com orações aos Apóstolos e à Mãe de Deus. O diácono pela concessão dessa mesma misericórdia na oração. "Salva, Senhor, o Teu povo e abençoa a Tua herança."

Como o *tropário* de domingo, o Magnificat, as antífonas e as leituras do Evangelho estão intimamente conectados um com o outro e com os versos dos Salmos do *Polyeleos*, e são cantados só quando os Salmos são cantados, essa parte inteira do ofício e às vezes chamada de "*Polyeleos."* Então a expressão "um ofício com o *Polyeleos*" significa que na matinas em questão existirá uma leitura do Evangelho.

O Canon.

Depois do *Polyeleos*, nove odes da Sagrada Escritura são cantadas, nas quais santos do Velho Testamento expressam sua esperança em um Salvador e a sua prontidão para recebe-lo. A essas odes são acrescentadas as nove odes do Canon. A palavra "Canon" significa "régua," "ordem," e o nome é dado para um conjunto de versos (tropários) em honra do evento ou pessoa comemorada, com posto segundo uma ordem definida, nomeadamente: cada cânon é dividido em nove partes chamadas odes, cada uma das quais consiste em diversos versos curtos ou *tropários*. O canto simultâneo das odes escriturais e das odes dos canons procede da seguinte ordem estabelecida: primeiro um verso de uma ode do Velho Testamento é cantado, então um *tropário* ou cânon; depois o verso seguinte e o segundo *tropário* , e assim até o fim. Como o primeiro *tropário* de toda ode canônica serve como ligação entre uma ode do Velho Testamento e uma ode do Novo Testamento , seu conteúdo é sempre tomado da ode do Velho Testamento. Ou o evento celebrado no Velho Testamento mostra ser o protótipo daquele do Novo Testamento, ou ainda expressões isoladas são tomadas emprestadas do Velho Testamento. Conseqüentemente o primeiro *tropário* de cada ode canônica é chamado *Eirmos* ("ligação"). Os versos seguintes da ode canônica são chamados *tropários* (isto é "versos que viram"), porque , por suas medidas e tom, eles se viram para seus *eirmos* e conformam-se a ele. Depois de cada ode do canon em paz com a ode do Velho Testamento, o *eirmos* é cantado de novo por dois coros, que pare esse propósito vão para o meio da Igreja. Por essa maneira de ser cantado, esse *eirmos* é chamado de *Katavazia* (isto é, "descida" do *soleas* onde os coros são colocados).

De modo a encurtar o ofício, é usual cantar-se somente as odes do cânon, omitindo as odes do Velho Testamento, exceto refrões entre os *tropários* do cânon — petições ou louvações endereçadas à pessoa em cujo louvor o cânon foi composto.

A primeira ode do Velho Testamento é o cântico no qual Moisés dá graças depois da passagem no Mar Vermelho, e a submersão do exército do Faraó. Com essa ode faz par o *cirmos* da primeira ode do cânon, na qual essa passagem é apresentada como o protótipo para nossa salvação do pecado, através das águas do batismo, e Jesus é glorificado, Ele que nos conduz da morte para a vida, salvando-nos do abismo do pecado, do pântano da iniqüidade.

A segunda ode do Velho Testamento é o cântico de Hannah (Ana), a mãe do Profeta Samuel, no qual ela dá graças a Deus por Ele te-la tirado da desgraça da esterilidade e ter-lhe dado um filho. O *eirmos* da terceira ode do cânon aponta para esse evento como um tipo de homens que, tendo sido contaminados pelo pecado, mas tendo se tornado Cristãos, lhes foi dada a força para trazer ricos frutos de boas obras, e glorificam Deus nas palavras de Hannah.

A quarta ode do Velho Testamento é o cântico do Profeta Habakkuk, que, sob a faze do sol abrasador levantando-se por detrás da montanha coberta de floresta, simboliza a

vinda de Cristo. O *eirmos* nessa quarta ode do cânon celebra a Encarnação de Cristo na Virgem Maria nas palavras do Profeta Habakkuk.

A quinta ode do Velho Testamento é a do Profeta Isaias que simboliza a gloriosa vinda do Salvador como a vivificante luz que levanta os mortos para a vida. O *eirmos* da quinta ode do cânon celebra Cristo como a Luz que nos livra das trevas do pecado.

A sexta ode do Velho testamento é o cântico do Profeta Jonas, que foi engolido pela baleia, expressando sua esperança de ser salvo por Deus. No *eirmos* da sexta ode do cânon o Profeta Jonas é representado agora como o protótipo de Cristo, ressuscitado dos mortos no terceiro dia, agora como um símbolo da raça humana, engolida pela besta espiritual — o demônio, mergulhando no mar da vida, na tempestade dos pecados, e encontrando só no salvador, um porto pacífico, no qual o gênero humano está seguro das profundezas do mal.

As sétima e oitava odes do Velho Testamento são os cânticos dos três jovens, jogados por Nabucodonozor no forno flamejante. Nesses cânticos eles primeiro imploram a Deus para perdoar suas transgressões, e então O glorificam por sua miraculosa preservação. Nos *eirmos* das odes correspondentes do cânon, a libertação dos três jovens é feita para simbolizar a encarnação de Cristo, e o Salvador é glorificado em suas palavras.

A nona ode é do Novo Testamento. É o cântico da Virgem Maria, no qual ela expressa seu júbilo por seu encontro com Isabel depois da Anunciação: "Minha alma engrandece o Senhor, e meu espírito rejubila em Deus meu Salvador." Essa ode faz par com a de Zacarias no nascimento de seu filho João o Precursor. Quando essa ode é cantada, os versos são separados pelo canto: "mais venerável que os Querubins, incomparavelmente mais gloriosa que os Serafins, deste à Luz o Verbo de Deus." — O cântico da Virgem nunca é omitido, exceto nos dias das Doze Festas, quando vários outros textos, o substituem. O *eirmos* da nona ode do cânon celebra a Mãe de Deus e a Encarnação de Cristo.

Dessa maneira os *eirmos* do cânon celebram a vinda de Cristo nas palavras dos santos do Velho Testamento que esperavam por ela, enquanto os *tropários* glorificam o Senhor em conexão com o evento ou Santo de quem o cânon foi composto. O cânon é cantado com as Portas Reais fechadas, porque os eventos do Novo Testamento são celebrados sob a cobertura do Velho Testamento.

O canto do cânon é dividido e três partes pelas Três Pequenas *Ectênias*, depois das terceira, sexta e nona odes. Com o cânon termina a parte do ofício que é devotado à comemoração de especiais características do dia.

> Nota: Essas *Ectênias* são distinguidas por diferenças nas exclamações pronunciadas pelo presbítero. A primeira celebra Deus como o Criador e Divina Providência; - "Pois Tu és o nosso Deus"; a segunda — como o Salvador: "Pois Tu és o Rei da Paz e Salvador de nossas almas"; a terceira: como Rei de mundo todo, visível e invisível, "Pois que a Ti louvam todos os Poderes Celestes."

Os Salmos das Laudes.

A terceira e última parte das matinas consiste em hinos de louvação em honra do Senhor e petições para a concessão de misericórdias espirituais para todos os Cristãos. Depois do cânon são cantados os Salmos 148, 149 e 150, que convidam todas as criaturas a louvar o Senhor, e são por isso chamados "Salmos da Laudes": "que tudo que respira louve o Senhor"; "Louvai o Senhor nos céus; louvai-O nas alturas"; "louvai-O todos os anjos; Louvai-O todos os poderes celestes." Nos domingos antes que esses Salmos sejam cantados o diácono exclama: "Santo é o Senhor nosso Deus," como um convite para começar o canto de louvação. Entre os versículos são cantados hinos em honra do evento ou pessoa comemorada; esses hinos são chamados "estiquérios de laudes." Os Salmos de Laudes terminam com um hino em honra da Virgem (*Theotokion*):

Nas Matinas de domingos o seguinte *Theotokion* é cantado: "Abençoadíssima és tu, ó Virgem Mãe de Deus, pois através Dele Que encarnou de ti o Hades ficou ativo, Adão foi chamado de novo, a maldição anulada, Eva tornada livre, a morte morta e a nós foi dada vida. Por isso, nós clamamos alto em louvação: "Bendito és Tu, ó Cristo Deus, que assim ficaste agradado, glória a Ti."

A Grande Doxologia.

Depois que os Salmos da Laudes com seu estiquérios foram cantados, as Portas Reais são abertas, e o presbítero exclama: "Glória a Ti que nos fizeste ver a Verdadeira Luz," convidando assim os fiéis a glorificar Deus por nos ter dado a Luz do espírito — Cristo salvador, que veio ao mundo para iluminar a raça humana, que havia até então vivido nas trevas da superstição e iniqüidades. Naqueles lugares onde a Vigília de Toda Noite realmente dura toda a noite, e onde a Matinas, sendo celebrada separada da Vésperas, começa muito cedo, o presbítero exclama essas palavras na aurora e assim convida os fiéis a glorificar Deus não só pela luz espiritual, mas também pela luz material. Em resposta ao convite do presbítero, os fiéis cantam a Doxologia que começa com o canto angélico "Glória a Deus, paz na terra, e boa vontade entre os homens," e termina com o Trisagion: "Tu és Santo ó Deus! Tu és Santo, ó Forte! Tu és Santo, ó Imortal! Tem piedade de nós!" Essa Doxologia é chamada "Grande" para distinguir da "Doxologia Menor," que precede os Seis Salmos. A Grande Doxologia:

> "Glória a Deus no mais alto dos céus, paz na terra e boa vontade entre os homens. Nós Te louvamos, nós Te bendizemos, nós Te adoramos, nós Te glorificamos, nós damos graças a Ti pela Tua imensa glória. Ó Senhor rei do Céu, Deus o Pai Todo Poderoso; ó Senhor, Filho Único gerado, Jesus Cristo; e o Espírito Santo. Ó Senhor Deus, Cordeiro de Deus, Filho do Pai, Que tirou o pecado do mundo, tem piedade de nós; Tu Que tirais o pecado do mundo, ouve nossas orações;Tu que sentas à direita do Pai, tem piedade de nós. Pois só Tu és Santo, só Tu és o Senhor, Jesus Cristo, para a glória de Deus Pai. Amem."
>
> "Cada dia te bendirei e cantarei eternamente o Teu nome glorioso."
>
> "Digna-Te, Senhor, nesse dia guarda-nos sem pecado. Tu és bendito Senhor Deus nossos pais, e louvado e glorificado é o Teu nome eternamente. Amem."
>
> "Que a Tua misericórdia, ó Senhor esteja sobre nós segundo a esperança que sempre depositamos em Ti."
>
> "Tu és bendito, Senhor! Ensina-me os Teus estatutos (3 xs)."

"Senhor, Tu és o nosso refugio de geração em geração. Eu disse: Senhor, tem piedade de mim, cura minha alma, pois eu pequei contra Ti. Ó Senhor, em Ti eu procuro refúgio, ensina-me a fazer a Tua vontade, pois Tu és meu Deus.; pois em Ti está a fonte de vida, e é na Tua Luz que veremos a luz. Continua com Tua misericórdia com aqueles que Te conhecem."

"Deus Santo, Santo Forte, Santo Imortal, tem piedade de nós" (3 xs)

"Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, agora e sempre e pelos séculos dos séculos. Amem"

"Santo Imortal tem piedade de nós"

"Deus Santo, Santo Forte, Santo Imortal, tem piedade de nós."

Fim das Matinas e Primeira Hora.

Tendo celebrado a glória de Deus, nós oferecemos petições por todos os Cristãos e pedimos por misericórdia espiritual nas palavras da *Ectênia* Tripla e da *Ectênia* de Súplica, depois do que pe feita a despedida.

Depois que a Vigília é concluída o Ofício de Primeira Hora é lido, e termina com um hino em honra à Virgem (*Theotokion*):

"A Ti, nossa Campeã e Líder, nós teus servos dedicados a festa de vitória e de agradecimento como os que foram resgatados dos sofrimentos, ó Theotokos; mas como Tu és uma com poder que é invencível, livra-nos de todos os perigos, para que possamos te clamar: rejubila, ó Esposa Inesposada!"

Nota: Onde os Ofícios diários de Vésperas e Matinas diferem dos mesmos ofícios quando celebrados em uma Vigília de Toda Noite — As Vésperas diferem daquela celebrada numa Vigília de Festa nos seguintes pontos: 1) o Salmo introdutório é lido com as Portas Reais fechadas não abertas; 2) os catismas são lidos direto sem o canto de Aleluia depois de cada versículo; 3) não há entrada na Vésperas, mas o hino "Ó Luz Jubilosa" é recitado ou cantado rapidamente, com as Portas Reais fechadas; 4) a *paremia* é omitida (com exceção na Grande Quaresma), assim como a *Lítia* e a Benção dos Pães — O Ofício de Vésperas é seguido pela Pequena Completa.

O Oficio de Matinas diárias começa com dois Salmos, dois *tropários*, com *Theotokion*, e uma Tripla *Ectênia* resumida, tudo isso contem petições que o Senhor através da intercessão da Mãe de Deus, salve as autoridades da Igreja, e torne-as vitoriosas sobre seus inimigos. Nos velhos tempos, em reinos Ortodoxos, essas orações eram oferecidas para o Tsar. Na ordem seguinte das Matinas diárias existem as seguintes diferenças como mesmo oficio celebrado em Vigília de Festa:

1) Não há *Polyeleos* ou leitura do Evangelho, e imediatamente depois dos catismas é lido o Salmo 51; 2) a Doxologia é recitada, não cantada; 3) depois das *Ectênias*, a despedida não é feita, e a leitura da Primeira Hora começa imediatamente. Quando a Matinas é celebrada separada da Vésperas, ela é precedida pelo Ofício da Meia Noite.

A Liturgia.

A Respeito da Liturgia.

Nos tempos antigos o nome "liturgia" era dado a qualquer negócio comum conduzido com a contribuição de uma comunidade. Os Cristãos, muito cedo vieram a dar o nome àquele ofício da Igreja durante o qual o Sacramento da Eucaristia de Sua Natividade a Sua Ascensão ao céu, porque nesse ofício são oferecidos dons a Deus, dons para os quais contribui a comunidade Cristã. Ele é chamado também de Eucaristia (isto é, "agradecimento") porque expressa nossa atitude para Cristo por nossa salvação, e também por uma palavra russa, *obiédnia*, pelo fato de ser celebrada antes do almoço, em russo *obiéd*.

O sacramento da Eucaristia foi instituído pelo próprio Jesus Cristo. Na Última Ceia Ele deu a Comunhão para seus discípulos, tendo eles compartilhado de Seu Corpo e Sangue sob o aspecto de pão e vinho, e ordenou a eles fazer isso em memória Dele. Os Apóstolos mantiveram sagrado esse comando de Seu Mestre e Senhor. Quando eles se juntavam, eles usavam o tempo em oração, no canto de hinos sagrados, e no partir o pão em memória de Cristo, ou seja, eles celebravam o Sacramento da Eucaristia - Já no tempo dos Apóstolos a principal ordem de orações e ritos da Liturgia estava estabelecida entre os Cristãos por tradição oral. No quarto século, A.C, o Ofício da Liturgia foi escrito por São Basílio o Grande, Arcebispo de Cesaréia na Capadócia, e por São João Crisóstomo (o "Boca de Ouro"), Arcebispo de Constantinopla, como era celebrada no tempo deles, com a adição de várias orações, compostas por esses prelados. Muito poucos hinos entraram subseqüentemente na Liturgia. Dessa maneira veio a ocorrer que há dois ritos litúrgicos: o rito de São João Crisóstomo e o de São Basílio o Grande; mas eles são muito próximo de serem idênticos.

A Liturgia sendo um oficio ligado a um sacramento, tem não só sua ordem estritamente prescrita, mas também a escolha dos celebrantes, a hora e o local de celebração.

A Liturgia só pode ser celebrada por um bispo ou um presbítero, e nem um bispo, nem um presbítero pode celebrar mais de uma liturgia em um dia. O celebrante deve necessariamente tomar a comunhão, e para esse ato ele deve ter-se preparado.

A hora apontada para o início da celebração da Liturgia é, por antigo costume, a nona hora da manhã. Ela pode as vezes começar mais cedo ou mais tarde, mas nunca antes da aurora nem depois do meio-dia, exceto nos dias quando a liturgia é combinada com Vésperas, o ofício da Liturgia é dividido em três partes: na primeira os elementos para o Sacramento são preparados; na segunda, os fiéis preparam para tomar parte na celebração do Sacramento e na terceira, o Sacramento em si é realizado.

1. A Proskomédia

A primeira parte da Liturgia é chamada *Proskomédia*, que significa "o trazer os dons." É assim chamada porque nos tempos antigos, os elementos do Sacramento da Eucaristia eram selecionados de ofertas voluntárias dos Cristãos. É realizada por um presbítero, vestido com todas as peças de sua dignidade.

Os elementos do Sacramento são pão e vinho. O pão deve ser feito de farinha de trigo misturada com água pura, fermento, bem cozido, fresco e limpo, nem mofado nem ressecado. Esses pães são chamados *phósphora*, isto é, "oblações." Cada um consiste de dois discos superpostos, indicando que em Jesus Cristo duas naturezas estão unidas, a divina e a humana. No topo do disco superior, é estampada uma cruz, com seguinte inscrição grega dividida em cada uma das quatro partes formadas pela cruz: **IC.XC. NI KA** significando: "Jesus Cristo Vence." Cinco pães são usados na preparação do Sacramento. O vinho deve ser feito de suco de uva, sem mistura, nem rascante, nem adocicado nem ácido.

Pegando o primeiro pão, o presbítero faz nele o sinal da cruz com a lança, dizendo: "Em memória de Nosso Senhor, Deus e Salvador Jesus cristo"; a seguir ele corta um cubo do tamanho da estampa inteira, proclamando ao mesmo tempo as palavras do Profeta Isaias nas quais ele fala do Salvador, como o Cordeiro de Deus que tira em Si os pecados do mundo. Esse pedaço do pão é chamado de Cordeiro, e representa Cristo, de Quem o Cordeiro Pascal foi o protótipo. O presbítero coloca o Cordeiro no centro da patena, faz uma incisão nele na forma de uma cruz, lembrando que Cristo também como um Cordeiro, ofereceu-se em sacrifício pelos pecados do mundo todo, a seguir perfura o cordeiro de lado, com a ponta da lança, lembrando as palavras do Evangelho: "Um dos soldados furou-lhe o lado com uma lança, e logo saiu sangue e água." Com essas ultimas palavras ele põe vinho e água no cálice. — Do segundo pão o presbítero toma uma pequena partícula triangular em honra e memória da Mãe de Deus e coloca a patena à direita do Cordeiro. Esse pão é chamado de "Da Mãe de Deus." — Do terceiro pão ele toma nove partículas, em honra de várias hostes de santos que foram achados dignos de uma habitação no céu, com as nove ordens de anjos, por isso, esse pão é chamado "*Prósfora* das Nove Ordens." As partículas desse pão, são postas em três fileiras à esquerda do Cordeiro. — Do quarto pão, chamado de "*Prósfora* da Saúde," são tiradas partículas, com uma oração pela saúde dos membros vivos da Igreja e colocadas abaixo do Cordeiro, enquanto mais abaixo, sob as "partículas de saúde" são colocadas as partículas tiradas do quinto pão que é chamado de "*Prósfora* — Réquiem," com uma oração pelos mortos.

Tendo colocado as partículas na patena, o presbítero cobre-as com o asterisco, para mante-las na ordem em que elas foram colocadas, e fazendo isso, lembra da estrela que parou em cima da casa em Belém, na qual o Menino Jesus habitou. Então o presbítero cobre a patena e o cálice com os véus e o *era* por conta de que Cristo, desde o primeiro momento de Sua vinda ao mundo cobriu-Se de glória, e Sua glória cobre o mundo inteiro, e que Ele cobre também a nós com Sua graça.

Assim os ritos da *Proskomedia* comemoram a Natividade de Cristo, que desde o primeiro momento de Sua encarnação, foi o Cordeiro destinado a ser sacrificado pelos pecados dos homens, e ao mesmo tempo o Rei, que juntou os que creram ao Seu poder; - nós somos lembrados que, não obstante Sua aparente humilhação, a glória divina O cobriu e brilhou como uma estrela.

Tendo preparado os elementos do Sacramento, o presbítero ora, balançando o turíbulo, para que o Senhor abençoe os dons (elementos) e os aceite, em memória daqueles que os ofereceram e daqueles em memória de quem os dons foram oferecidos, e que Ele mantenha o presbítero digno de celebrar o Santo Mistério.

2. A Liturgia dos Catecúmenos

Significado da Liturgia dos Catecúmenos, Suas Partes e Seu Início. A segunda parte de Liturgia é chamada de "Liturgia dos Catecúmenos," porque não só os fiéis devem estar presentes nela, isto é, aqueles que receberam o batismo, mas também os catecúmenos, que estão se preparando para o batismo, e os penitentes, que são Cristãos que, pelos seus pecados, foram excluídos da santa comunhão por um tempo. Essa parte da Liturgia consiste somente em orações, hinos em honra da Santíssima Trindade, e leituras da Palavra de Deus.

Ele começa com a glorificação do Reino da Santíssima Trindade, aquele Reino de verdade e paz que Jesus Cristo veio para estabelecer na terra. Então a Grande *Ectênia* ou *Ectênia* da Pa, é recitada, na qual nós oramos para que o Senhor nos dê a Sua paz do alto, sem a qual não se pode entrar no Reino do Céu, e para que "pacifique" as vidas de todos os homens na terra.

Os Salmos Típicos e as Antífonas.

Tendo implorado a misericórdia do Senhor, nós cantamos hinos que tratam da maior de todas as Suas misericórdias — a Encarnação do Filho de Deus. Esses hinos são cantados alternadamente por dois coros, daí serem chamados de antífonas. Eles são separados por duas pequenas *Ectênias* em três partes, em louvor da Santíssima Trindade. À segunda Antífona é sempre acrescentado um hino em honra ao Filho de Deus encarnado: "Ó Filho Único e Verbo de Deus, que sendo imortal, sem deixares de ser Deus, Te fizeste homem, nascendo da sempre Virgem Maria, e foste crucificado, ó Cristo Nosso Deus, que pela morte venceste a morte, pois Tu és Um da Santíssima Trindade, glorificado com o Pai e o Espírito Santo, salva-nos."

Antífonas são de vários tipos. Nos domingos e dias de festa os Salmos 103 e 146 são cantados; eles são chamados "Salmos típicos," porque eles são típicos na misericórdia de Deus para com o homem.

Versículos do Salmo 103: "Minha alma bendiz o Senhor, e que tudo que existe em mim, bendiga o Seu Santo Nome — Bendiz minha alma, ó Senhor! Não esqueça nenhum de seus benefícios! Bendiz minha alma ao Senhor, pois é Ele Que perdoa todas as tuas iniqüidades, e sara todas as tuas enfermidades, e quem redime a Tua vida da perdição, e te coroa de benignidade e de misericórdia .... Misericordioso e piedoso é o Senhor, longânimo e grande em benignidade...."

Versículos do Salmo 146 (segunda antífona) — "Louvai ao Senhor, ò minha alma .... Louvarei o Senhor durante a minha vida; cantarei louvores ao meu Deus enquanto viver...."

Quando esses Salmos são cantados, as beatitudes tomam o ligar de terceira antífona. Esse é o nome dado aos dizeres de Cristo acerca daqueles que são bem aventurados, combinado com os *tropários* do dia ou do cânon do Dia de Festa. Nos dias de Grandes Festas as antífonas consistem em versos proféticos selecionados de Salmos apropriados para o evento festivo, e a eles são juntados hinos indicando a natureza da festa.

A Entrada com o Evangeliário.

Imediatamente depois dos hinos em louvor da Santíssima Trindade, os fiéis são preparados para as lições das Escrituras. Nos velhos tempos de perseguições, o Livro Sagrado era trazido do repositório para vasos sagrados que ficava em um lugar secreto. Esse costume tem sido preservado como um memorial do velho uso, e como uma alusão a vinda de Cristo trazendo a pregação do Evangelho para o mundo; o diácono abre as Portas reais e traz para fora, pela porta norte, o Evangeliário que fica sobre o altar, precedido por portadores de vela e seguido pelo presbítero. A vela acesa significa que a Palavra de Deus é luz para nosso espírito, que a Lei de Deus consagra o caminho da nossa vida, e que, nós devemos dar colhida à luz da fé e ao calor do amor, sem o que o ensinamento de Cristo seria ininteligível, como é a instrução dos pais para crianças que não ama nem acreditam nos pais. Estando de frente para as Portas Reais, o presbítero dá uma benção para o leste, com as palavras: "bendita é a entrada dos Teus Santos, ó Senhor"; e então o diácono clama: "Sapiência. De pé!" aludindo à sabedoria que está contida no significado dessa entrada e convidando para uma reverente atenção. Nos dias de Grandes Festas segue-se um verso curto dos Salmos, contendo uma profecia relativa ao evento comemorado. No Evangeliário os fiéis vêem o próprio Cristo, Que veio ao mundo para pregar Sua doutrina, e adoram-no cantando o hino solene: "Vinde, adoremos e prostremo-nos diante de Cristo... Ó Filho de Deus que ressuscitaste dentre os mortos ∗ , nós te cantamos: Aleluia, Aleluia, Aleluia!" a seguir são cantados os *tropários* e *kondakions* para o dia ou festa, me que são descritas as misericórdias concedidas a nós pela vinda do Salvador.

O Trisagon.

O presbítero conclui os *tropários* e *kondakions* pela exclamação: "pois Tu és Santo, ó nosso Deus, e nós Te damos glória...." convidando assim os fiéis a celebrar a Santíssima Trindade; a esta exclamação os fiéis respondem cantando o *Triságion*: "Deus Santo, Santo Forte, Santo Imortal, tem piedade de nós." Quando o celebrante é assistido por um diácono, o Trisagion sai com maior ênfase. Depois dos *kondakions*, o diácono pede uma benção ao presbítero: "Abençoa, Mestre, o momento do *Trisagion*," e tendo recebido a benção, na exclamação: "Pois Tu és santo..." vira-se de frente para o povo, dizendo: "Ó Senhor, salva os pios e atenta a nós." O coro repete essa petição e então canta o *Trisagion*. No dia da Natividade de Cristo, no da Epifania, no Sábado de Lázaro e no Santo Sábado, durante a Semana Pascal, e no dia de Pentecostes, as seguintes palavras são cantadas ao invés do Trisagion: "Vós todos que fostes batizados em Cristo, vós revestistes de Cristo. Aleluia." A razão para essa substituição é que nos tempos antigos, os catecúmenos recebiam o sacramento do Batismo preferentemente nesses dias. A Igreja preservou o costume para que nós que recebemos o Batismo, nos lembremos das promessas que fizemos então. No dia da Exaltação da Cruz (14 de setembro), e no terceiro domingo da Grande Quaresma, consagrado à adoração da Cruz, no lugar do Trisagion é cantado o seguinte: "Aos pés da Cruz, nós nos prostramos, Mestre, e a gloriosa Ressurreição nós cantamos."

A Epístola e o Evangelho.

Depois do canto do *Trisagion*, os celebrantes se retiram para o bema. Um bispo se coloca no próprio bema; um presbítero atrás do altar próximo do bema. Ao mesmo tempo o leitor vem para o meio da Igreja carregando o Livro dos Apóstolos e recita o *prokimenon*. Para chamar a atenção dos ouvintes, por ser um verso que indica a essência da lição, o diácono exclama: "estejamos atentos," após o que o presbítero abençoa o povo desejando-lhe paz, e o diácono exclama: "Sapiência!" Depois do *prokimenon*, o leitor anuncia de que livro ele vai ler, e o diácono mais uma vez convida à atenção, exclamado: "Estejamos atentos!" Então começa a leitura da lição para o dia.

A leitura do Livro dos Apóstolos é seguida pela do Evangelho, isto é, a lição para o dia de um dos quatro Evangelistas. Os fiéis se preparam também para a audição atenta da lição do Evangelho. Primeiro, é cantado solenemente o "Aleluia," que tem o mesmo significado que o *prokimenion* antes do Livro dos Apóstolos. Só no Sábado Santo o seguinte *prokimenon* substitui o "Aleluia": "Levanta, ó Deus, julga a terra, pois Tu terás uma herança entre todas as nações." Durante o canto do "Aleluia," o turíbulo é balançado em alusão à graça concedida por Deus através de Sua palavra. Então o presbítero exclama, "Sapiência! De pé! Escutemos o Santo Evangelho," e abençoa o povo, desejando-lhe paz, e o diácono anuncia de que Evangelista a lição é tirada. Os fiéis dão expressão à sua verdadeira alegria cantando: "Glória à Ti, Nosso Deus, glória a Ti!" O presbítero repete o convite: "Estejamos atentos," e o diácono lê a lição do Evangelho. Após o que "Glória a Ti, nosso Deus, Glória a Ti," é cantado de novo, e as Portas Reais são fechadas.

Orações Comuns.

Depois de ouvir a palavra de Cristo Salvador, todos os presentes oferecem orações por todos os membros da Igreja, vivos ou mortos, nas palavras da Tripla *Ectênia*. Se na primeira parte da Liturgia, forem oferecidas oblações em memória dos mortos, uma *Ectênia* Réquiem especial é então recitada. Se o Ofício inclui orações para o livramento de desastres nacionais, tais como epidemias, fome, guerra, ou pelo livramento de algum Cristão particular de doenças, de acidentes enquanto viajando, e de coisas parecidas, essas petições são adicionadas na Tripla *Ectênia*. Essas opções comuns são seguidas por *Ectênia* especial para os catecúmenos, na qual nós oramos para que o Senhor "lhes ensina a Palavra da Verdade — revele a eles o Evangelho da Justiça — una-os à sua Igreja; que Ele, os salve, tenha piedade deles e mantenha-os pela Sua Graça, para que eles juntamente conosco glorifiquem o Seu honorabilissimo e majestoso nome."

Imediatamente depois dessas orações segue-se a saída dos catecúmenos. O diácono repetidamente exclama, "Catecúmenos, retirai-vos." Nos tempos antigos as orações dos fiéis começavam somente depois que os diáconos tinham se assegurado que nenhum dos catecúmenos permanecia na Igreja. Atualmente, quando o batismo é normalmente administrado na infância, raramente há catecúmenos na Igreja, conseqüentemente "a saída dos catecúmenos" acontece raramente e não em todo lugar. Mas a alusão é preservada no oficio, para lembrar os fiéis dos votos que eles fizeram no batismo, e gerar neles uma humilde consciência do pecado.

3. A Liturgia dos Fiéis.

O que a Liturgia dos Fiéis Representa e os Principais Atos que a Compõe.

A terceira parte da Liturgia é chamada "Liturgia dos Fiéis," porque nenhuma pessoa que não seja fiel deve estar presente na celebração daí em diante, - isto é, as pessoas que receberam o Sacramento do Batismo e esforçam-se em viver de acordo com a lei Cristã.

Depois que os catecúmenos deixaram a Igreja, o diácono exclama: "Nós fiéis, em paz, continuemos sempre a orar ao Senhor" e com esse convite à oração abre a Liturgia dos Fiéis, no curso da qual os Cristãos trazem à mente, a paixão, morte, enterro, ressurreição, ascensão e segunda vida de Cristo o Salvador, e oram para que o Senhor aceite seus dons e faça deles partícipes em sua Mística Ceia. A ordem das orações e ritos da Liturgia é disposta a corresponder com essas memórias e petições.

A Liturgia dos Fiéis é dividida em quatro partes: (a) a preparação final dos Elementos e dos Fiéis para o Sacrifício; (b) o oferecimento do Sacrifício, isto é, a realização do Sacramento e a comemoração dos membros da Igreja; (c) a preparação para a comunhão e a participação na comunhão, e (d) o agradecimento pela Comunhão e a conclusão do ofício.

(A). A Preparação dos Elementos e dos Fiéis para o Sacrifício

A Grande Entrada.

Após as duas Pequenas *Ectênias* para os fiéis terem sido recitadas, terminando com a exclamação, "Sapiência," as Portas Reais são abertas e o coro canta o hino de transferência dos Elementos para o altar, hino que é chamado Hino dos Querubins, porque nós estamos nos preparando para ministrar no Trono de Deus na terra como os Querubins ministram no Trono Celeste.

O Hino dos Querubins — "Nós que misticamente representamos os Querubins e cantamos à vivificante Trindade, o hino triplamente santo, afastemos de nós todo o pensamento mundano, a fim de acolhermos o Reino do Universo, que é trazido invisivelmente em triunfo pelas hostes dos anjos. Aleluia, Aleluia, Aleluia."

Enquanto o Hino dos Querubins é cantado, depois de incensar os Elementos, ocorre a solene transferência da mesa de oblação para o altar. No meio do hino, imediatamente depois das palavras "afastemos de nós todo o pensamento mundano," o canto é interrompido; nesse momento os celebrantes — o diácono segurando a patena apoiada na cabeça,o presbítero segurando o cálice em suas mãos, ambos precedidos pelos portadores de velas (ceroferários) — saem pela porta norte, e, parando em frente as Portas Reais, de frente para o povo, oram primeira pela Igreja russa (ou outra Igreja nacional), pelo bispo local e todos os Cristãos Ortodoxos * , "que o Senhor se lembre deles no Seu reino." Quando mencionando os membros da Igreja, os celebrantes também mencionam em nome de quem e com que petições o Sacrifício é oferecido.

Então, entrando no santuário pelas Portas Reais, o presbítero coloca a patena e o cálice sobre o *antimension* desdobrado, enquanto o diácono fecha as Portas Reais e fecha as cortinas atrás de si, em memória ao enterro de Cristo, Que recebeu a morte por nossos pecados. Durante esse tempo o coro termina o Hino dos Querubins.

Os Cristãos recebem reverentemente os Elementos trazidos para fora para eles, vividamente recordando Cristo como Ele por Sua própria vontade livre, vai para o sofrimento e morte, e oram, nas palavras do ladrão arrependido, "que Ele se lembre também deles no Seu Reino." †

Petições e Profissão de Fé.

Depois do Hino dos Querubins segue a *Ectênia* de Súplica , na qual, ponde de lado todo cuidado mundano, nós pedimos somente por misericórdias espirituais. Às petições dessa *Ectênia* é acrescentada uma petição "para os preciosos Dons que foram oferecidos." Depois essa *Ectênia* relembra aos fiéis as coisas que são demandadas de cada um deles para que o sacrifício que eles oferecem seja aceitável por Deus: paz espiritual, amor mútuo e unidade na fé. O presbítero quando abençoa o povo, diz "a paz esteja convosco," ao que o povo responde, "e como teu espírito." Então o diácono exclama: "amemo-nos uns aos outros para que em comunhão de espírito confessemos" * — e o coro então em nome de todos os presentes anuncia quem é para ser confessado: o Pai, o Filho e o Espírito Santo, Trindade consubstancial e indivisível"; depois do que eles cantam a profissão de fé, o Credo, ou "Símbolo da Fé" — "Creio em um só Deus, Pai todo poderoso...." enquanto o Credo nos revela os mistérios da Divindade e proclama a Ressurreição de Cristo, que aceitou a morte na Cruz por nós, a cortina é aberta nesse momento, como o selo do túmulo, o véu é levantado pelo presbítero acima dos Elementos,e é abanado do alto para baixo, simbolizando o sopro da graça do Espírito Santo. No oriente esse ato de abanar os Elementos foi instituído originalmente e é mantido até os dias de hoje, como uma proteção contra poeira e insetos. Nos tempos antigos, os Cristãos não revelavam os mistérios de sua fé a pagãos e judeus, por isso antes do canto do Credo, o diácono alertava os guardiões das portas: "Vigiai as Portas!" Ordenando que eles olhassem cuidadosamente para que nenhum intruso não batizado pudesse permanecer dentro da Igreja; então virava-se para aqueles que estavam presentes com as palavras "estejamos atentos com sapiência." No tempo presente quando não há necessidade de guardar as portas da Igreja, essas palavras são faladas pelo diácono como uma lembram aos fiéis de que eles deveriam guardar as portas de suas almas, e não admitir nela nenhum pensamento, desejos ou sentimentos da santidade desse grande Sacramento.

Convite a Estar Presente.

Quando os fiéis terminam sua profissão de fé, que os intitula a estarem presentes na Liturgia dos Fiéis, do diácono convoca a reverente atenção deles, para que eles possam oferecer dignamente o sacrifício ao Senhor: "De pé, com atenção, respeito e temos para oferecermos em paz a santa oblação." O coro responde pelos fiéis, dizendo em que seu sacrifício consiste: "Dom de paz, sacrifício de louvor." Então o presbítero abençoa a intenção deles dizendo: "A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo, o amor de Deus Pai e a comunhão do Espírito Santo estejam sempre convosco." Os fiéis recebem essa benção

com a cabeça inclinada, por conta da reverencia, e respondem, "em com teu espírito." O presbítero convida mais uma vez os fieis a tentar e a manter-se livre de todas as coisas mundanas: "Corações ao alto!" ao que os fiéis respondem, "nós os elevamos ao Senhor!" com isso termina a preparação para o Sacramento da Eucaristia.

(B). A Realização do Sacramento.

A Consagração dos Dons.

A consumação do Sacramento começa com a exclamação do presbítero: "Demos graças ao Senhor." Os fiéis em resposta a essa convocação, adoram o Senhor, e conscientes de Suas misericórdias, cantam o hino: "É verdadeiramente digno e justo adorar o Pai, o Filho e o Espírito Santo, Trindade consubstancial indivisível." Para que os ausentes também possam nesse momento solene do ofício, juntar suas preces de agradecimento, àquelas dos fiéis que estão na Igreja, os sinos tocam em pancadas únicas. Após adorar a Santíssima Trindade, o presbítero levanta o asterisco da patena, e convida o povo a expressar seu agradecimento ao Senhor não só adorando mas também cantando o hino de triunfo em Seu louvor: "Os poderes celestes aclamam e cantam o hino de triunfo dizendo:" (isto é, "vamos dar graças ao Senhor, cantando a Ele um hino triunfal com todas as forças de nossas almas" ∗) e os fiéis em resposta a esse convite, cantam o hino de triunfo pelo canto dos anjos que rodeiam o trono de Deus, no céu, pelo cano com o qual os judeus encontraram Cristo por ocasião de Sua festiva entrada em Jerusalém: "Santo, santo, santo é o Senhor Sabaoth (Senhor das hostes). Os céus e a terra estão cheios da Tua glória — Hosana nas alturas! — Bendito seja aquele que vem em nome do Senhor! Hosana nas alturas!"∗ .

Tendo rendido graças a Deus por todas as Suas misericórdias por adoração e canto de louvor, o presbítero proclama as palavras, pelas quais Cristo instituiu o Sacramento da Eucaristia, que é o maior monumento do supremo amor de Deus pelos homens: "Tomai e comei, isto é o Meu Corpo partido por vós, para a remissão dos pecados"; e "Bebei todos dele, isto e o Meu Sangue da Nova Aliança †, derramado por vós e por muitos, para a remissão dos pecados." Os fiéis trazendo à memória com essas palavras a Mística Ceia, paixão e morte de Cristo, respondem, "Amém."

Então o presbítero, atendendo o comando de Cristo, de "fazer tudo isso em memória Dele," levanta a patena e o cálice, dizendo: "Aquilo que é teu, recebendo-o de Ti, nós Te oferecemos por todos e por tudo" (isto é, "O que é Teu, nós Te oferecemos em nome de todos os homens, por todas as Tuas misericórdias"); e os fiéis completam essas palavras cantando: "Nós Te louvamos, nós te bendizemos, nós Te damos graças Senhor, e humildemente Te apresentamos as nossas súplicas, ó Nosso Deus." Enquanto esse hino está sendo cantado, o presbítero ora para que o Senhor mande Seu Espírito Santo sobre os Dons oferecidos, consagrando-os, e mudando o pão em Seu verdadeiro Corpo, e o vinho em Seu verdadeiro Sangue e a seguir abençoa os Dons. Nesse instante, pelo poder de Deus, o pão e o vinho são mudados em essência no Corpo e Sangue de Cristo. Todos os que estão presentes na Igreja expressam sua veneração pelo sagrado Mistério com uma prostração.

Comemoração.

Após a consagração dos Elementos, o presbítero comemora os membros da Igreja, por conta de quem os Elementos foram oferecidos. Ele diz em suas orações que nos oferecemos esse sacrifício por todos os Santos que foram para seu repouso (i.e., morreram) — mais especialmente a Mãe de Deus — e o que pedimos a Ele, que, ouvindo nossas preces, Ele nos visite e se lembre de todos aqueles que morreram na esperança da ressurreição. O diácono ao mesmo tempo lê os dipticos — isto é, lista de nomes de Cristãos mortos depois de orar pelos mortos, o presbítero ora pelos vivos — que o Senhor Se lembre dos bispos, presbíteros e de todas as pessoas cristãs. Essa comemoração dos membros da Igreja o presbítero começa enquanto o coro está cantando: "Nós te louvamos." Quando essa oração termina ele comemora alto a Mãe de Deus: "em primeiro lugar nós o oferecemos em honra da toda santa, toda pura, bendita e gloriosa soberana, a Mãe de Deus e sempre Virgem Maria." À essa oração os fiéis respondem com um hino de louvor à Mãe de Deus, "Verdadeiramente e digno e justo que Te bendigamos...." Nos dias de grandes festas, o coro canta em lugar desse hino o *eirmos* da nona ode do cânon de Matinas. Enquanto esse hino está sendo cantado, o presbítero prossegue com a comemoração dos membros da Igreja e quando o hino termina, ele comemora alto dentro os vivos, os bispos como governantes e pastores da Igreja: "Senhor, lembra-te em primeiro lugar, do episcopado Ortodoxo da Igreja russa no exílio (ou outra Igreja nacional), "do nosso Reverendíssimo Metropolita N. Primaz da Igreja russa no exílio; do Reverendo (arcebispo ou bispo N., da diocese, da Igreja onde se celebra), concedendo-lhes que na Tua Igreja, eles vivam em paz, cheios de virtudes, de honra e de saúde; dá-lhes uma longa vida vivida na santidade, para que proclamem a Tua palavra segundo a verdade" * . O diácono durante esse tempo lê a listo dos vivos que estão para ser comemorados.

O presbítero termina a comemoração dos membros da Igreja com a oração: "E concede-nos (isto é, ajuda-nos - todos aqueles que foram comemorados junto com os santos e todos aqueles que morreram na esperança da ressurreição) aclamar com uma só voz e um só coração o nome glorioso e sublime do Pai, do Filho e do Espírito Santo, agora e sempre e pelos séculos dos séculos." Os fiéis respondem, "Amém" por conta de sua participação no oferecimento do Sacrifício e na comemoração dos membros da Igreja. Essa parte da Liturgia dos fiéis termina com a benção do presbítero: "Que a misericórdia de nosso Deus cheio de majestade e Salvador Jesus Cristo esteja sempre convosco!," e com os fiéis desejando ao presbítero a mesma misericórdia: "e com teu espírito."

(C) . A preparação para a Comunhão e o Ato da Comunhão

A Preparação para a Comunhão.

Imediatamente depois da comemoração de todos os membros da Igreja, começa a preparação dos fiéis para a Comunhão. O diácono recita a *Ectênia* de Súplica, que ele começa com o convite: "Tendo invocado todos os Santos, de novo e em paz, oremos ao Senhor," a qual ele acrescenta uma petição pelos dons oferecidos, e santificados, para que o Senhor os aceite no Seu santo, celeste e espiritual altar (ou seja, não substancial, não como o altar material erigido por nós), como o odor doce espiritual, e mande em retorno para nós a divina graça e o dom do Espírito Santo, e livre-nos de toda aflição, ira e necessidade. A *Ectênia* é concluída com a prece do presbítero para que o Senhor

nos conceda dirigimo-nos a Ele sem condenação como a nosso Pai, no Nosso Pai: "Torna-nos dignos Senhor, de ousarmos, com a confiança e sem perigo de condenação, invocar-Te como Pai a Ti Que estais nos Céus e Te dizer "Pai Nosso que estás nos Céus..." etc. O Pai Nosso é então cantado pelos fiéis (o coro). A seguir o presbítero dá ao povo sua benção com o bom desejo, "a paz esteja convosco," e o diácono convida-os a baixar a cabeça perante o Senhor. Nesse momento a cortina é fechada; o presbítero depois da exclamação do diácono: "estejamos atentos," eleva o Cordeiro consagrado, dizendo: "Os santos dons aos santos" (isto é, os santos dons só podem ser oferecidos para aqueles que são santos). Todos os presentes com profunda veneração, adoram o Santo Cordeiro com uma prostração, e dizem na consciência de sua indignidade: "Um só é santo, Um só é o Senhor, para a glória de Deus Pai. Amém."

A Comunhão dos Celebrantes.

Depois que os fiéis se prepararam para receber a Santa Comunhão, o presbítero parte o Cordeiro em quatro partes, dizendo: "O Cordeiro de Deus é partido e distribuído; partido mas não dividido, comigo mas nunca consumido, santificando aqueles que O recebem em comunhão" e coloca uma parte no cálice com as palavras: "A plenitude do Espírito Santo," e coloca essas partes na patena em forma de Cruz. Então ele coloca uma parte no cálice com as palavras: "A plenitude do Espírito Santo," (significando que o Sacramento é completado pela ação do Espírito Santo) e então ele abençoa a água quente , dizendo: "Bendito o fervor (isto é, o fervor de coração) de Teus Santos," e derrama uma certa quantidade no cálice, dizendo: "Fervor da fé cheio do Espírito Santo" (ou seja, o fervor da fé é aceso na alma humana pela ação do Espírito Santo). Unindo o Corpo e o Sangue de Cristo, o presbítero relembra a Ressurreição de Cristo de dentre os mortos, e pelas palavras faladas nesse momento, indica que o Sacramento é completado através da ação do Espírito Santo, e que só quem possui a fé fervorosa deve participar nesse Sacramento, e que essa fé é acesa na alma humana pela graça do Espírito Santo.

Depois desses atos todos terem sido realizados, o celebrante toma a comunhão, partilhando primeiro do Corpo e então do Sangue de Cristo, após o que as partes remanescentes do Cordeiro são postas no cálice, enquanto os hinos de domingo são cantados. Se não há quem comungue (isto é, não há pessoas devidamente preparadas para receber a santa comunhão) todas as porções tiradas dos pães de oblação em honra da Virgem e em memória dos vivos e dos mortos, são então colocadas no cálice, com a oração: "Lava, Senhor, com Teu precioso Sangue e pelas orações da Mãe de Deus, e de todos os Santos, os pecados daqueles de quem fizemos memória." Se há quem possa comungar, essas porções ficam na patena até o fim da comunhão dos fiéis.

Durante o ato de partir o Cordeiro, de unir os Elementos, e da comunhão dos celebrantes, é cantado um hino, que é chamado "Hino da Comunhão," que se relaciona com as memórias do dia e as lições do Evangelho e da Epistola. O Hino da Comunhão para os domingos é: "Louvai o Senhor no mais alto dos céus, louvai-O nas alturas.Amem."Esse hino é usualmente seguido pelo sermão ou homilia.

A Comunhão dos Leigos.

Depois do hino da comunhão e da homilia a cortina é aberta, e também as Portas Reais; o diácono trás pra fora o cálice com o Sacramento, para no ambo, e exclama: "Aproximai-vos com fé, caridade e temor de Deus!" Os fiéis veneram o Sacramento

com uma prostração, lembrando-se de Cristo que ressuscitou dos mortos e apareceu a Seus discípulos depois de Sua ressurreição, e cantam: "bendito aquele que vem em nome do Senhor; o Senhor é Deus. E Ele Se nos manifestou." Então os que vão comungar se aproximam do ambo, fazem sua profissão de fé no Sacramento da Eucaristia, e suplicam ao Senhor que Ele admita que eles participem em Sua Mística Ceia e conceda que eles recebam Sua Santa Comunhão sem condenação.

Oração antes da Comunhão — "Creio e confesso, Senhor, que Tu és em verdade o Filho de Deus vivo, que veio ao mundo salvar os pecadores, dos quais eu sou o primeiro.Creio também que estes Dons são Teu puríssimo Corpo e o Teu Sangue precioso. Eu Te peço, pois: tem piedade de mim e perdoa-me todas as faltas voluntárias e involuntárias, cometidas por palavras e atos, consciente ou inconscientemente e torna-me digno de participar sem incorrer em condenação, nos Teus puríssimos Mistérios, para a remissão dos pecados e para a vida eterna. Amem!

Recebe-me, Senhor, neste dia, na Tua Mística Ceia; eu não desvendarei os Mistérios aos Teus inimigos; eu não Te darei um beijo como Judas, mas, como o ladrão arrependido eu Te confesso, lembra-Te de mim no Teu Reino.

Que a recepção dos Teus santos Mistérios, Senhor, não seja para mim motivo de julgamento e de condenação, mas sirva para a cura da minha alma e do meu corpo."

Então, depois de uma prostração, os que vão comungar, sem se amontoar uns nos outros, e com as mãos reverentemente cruzadas sobre o peito, se aproximam do cálice, recebem o Corpo e o Sangue de Cristo de uma colher das mãos do presbítero, e mui gentilmente beijam a borda do cálice, como se fosse o lado do próprio Cristo. Quando dá a comunhão para cada um, o presbítero diz "o (a) servo (a) de Deus, N., comunga o santo e sagrado Corpo e Sangue de Nosso Senhor Deus e Salvador Jesus Cristo para a remissão dos pecados e para a vida eterna." O que comungou se retira e faz uma reverente inclinação, mas não uma prostração; pois, tendo sido misticamente a Cristo, ele é agora um filho de Deus, e a prostração pe um sinal de servidão. Durante o tempo em que os leigos recebem a comunhão, o coro repetidamente canta: "Recebei o Corpo de Cristo, e bebei da fonte imortal! Aleluia (3 vezes)." Tendo administrado o Sacramento para todos que podiam comungar, o presbítero leva o cálice para altar e coloca nele as porções tiradas dos pães de oblação mencionados anteriormente.

A Última Aparição dos Santos Dons.

Esta parte da Liturgia termina, como as partes procedentes, com uma benção. Tendo colocado o cálice no altar, o presbítero sai para fora do santuário, e parando no ambão, e abençoa o povo, dizendo essa prece: "Salva, Senhor, o Teu povo, e abençoa a Tua herança." Em resposta a isso, o coro canta um hino que mostra que misericórdias o povo recebeu de Cristo: "Nós vimos a verdadeira Luz, nós recebemos o Espírito Celeste, nós encontramos a fé verdadeira, adorando a Indivisível Trindade, pois foi Ela que nos salvou." Enquanto esse hino está sendo cantado, o presbítero incensa o cálice, que contem os Santos Dons e quando o hino termina, o presbítero pega o cálice, vira de frente para o povo e faça as ultimas palavras da Doxologia: "Eternamente, agora e sempre, e pelos séculos dos séculos." Os fiéis fazem uma inclinação até o solo, lembrando da Ascensão de Cristo ao Céu.

(D) Conclusão do Ofício.

Dando Graças.

Tendo adorado Cristo manifestado pela última vez em Seu Santo Sacramento os Cristãos cantam o Hino de Agradecimento: "Senhor, que os nossos lábios estejam cheios do Teu louvor para cantarmos a Tua glória, pois Tu nos tornaste dignos de participar nos Teus Mistérios santos, divinos, imortais e vivificantes. Guarda-nos na Tua Santidade, a fim de que durante todo o dia, pratiquemos a Tua justiça. Aleluia. Aleluia. Aleluia. (isto é, ajuda-nos a preservar a santidade que nós recebemos pela comunhão, para que nós possamos por esse dia inteiro mantermo-nos vivendo justamente, de acordo com Tua palavra). O diácono também agradece na oração da Pequena *Ectênia*, que difere das comuns: ao invés de começar com as palavras: "de novo," etc. ela começa com: "De pé! Tento participado nos santos, divinos, puros e imortais celestes e vivificantes Mistérios, agradecemos dignamente ao Senhor."

A Oração Diante do Ambão e a Despedida.

Após os agradecimentos terem sido feitos o presbítero abençoa os Cristãos que vão sai da Igreja, lembrando-os que eles deveriam viver lá fora na mesma paz com que eles entraram nela. "Retiremo-nos em paz," ele diz. A isso o coro responde, falando por todos, "em nome do Senhor." Então o presbítero, descendo do ambão, e estando no meio do povo, diz uma oração que é um epítome do ofício inteiro. Ele ora que o Senhor salve Seu povo e abençoe a Sua herança, a plenitude de Sua Igreja (isto é, a inteira comunidade Cristã), que Ele preserve e santifique aqueles que amam o esplendor de Sua casa; que Ele não abandone a nós, que depositamos nossa esperança Nele, e que Ele conceda paz ao mundo inteiro, às Suas Igrejas, aos sacerdotes e a todo o Seu povo. O coro, falando por todos, expressa o desejo de ir embora com a benção de Deus: "Bendito seja o Nome do Senhor, agora e sempre e pelos séculos dos séculos" é cantado três vezes,a pós o que o Salmo 33 é lido: "Louvarei o Senhor em todo o tempo."

Durante o canto do Salmo, o presbítero distribui pedaços do santo pão. Esses pães são os remanescentes dos pães de oblação dos quais uma porção, o Cordeiro — foi cortado em memória de Cristo, e é chamado A*ntidoron*, que significa: "substituto dos Dons"; o Antidoron é distribuído de modo a que aqueles que receberam comunhão possam também ao menos, participar em pensamento, no Sacramento da Eucaristia, e que eles não se sintam excluídos da comunidade de fiéis, mas em comunhão com eles. A distribuição do *Antidoron* é um remanescente dos *ágapes* ou festas de amor que, entre os primeiros Cristãos, eram feitas com as sobras das ofertas trazidas.

Após a leitura do Salmo, e a distribuição do *Antidoron*, o presbítero abençoa o povo em nome do Senhor dizendo: "A benção do Senhor a Sua divina graça e o Seu amor pelos homens desça sobre vós." O ofício termina com uma prece desejosa de que o Senhor tenha misericórdia de nós pela intercessão da Mãe de Deus, e de seus santos, e que Ele nos dê vida longa. Os que comungaram permanecem na Igreja após a despedida, para ouvir mais orações de agradecimento pela comunhão.

Nota 1. Dias em que a Liturgia de São Basílio é celebrada e no que ela difere da Liturgia de São João Crisóstomo. - A Liturgia como ordenada por São Basílio o Grande, Arcebispo de Cesaréia na Capadócia, é celebrada só dez vezes no ano: nas vigílias do Natal e Epifania (se essas vigílias não caírem no sábado ou domingo, em cujo caso a Liturgia de São Basílio é celebrada no próprio dia da festa, e a de São João Crisóstomo na Vigília); no dia primeiro de janeiro, que é dedicado à memória de São Basílio; nos domingos da Grande Quaresma, com a exceção do domingo de Ramos; na quinta feira e no sábado da Semana Santa.

A Liturgia de São Basílio, difere da de São João Crisóstomo somente nos seguintes pontos: 1) as orações secretas, que o presbítero lê individualmente enquanto celebra o sacrifício são mais longas e por isso os hinos que acompanham o ato são cantados mais lentamente; 2) as palavras da instituição do sacramento são ditas como segue: "e deu-o aos santos discípulos e Apóstolos dizendo: tomai e comei..." e "deu-o aos santos discípulos e Apóstolos dizendo: bebei todos dele..."; 3) no lugar do hino: "Verdadeiramente é digno e justo" canta-se um hino que começa: "Virgem Mãe de Deus, ... ó cheia de graça, toda a criatura exulta de alegria"; 4) na oração de despedida é mencionado o nome de São Basílio o Grande ao invés do de São João Crisóstomo.

Nota 2. Quando, em dias nos quais os estatutos da Igreja prescrevem que a Liturgia deve ser celebrada, e não é possível fazer isso, seja por falta de uma igreja ou porque o presbítero falhou em se preparar para participar do Sacramento, o rito de *Typica* é um substituto para a Liturgia. Esse ofício começa como o canto, imediatamente depois da Grande *Ectênia*, de dois Salmos, 103 (ó minha alma, bendiz o Senhor, e que tudo que existe em mim bendiga o Seu Santo Nome), e 103 (ó minha alma, bendiz o Senhor e tudo que existe em mim bendiga o Seu Santo nome), e o 146 (ó minha alma, louva o Senhor!," que, na Liturgia completa, são usados como típicas Antífonas. Esses Salmos são seguidos pelo hino "Ó Filho único e Verbo..." que contem a doutrina Cristã da Encarnação, e pelas Beatitudes, com a oração do ladrão arrependido, "no Teu Reino, lembra-Te de nós, Senhor!," repetida ente os versos. Depois das Beatitudes, a Epístola e o Evangelho são lidos, é recitada a Tripla *Ectênia*, o Credo é cantado, seguido pela *Ectênia* de Súplica, e em conclusão o Pai Nosso e a Despedida.

Características Especiais dos Serviços Divinos.

Festas e Jejuns Fixos.

A Natividade da Theotokos.

A Santíssima Virgem Maria nasceu na Galiléia na cidade de Nazaré. Seus pais eram São Joaquim e Santa Ana. São Joaquim veio da tribo de Judá, na casa real de Davi, enquanto Santa Ana era da tribo de Levi da casa do sumo sacerdote de Aarão. Por um longo tempo eles não tiveram filhos, o que lhes causava muito pesar, e eles imploravam a Deus que Ele lhes tirasse a desonra da esterilidade. O Senhor ouviu suas preces e concedeu a eles uma filha, que eles chamavam de Maria, que significa "senhora" ou "elevada." Esse evento que foi tão jubiloso para a raça humana porque ele abriu a porta para a salvação, é celebrado no dia 08 de setembro. O dia seguinte é dedicado á memória de Joaquim e Ana, que são chamados "Ancestrais de Cristo" desde que sua filha Maria foi considerada digna de ser a Mãe do Deus-Homem, Jesus Cristo.

Tropário da Festa: "O teu nascimento, ó Virgem Mãe de Deus, anunciou alegria a todo o universo, pois de Ti nasceu o Sol de Justiça, o Cristo nosso Deus que, levantando a maldição, nos abençoou e, destruindo a morte, nos deu a vida eterna."

A Exaltação da Cruz.

A Festa da Exaltação da cruz é celebrada no dia 14 de setembro, em memória de dois eventos: 1) o encontro pela Imperatriz Helena, mãe do Imperador Constantino o Grande da preciosa Cruz na qual Cristo salvador foi crucificado, e 2) a recuperação dessa mesma Cruz do cativeiro com os Persas pelo Imperador grego Heráclio. A Festa é chamada de Exaltação, porque quando a Cruz foi achada, ela foi elevada, "exaltada," para que todos pudessem vê-la,e universal porque os Cristãos em sua alegria pelo retorno da Cruz do seu cativeiro, resolveram que esse evento deveria ser celebrado no mundo inteiro.

Como o encontro e a exaltação da Cruz de Cristo, foi um triunfo da fé Cristã, que o Imperado declarou ser a religião dominante do Império, os hinos para o dia contem principalmente orações para o Pio Imperador e para o povo Cristão. Esse caráter é expresso no *tropário* do dia: "Salva, Senhor o Teu povo, e abençoa a Tua herança, concede a nosso Pio Imperador a vitória sobre os seus oponentes preservando a comunidade por Tua Cruz" *

A principal peculiaridade do ofício é que, na Vigília da Festa, depois da Véspera, a Cruz é trazida para fora do repositário de objetos sagrados, como tirada das profundezas da terra e é colocada sobre o altar. Então, na Matinas, depois da Grande Doxologia, com um lento cantar do *Trisagion,* a Cruz é trazida pra fora do Santuário e colocada num Analogion (pianha) especialmente decorada, para veneração pública. Para essa cerimônia o presbítero usa todas as peças de vestimentas da sua ordem, carrega a Cruz em uma bandeja sobre a sua cabeça saindo pela porta norte, por conta de que Cristo, apesar de invertido em divina glória, veio ao mundo em humilhação. Todos os Cristãos, os celebrantes, primeiro, a seguir os leigos, se aproximam da Cruz, e a veneram com duas prostrações, então beijam-na, e fazem mais uma prostração. Durante todo esse tempo o coro canta o hino: "Aos pés da Cruz, nós nos prostramos, Mestre, e à Tua Santa

Ressurreição nós cantamos." Para que os que estão ausentes da igreja possam, ao menos mentalmente, partilhar da veneração da Cruz, os sinos da Igreja tocam em carrilhão durante a cerimônia. A Cruz permanece no Analogion (pianha) até 21 de setembro, quando, depois da Liturgia e da despedida, ela é solenemente pega e carregada para o Santuário pelas Portas Reais. — A celebração dessa festa é acompanhada por jejum estrito, em memória da Paixão de Cristo, e porque os Cristãos devem seguir atrás de Cristo pelo caminho do sofrimento, pela mortificação das paixões e desejos carnais.

Em Igrejas grandes e mosteiros, a veneração é precedida pela cerimônia de exaltação da Cruz. O presbítero, tendo trazido a Cruz para fora, coloca-a no analogion, incensa-a, então, tomando-a em suas mãos, para com sua face voltada para o leste (para o Santuário). Durante esse tempo o diácono recita uma *Ectênia* consistindo em três petições; depois de cada petição o "Senhor tem piedade de nós" ("Gos podi Pomilui") é cantado cem vezes! Durante o canto de cada em vezes, ele faz o sinal da Cruz três vezes na direção em que está realizando a exaltação; então, segurando a Cruz em suas mãos, ele lentamente inclina sua cabeça quase até o chão, e a seguir levanta-a lentamente; no final das cem vezes ele fica ereto e abençoa o povo com a Cruz três vezes. Depois da exaltação tem lugar a veneração da Cruz.

A Entrada da Theotokos no Templo.

Os justos Joaquim e Ana, mesmo antes do nascimento de sua filha Maria, tinham prometido dedicar a Deus a criança que Ele lhes havia concedido. Quando a Santíssima Virgem Maria ainda era uma jovem menina, eles a trouxeram ao Templo, acompanhada por virgens com lamparinas, e a colocaram no primeiro degrau da escada. De acordo com a antiga tradição, Maria subiu os quinze degraus do Templo sozinha. No topo da escada o sumo sacerdote a encontrou, e cheio do Espírito Santo, conduziu-a não só até o altar, mas até mesmo até o Santo dos Santos, onde de acordo com a Lei, o próprio sumo sacerdote só podia entrar uma vez por ano. O povo ficou assombrado com essa entrada, e os anjos de Deus maravilharam-se também. Os Cristãos celebram esse evento em 21 de novembro como um portento de reconciliação do homem com Deus através do poder de Cristo.

Tropário da Festa: "É hoje o prólogo da benevolência de Deus e a proclamação antecipada da salvação dos homens. A Virgem mostra-se abertamente no Templo de Deus e anuncia Cristo antecipadamente a todos. Clamemos-lhe também em voz forte: Salve, ó realização do plano do Criador."

A Natividade de Jesus Cristo.

De todas as doze grandes festas, a da Natividade de Cristo (25 de dezembro), é a celebrada com particular solenidade. Para a digna celebração dela, os Cristãos se preparam por um jejum de quarenta dias, chamado de Quaresma do Natal, que dura de 15 de novembro até 24 de dezembro inclusive. É popularmente conhecida como "Quaresma do Felipe" porque começa no dia seguinte ao consagrado á memória do Apóstolo Felipe (14 de novembro). Já desde o dia da entrada da Virgem no Templo, são cantadas: "Cristo nasceu, dê-se glória; Cristo veio do céu, encontremo-lo! Cristo está na terra, exaltemo-lo! Ó toda terra louve o Senhor, e cantemos com alegria; sim povo, pois Ele foi glorificado!" Os dois domingos anteriores à Natividade são consagrados à memória de todos os santos do Velho Testamento, que foram salvos pela fé na vida do

salvador. O primeiro desses domingos é chamado de "Domingo dos Antepassados do Senhor," e é dedicado à memória dos santos Patriarcas, de Adão a José que foi marido da Mãe de Deus; e dos santos Profetas, de Samuel a São João Batista; enquanto o segundo é chamado de "Domingo dos Santos Padres" e é consagrado à memória dos antepassados do Senhor na carne.

A Véspera dessa festa é observada pela manutenção de um jejum estrito. A Igreja prescreve que nesse dia trigo cozido é a única comida usada, ou arroz cozido com uvas passas e mel (*kutyá*), independente do dia da semana. Quando aos ofícios dessa Véspera eles diferem de acordo com o dia da semana. Se ela cai segunda, terça, quarta, quinta ou sexta-feira, as assim chamadas "Horas Reais" são lidas, e então seguem-se as Vésperas combinadas com a Liturgia de São Basílio o Grande ∗ ; no próprio dia de Natal é celebrada a Liturgia de São João Crisóstomo. Se a Véspera cai num sábado ou domingo, então: 1) as Horas Reais são lidas na sexta feira, e nessa sexta feira não há Liturgia; 2) na Véspera a Liturgia de São João Crisostomo é celebrada de manhã; 3) Vésperas com leituras dos Apóstolos e Evangelho depois da entrada de Vésperas; e 4) no dia de Natal, é celebrada a Liturgia de São Basílio.

As "Horas-Reais" diferem das horas comunas nos seguintes pontos: 1) dos três Salmos prescritos para cada hora, somente um é lido; os outros dois são selecionados especialmente para o evento comemorado; 2) a cada Hora depois do *tropário* , a *paremia*, as Epistolas e o Evangelho são lidos; e 3) os ofícios de toda as três Horas são combinados em um. Essas Horas são chamadas de Reais, porque são lidas somente na Véspera do dias mais importantes da vida terrena de Cristo — nas Vésperas do Nascimento, da Epifania, e na Sexta Feira Santa, e também porque em tempos antigos o Imperador costumava, naqueles dias, ir em procissão solene para a Igreja principal da cidade.

A Liturgia ou a Véspera é seguida pela "glorificação de Cristo": uma vela acesa é colocada no meio da Igreja, simbolizando a luz de Cristo, e os celebrantes diante da vela cantam o *tropário* e o *kontakion* da festa. Essa cerimônia é posteriormente celebrada nas casas dos Cristãos, desejosos de trazer a alegria do Natal para suas casas, para suas famílias.

Tropário da Natividade — "O Teu nascimento, ó Cristo nosso Deus, fez brilhar no mundo a luz do conhecimento. Nela os adoradores dos astros aprenderam de um astro a adorar-Te, Sol de Justiça, e a reconhecer-Te como o Oriente vindo do alto. Senhor, glória a Ti!" — *Kontakion* — "Hoje a Virgem dá à luz o Eterno, e a terra é uma fruta ao Inacessível. Os anjos e os pastores louvam-No e os Magos com a estrela avançam. Tu nasceste para nós, ó Menino, Deus Pré-Eterno."

A Vigília de Toda Noite antes da Natividade consiste em Grandes Completas e Matinas — No dia das festas, depois da Liturgia, antigamente era feito um *moleben* de agradecimento pela "libertação da invasão dos gauleses e vinte nações com eles" no ano de 1812. Esse serviço era concluído com o canto de "muitos dias" para o Imperador Alexandre I.

No dia seguinte ao natal é celebrada a Santíssima Mãe de Deus, como a pessoa que foi o instrumento da Encarnação do Filho de Deus. No domingo seguinte à Natividade são comemorados José, o marido, o Rei Davi, e Tiago, o irmão do Senhor ∗ . Em honra do

grande festival, o jejum é dispensado nas quartas e sextas férias entre o dia da Natividade e a Vigília da Epifania, donde essas duas semanas serem chamadas de "Completas."

O Batismo de Jesus Cristo.

A festa do Batismo de Nosso Senhor, celebrado no dia 6 de janeiro, é também .

chamado de Teofania, ou Epifania (Divina Manifestação, Manifestação do Alto), porque no Batismo de Jesus Cristo a Trindade esteve presente e manifestou-se: o Filho de Deus recebeu o Batismo no Rio Jordão; Deus o Pai testemunhou o Seu Filho por uma do Céu; e o Espírito Santo pareceu na forma de uma pomba, confirmando as palavras de Deus o Pai. Nos tempos antigos, os catecúmenos costumavam receber o Sacramento do Batismo na Vigília desse dia, da ele também receber o nome de "Festa da Iluminação."

Tropário da Festa: "Senhor, em Teu Batismo no Jordão, foi revelada a adoração devida à Trindade, pois a voz de Deus Pai deu testemunho de Ti, chamando-Te Filho Bem-Amado, e o Espírito, sob a forma de pomba, confirmou esse testemunho inabalável. Ó Cristo nosso Deus, que apareceste entre os homens e iluminaste o mundo, glória à Ti!" — *Kondakion* da Festa: "Tu apareceste hoje no Universo, Senhor, é a Tua Luz, mostrou-se a nós que, reconhecidos, Te cantamos: Tu vieste e Te manifestaste, Ó Luz inacessível."

Os ofícios nesse dia são os mesmo que os do dia da Natividade de Cristo. A vigília é um dia de jejum tão estrito quanto aquele na Vigília da natividade; e no dia seguinte os fiéis congregam-se para celebrar "o venerável e glorioso Profeta e Precursor, João, o Batizador de Cristo."∗

A principal característica desse oficio do dia da Epifania é a "Benção das Águas" . Em todas as Igrejas ela tem lugar na Vigília da Festa, depois da Liturgia ou da Vésperas. Em algumas Igrejas, ela é repetida no dia da festa depois da Liturgia, em rios ou lagos, para onde o clero vai em procissão, com Cruz e estandartes. A primeira benção é mantida como lembrança do batismo dos catecúmenos costumavam receber nesse dia, e dos votos que nós mesmos fizemos em nosso batismo. A segunda benção tem lugar como memória do batismo de Nosso Senhor, por isso a procissão é chamada de "Ida ao Jordão." O oficio de benção consiste no canto de *Estiquérios*, a leitura de *paremiae*, leitura de Epistolas e do Evangelho, orações proferidas pelo presbítero para a santificação das águas ∗ , e na três vezes repetida imersão da Cruz, como o canto do *tropário* da festa. Depois da cerimônia, os celebrantes, como na Vigília da natividade, cantam o *tropário* e o *kondakion* da festa no meio da Igreja, diante de uma vela acesa, então, carregando com eles alguma da água benta, vão para as casas dos seus paroquianos e aspergem elas com água.

O Encontro de Jesus Cristo.

De acordo com a Lei de Moises, no quadragésimo dia do nascimento da primogênita criança masculina, a mãe era obrigada a apresentar o menino ao Senhor, isto é, leva-lo

ao Templo e oferecer sacrifício para sua própria limpeza e como um resgate por seu filho primogênito. Um carneiro e um pombo eram oferecidos, mas se a família era pobre, só dois pombos. O resgate foi posto pela Lei em cinco shekels. No quadragésimo dia do nascimento de Jesus, a Santíssima Virgem Maria veio ao Templo com sua Criança e ofereceu o sacrifício de dois pombos. Cristo foi encontrado no Templo pelo ancião de Deus, Simeão, a quem o Espírito Santo tinha revelado que ele não morreria até tivesse visto o Cristo. Por divina revelação, Simeão ficou sabendo que o bebê Jesus era o Salvador do mundo. Ele O tomou em suas mãos, agradecendo a Deus, e chamou Jesus de "uma luz para os gentios e a glória de Israel." Naquele tempo vivia no Templo, com oitenta e quatro anos a viúva e profetiza Ana. Ela se aproximou de Maria, glorificou a Deus, e falou a respeito de Cristo para todos que estavam esperando libertação. Esse evento é comemorado no dia 2 de fevereiro, e o dia seguinte é dedicado a memória de Santo Simeão o recebedor de Deus e Ana a profetiza.

Tropário da Festa: "Rejubila, ó cheia de graça, Virgem Maria Mãe de Deus, pois de Ti se levantou o Sol de Justiça, o Cristo Nosso Deus, iluminando aqueles que estão nas trevas. Rejubila também, justo ancião, que recebeste nos teus braços Aquele que liberta as nossas almas e nos dá a Ressurreição."

A Anunciação.

A festa da Anunciação é celebrada no 25 de março; no dia seguinte, os fiéis congregam-se para celebrar o Arcanjo Gabriel, que trouxe as jubilosas boas novas para a Virgem Maria. Essa festa usualmente ocorre na Grande Quaresma, as vezes em um dos primeiros dias da semana Pascal. Mas apesar do período de Quaresma, é celebrada com todo brilho e não deve ser obscurecida pelos ofícios tristes da Quaresma ou mesmo da Semana Santa. Nem é para ser perdida na grandiosidade da Semana Pascal. Assim procedendo os Cristãos expressam o fato de que eles encaram a Anunciação como o início de nossa salvação.

Tropário da Festa: "É hoje o começo da nossa salvação, e a manifestação do mistério eterno. O Filho de Deus torna-Se Filho da Virgem e Gabriel anuncia a graça. Por isso cantamos com ele à Mãe de Deus! Salve ó cheia de graça, o Senhor está contigo."

As características especiais dos ofícios da festa da Anunciação são determinadas pelo dia em que ela cai. Se é num domingo ou segunda feira da Quaresma, a Vigília de Toda Noite começa com as Vésperas; se cai em qualquer outro dia da semana — com completas, porque as Vésperas combinam então com as horas. Nas Matinas do dia da festa o Polyeleos é cantado, excetuando-se quando a Anunciação cai no primeiro dia da Páscoa. Nesse caso o *Polyeleos* é omitido, o cânon da festa é cantado junto com o cânon Pascal, e o Evangelho da Anunciação é lido depois da sexta ode do Cânon. A combinação das duas festas é chamada de *Kyriopascha*, isto é, "Páscoa do Senhor." — As Horas são as mesmas para a Anunciação como para o dia no qual a festa cai: nos sábados e domingos, as Horas comuns; nos outros dias, as Horas de Quaresma; na Sexta Feira Santa, Horas Reais;e em toda Semana Pascal, as Horas Pascais. Nos dias nos quais são prescritas Horas de Quaresma ou Horas Reais, a Liturgia é celebrada depois das Vésperas em combinação com esse oficio. Se a Anunciação cai em qualquer domingo da Quaresma exceto no Domingo de Ramos, ou na quinta ou sexta feira da Semana Santa, celebra-se a Liturgia de São Basílio em todos os outros dias a de São João Crisostomo.

A Festa dos Apóstolos Pedro e Paulo.

A festa dos Apóstolos Pedro e Paulo é celebrada em 29 de junho. No dia seguinte os fiéis se congregam para celebrar os Doze Apóstolos. A principal característica dessa festa é a quaresma que a precede, começando numa semana depois do Pentecostes e terminando na Vigília do dia de São Pedro e São Paulo. Essa Quaresma a Igreja designa como a "dos Apóstolos" . É celebrada em memória do fato que os Apóstolos jejuavam antes de ir pregar o Evangelho.

A Transfiguração de Nosso Senhor.

A Transfiguração de Nosso Senhor é celebrada em 6 de agosto. É regra trazer para as igrejas nesse dia, para consagração, os primeiros frutos das árvores frutíferas. No oriente eles trazem uvas, nós na Rússia trazemos maçãs.*

A essência dos hinos nessa festa é expressa no *tropário* desse dia: "Ò Cristo, Nosso Deus, que Te transfiguraste sobre o Monte Tabor, faz brilhar também sobre nós a tua Luz eterna, pelas orações da Mãe de Deus. Glória a Ti, Senhor, que nos fizeste Te ver a verdadeira Luz."

A Dormição da Theotokos.

Para a digna celebração da festa da Dormição nós nos preparamos por uma quaresma começando em 1º de agosto e que dura te 15 de agosto, o dia da festa. A Igreja a chama de "Quaresma da Dormição."

A essência dos hinos da Dormição é expressa no *tropário* do dia: "Conservando intacta a glória da Tua virgindade, Tu geraste e deste à luz o Verbo de Deus. Na Tua Dormição, Tu não abandonaste o mundo, ó Mãe de Deus. Tu foste transferida para a vida, sendo a Mãe da Vida, pelas Tuas orações, Tu resgatas as nossas almas da morte."

No dia 29 de agosto comemora-se a Decapitação do Honorável e Glorioso Profeta e Precursor João Batista. Como nesse dia, uma vez, os homens esqueceram a justiça e a consciência no meio da festividade, foi ordenado que deveria ser um dia de jejum, como lembrança para nós para olhar bem para a pureza de nossas almas no meio dos prazeres e diversões.

A Procissão da Cruz.

Nesse dia — o 1º de agosto — duas festas são combinadas: 1) o trazer para fora a vivificante Cruz , e 2) a celebração do Misericordiosíssimo Salvador, Cristo Deus e da Santíssima Virgem Maria, Sua Mãe. Essa é uma das festas menores. Em Constantinopla, no 1º de agosto, a Cruz vivificante costumava ser trazida para fora do palácio e carregada para a Igreja de Santa Sofia, e a cerimônia de consagrar as águas era realizada nessa ocasião. Depois disso, por quinze dias, a Cruz era carregada pelas ruas da cidade, com orações pela preservação do povo de epidemias e pestilências mortais, porque nessa época do ano existia usualmente muita doença entre o povo; então a Cruz era carregada de novo para o palácio. E, 1164 a segunda celebração foi acrescentada,

em memória das duas vitórias conseguidas nesse dia: uma pelo Imperador grego Manuel sobre os sarracenos, e uma pelo Príncipe russo Andréas Bogoliubsky sobre os búlgaros.

A principal característica da festa é trazer a Cruz para fora para veneração. Isso é feito como no dia da Exaltação. Só a cerimônia de elevação não é realizada em lugar algum. Depois da Liturgia e às vezes depois da Matina, procissões vão para os lagos, tanques e rios onde a benção menor, difere da benção maior do dia da Epifania, no que a oração dita pelo presbítero é mais curta * , e na imersão da Cruz é cantado o verso, "Salva, Senhor, o Teu povo..." e não, "No teu batismo no Jordão, ó Senhor....."

Festas e Jejuns Móveis.

Todos os dias móveis de louvação são ligados com a maior das festas Cristãs, "O dia da Páscoa." Alguns deles são a preparação para a digna celebração dessa festa, outros continuam a festividade, tornando-nos sensíveis a seus frutos.

A preparação para a festa consiste em duas quaresmas, uma a Grande Quaresma, começando na segunda feira da primeira semana e terminando na sexta-feira da sexta semana, e a Quaresma da Semana Santa. Essas duas quaresmas são unidas por dois dias dos quais um, sábado é consagrado à memória da Ressurreição de Lázaro, e o outro, domingo, o da entrada de Cristo em Jerusalém. Alem e acima dessas semanas, três semanas são separadas como preparação para a Grande Quaresma. Assim o tempo completo de preparação para a Festa pascal compreende dez semanas.

A Festa Pascal dura sete dias. Mas as festividades não terminam com isso. Os hinos em louvor da Ressurreição são cantados até o dia da Ascensão; então por dois domingos a mais, a Igreja fala dos frutos que a Ressurreição trouxe para o nosso bem; um é consagrado à memória da descida do Espírito Santo sobre os Apóstolos, e o outro comemora todos os Santos que obtiveram o Reino do Céu pela fé no Senhor crucificado e ressuscitado dos mortos.

As Semanas de Preparação da Grande Quaresma.

A Grande Quaresma é um período de penitencia, e como penitencia requer um auto-sentido de indignidade, esperança na misericórdia de Deus, temor do julgamento, e o estar pronto para perdoar os outros, todos esses motivos devem ser levantados em nós antes do inicio da Grande Quaresma.

Três semanas antes da Grande Quaresma, a parábola do Publicano e do Fariseu é lida, e nos hinos da Matinas o significado dela é explicado, e é uma lição de humildade. Esse domingo é chamado "Domingo do Publicano e do Fariseu,"e a partir dele até o domingo da quinta semana da Grande Quaresma, depois do hino "tendo contemplado a

Ressurreição de Cristo..." *tropários* penitenciais são cantados, incutindo humildade. Alem disso, que nós sejamos ensinados ainda mais claramente a não ficarmos orgulhosos e não nos jactarmos pelo cumprimento da lei, como o Fariseu na parábola se jactava de fazer os jejuns.

Essa semana é completa e o jejum da quarta e sexta-feira é remetido para a semana seguinte.

Tropários Penitenciais: "Abre para mim as portas do arrependimento, ó Doador da vida, do Teu santo templo vigia meu espírito que traz com ele o templo muito impuro do meu corpo; mas na Tua bondade purifica-me, na Tua grande misericórdia e no Teu amor compassivo" — "Ó Mãe de Deus, conduz-me pelo caminho da salvação, pois manchei minha alma pelo pecado e desperdicei na indolência toda a minha vida, mas pela Tua santa intercessão liberta-me de toda impureza" — "Quando eu penso na multidão das minhas más ações, pecador que eu sou, temo o dia terrível do julgamento; mas esperando a Tua piedade e a Tua compaixão, eu Te clamo como Davi: tem misericórdia de mim, ó Deus, segundo a Tua benignidade."

No domingo seguinte, durante a Liturgia, é lida a parábola do Filho Pródigo, que nos ensina que, tendo nos arrependido de nossos pecados, a não desesperar pela nossa salvação, mas confiar na misericórdia do Senhor, nosso Pai Celestial. Esse domingo é chamado Domingo do Filho Pródigo. A essência dos hinos do dia é expressa no Salmo: "Junto aos rios da Babilônia nos assentamos e choramos, lembrando-nos de Sião." Esse Salmo é cantado na Matinas depois dos Salmos do *Polyeleos*)é o Salmo 137).

No domingo seguinte ao do Filho Pródigo, o Evangelho lido é aquele do Dia do Julgamento, em que nós, confiando na misericórdia de Deus, não devemos esquecer a Sua justiça e não cairmos na falta de cuidado. Esse domingo é chamado de "Domingo do Juízo Final" ou "Domingo da Despedida da Carne" porque nele acaba o comer carne. No dia anterior — sábado — a Igreja comemora, isto é, ora por, nossos antepassados, pais e irmãos falecidos para quem o tempo de arrependimento já passou, e que podem obter a misericórdia de Deus somente pelas orações dos vivos. O oficio de Matinas nesse sábado consiste principalmente de orações para o repouso das almas deles.

Esse domingo é seguido pelo "Domingo da Tirofagia," e é o vestíbulo para a Grande Quaresma. Ele recebeu esse nome (que em grego significa "comer queijo") porque é o ultimo dia para se comer leite, queijo, laticínios e ovos. Em todos os hinos dessa semana a queda de Adão é mencionada e é mostrado que ela foi causada pela intemperança. Na quarta e sexta feira dessa semana não há Liturgia, mas somente um oficio quaresmal. No ultimo dia da semana, o "Domingo da Tirofagia," a leitura do Evangelho na Liturgia do dia, ordena-nos perdoarmos uns aos outros os pecados. Essa é a razão pela qual os Cristãos nesse dia pedem uns aos outros perdão pelas suas mútuas ofensas, e fazem esforço para tornarem-se mutuamente reconciliados. Por isso o domingo é também de "Domingo do Perdão."

Peculiaridades dos Ofícios da Grande Quaresma.

A principal característica dos ofícios da Grande Quaresma é sua duração aumentada com esplendor diminuído; em particular um número limitado de hinos jubilosos e triunfais, luzes diminuídas, menos freqüentes aberturas das cortinas e das Portas Reais.

A maioria dos ofícios são realizados com as Portas Reais fechadas e consistem na leitura de Salmos e orações penitenciais, com prostrações freqüentes. Em todo oficio a oração penitencial de São Efrém, o Sírio é recitada com prostrações: "Senhor e Mestre de minha vida, afasta de mim o espírito de preguiça, espírito de dissipação, de domínio e de vã loquacidade. Concede a Teu servo o espírito de temperança, de humildade, de paciência e de caridade. Sim, Senhor e Rei, concede-me que veja as minhas faltas e que não julgue o meu irmão, pois Tu és bendito pelos séculos dos séculos. Amém." Nas Matinas, todo dia exceto sábado e domingo, é cantado o "Aleluia" ao invés do "O Senhor é meu Deus e Ele Se nos manifestou."

A Liturgia sendo um oficio alegre e triunfal, na Grande Quaresma é celebrada só aos sábados e domingos; nos outros dias só o oficio de *Typica* é realizado. No entanto, para que os Cristãos não sejam privados de muito tempo do privilégio de partilhar do Sacramento da Eucaristia é permitido dar comunhão certos dias nas Vésperas, usando Dons Pré-Santificados. Tal oficio de Véspera no qual os fiéis podem receber comunhão é chamado de "Liturgia do Pré-Santificado," e também de Liturgia de Gregório o Grande, porque o ritual foi escrito pelo Papa de Roma, São Gregório, o Grande.

Há uma combinação especial de ofícios prescrita para a Quaresma. Os serviços do entardecer consistem de Completas; o serviço matutino de Matinas e Primeira Hora; os ofícios do meio dia são Terceira, Sexta e Nona Horas, e *Typica* e o de Vésperas em certos dias com a Liturgia dos Pré-Santificados.

As Horas da Grande Quaresma.

A peculiaridade dos ofícios das Horas na Grande Quaresma, consiste em que a todas as Horas: 1) Depois dos três Salmos o *catisma* é lido; 2) No lugar do *tropário* do dia, são lidos *tropários* especiais, indicando os eventos comemorados no oficio de cada Hora; 3) Antes da oração de encerramento da Hora, a oração penitencial de São Efrém, o Sírio é recitada, com prostrações. Na Sexta Hora, alem do que foi mencionado é lida uma *paremia*.

Tropário da Primeira Hora: "Na manhã, ouve a minha voz, ó meu Rei e meu Deus" — Na Terceira Hora: "Ó Senhor, que enviaste o Teu Santíssimo Espírito na Terceira Hora sobre Teus Apóstolos; não O retireis de nós, ó Bondoso, mas renova-O em nós que oramos a Ti" — na Sexta Hora: "Ó Tu Que no sexto dia e na sexta hora pregaste na Cruz o temerário pecado de Adão no paraíso, rasga em pedaços o manuscrito de nossos pecados, Ó Cristo Deus, e salva-nos." — Na Nona Hora: "Ó Tu Que na nona hora experimentaste a morte na carne, mortifica nossa mente carnal, ó Cristo Deus, e salva-nos."

A Liturgia dos Pré-Santificados.

A Liturgia do Pré-Santificado é celebrada naqueles dias na Grande Quaresma quando a contrição própria do período não permite a alegria triunfal trazida pela Liturgia completa, mas ainda assim as memórias do dia demandam o conforto do Sacramento da Comunhão. Tais dias são as quartas e sextas feiras na Grande Quaresma, nos três primeiros duas da Semana Santa,e em todos os dias que caia a festa de algum santo, em cujo louvor o *Polyeleos* é prescrito. Nessa Liturgia os dons não são consagrados, mas os fiéis que recebem comunhão partilham dos Dons que foram consagrados na Liturgia

precedente de São Basílio o Grande, ou São João Crisóstomo, e preservado dentro de uma arca sobre o altar. Dessa forma a Liturgia do Pré-Santificado consiste somente o trazer para fora os Santos Dons, a preparação para a Comunhão, o ato da Comunhão, e o agradecimento pela Comunhão. Esse oficio é combinado com o de Vésperas; e como catecúmeno podem estar presentes nas Vésperas, e só os fiéis testemunham a Liturgia, por isso, no fim do oficio de Vésperas, antes que os Santos Dons sejam transferidos para o altar, os catecúmenos são convidados a se retirar.

Até a entrada da Vésperas, o oficio prossegue de modo usual, com a única diferença que ele começa com a benção do Reino da Santíssima Trindade, como na Liturgia completa; "bendito é o Reino do pai, do Filho e do Espírito Santo." A exclamação inicial do presbítero é seguida pelo Salmo introdutório, pela Grande *Ectênia*, o *catisma*, dividido em três seções ou Antífonas pelas Pequenas *Ectênias*, recitadas duas vezes, - o salmo "Senhor, a Ti clamo," com *estiquérios*, e o hino, "Ó Luz jubilosa." Antes que esse último hino seja cantado, as Portas Reais são abertas e o presbítero sai com o turíbulo (incenso), ou — se é um dia quando é apontada uma leitura do Evangelho — com o Evangeliário. Depois da entrada o *prokimenon* é cantado, as Portas Reais são fechadas, e duas *paremia* para o dia são lidas; nos dias de festa a *paremia* da festa é acrescentada. Depois da primeira *paremia* as Portas Reais são abertas de novo e o *prokimenon* da primeira *paremia* é cantado. Então o presbítero toma em suas mãos o turíbulo e uma vela acesa e exclama: "Sapiência! De pé!" para despertar a atenção dos fiéis,e faz o sinal da Cruz sobre eles com o turíbulo e a vela, com as palavras: "A Luz de Cristo é manifestada a todos"; por conta de que os santos do Velho Testamento, cujas palavras são lidas na *paremia*, também eram iluminadas pela mesma luz que os homens do Novo Testamento, que eles viveram e foram salvos pela fé na futura vinda de Cristo como nós somos salvos pela fé na vinda de Cristo. Nesse momento os fiéis adoram Cristo, a Luz da Verdade, com uma prostração. Essa cerimônia é um sobrevivente do antigo costume de fazer o sinal da Cruz com uma vela durante a Grande Quaresma sobre os catecúmenos que estavam se preparando para o Batismo antes da Páscoa; isso era feito antecipadamente em relação à iluminação que os catecúmenos iriam receber através do Sacramento depois da cerimônia, as Portas Reais são fechadas de novo, e a segunda *paremia* é lida.

Depois da *paremia*, para despertar ainda mais fortemente o sentimento de penitencia, os fiéis ouvem prostrados os versos do Salmo que foram cantados antes do intróito, e que agora são cantadas de novo com profunda contrição: "Que a minha oração se eleve a Ti como um incenso, e as minhas mãos como um sacrifício vespertino." — "Senhor a Ti clamo,vem em meu auxilio, escuta a minha voz que a Ti se eleva. — Põe, Senhor uma guarda à minha boca sentinelas às portas de meus lábios. — Não deixes inclinar-se o meu coração ao mal, para fazer obras de iniqüidades com os mal feitores"; - Então os fiéis expressam seu arrependimento repetindo a oração de São Efrém, o Sírio, com três prostrações. A seguir, se está prescrito lê-se Epistola e Evangelho. Se não está prescrito, segue-se a Tripla *Ectênia* . As orações gerais do oficio de Vésperas termina com a *Ectênia* para os catecúmenos com esses deixando a Igreja. Os fiéis permanecem, e as orações especiais da Liturgia começam.

A Liturgia começa com duas Pequenas *Ectênias*, após as quais o Hino Querubinico é cantado durante a transferência dos Santos Dons. "Agora os poderes celestes celebram invisivelmente conosco, pois eis que se aproxima o Rei da Glória. Eis que o *Sacrifício Místico*, já plenamente realizado avança com sua escolta angélica. Aproximemo-nos

com fé e amor, a fim de participarmos na vida eterna. Aleluia, Aleluia, Aleluia." Nas palavras "escolta angélica" o canto é suspenso; o presbítero sai do Santuário pela porta norte, levando em sua cabeça a patena na qual repousam os Dons Pré-Santificados, e em sua mão o cálice com o vinho e entra não santuário pelas Portas Reais, sem falar. Os fieis adoram Cristo com uma prostração, quando ele passa diante deles no Sacramento. Depois que o presbítero entra no Santuário, as Portas Reais são fechadas, as cortinas também e o coro termina o Hino Querubinico.

Depois da transferência dos Santos Dons os fiéis se preparam para a comunhão; a Tripla *Ectênia* é recitada, o Pai Nosso é cantado, o presbítero oferece "a paz esteja convosco," proclama "os Santos Dons Pré-Santificados aos Santos," ao que os fiéis respondem cantando "Um só e Santo, um só é o Senhor, Jesus Cristo, pra a glória de Deus Pai. Amém." E então o hino da Comunhão é cantado: "Saboreai e vede quanto o Senhor é bom. . Aleluia. Aleluia. Aleluia."

A comunhão dos celebrantes e dos leigos, o agradecimento e a despedida ocorrem como é usual. Somente, ao invés de "Bendito aquele que vem em nome do Senhor," o coro canta o hino: "Bendirei o Senhor o tempo todo; o Seu louvor estará sempre na minha boca. O Pão celestial, e o Cálice da Vida; provai e vede quanto o Senhor é bom. Aleluia. Aleluia. Aleluia." E quando o presbítero desce do ambo, lê uma oração na qual ele pede que o Senhor ."... conceda-nos... combater o bom combate; levar a bom termo o tempo do jejum, guardar a integridade da fé; esmagar a cabeça dos dragões invisíveis, sair vitorioso do pecado e conseguir sem perigo de condenação, adorar também a Tua santa Ressurreição..."

Características Especiais dos Ofícios em Cada Semana da Grande Quaresma.

Cada uma das sucessivas semanas da Grande Quaresma apresenta alguma característica especial nos ofícios. Nos primeiros quatro dias da primeira semana, o cânon penitencial de Santo André de Creta é lido, durante Grandes Completas. Os *tropários* desse cânon chamam nossa atenção para as virtudes e transgressões dos homens que foram falados na Sagrada Escritura, e urge-nos a imitar os primeiros e evitar o exemplo dos últimos. O peso desse cânon é a oração, "tem piedade de mim, ó Deus, tem piedade de mim." Na quarta e quinta-feira, a esse cânon, é acrescentado aquele de Santa Maria do Egito, que primeiro foi uma grande pecadora, e depois uma grande penitente e asceta. Esse cânon da santa também foi composto por Santo André de Creta, e ensina-nos a não nos desesperarmos por nossa salvação, mas a trabalhar na nossa automelhora, enquanto confiamos no auxilio de Deus. Esse oficio de Completas é também chamado de *Ephymnion* — palavra grega que significa "o refrão de um canto."

No sábado da primeira semana há uma celebração em louvor de São Teodoro de Tiro, mártir. Começa já nas Vésperas de sexta feira quando, depois da Liturgia do Pré-Santificado, é dita uma oração para a benção da comida de trigo (*kólivo, kytyá* — trigo cozido com mel). Essa celebração comemora a seguinte ocasião. O Imperador grego Juliano, apostada da fé, querendo poluir os Cristãos pelo consumo de comida proibida pela Igreja, ordenou secretamente que todo alimento colocado para venda nos mercados na primeira semana da Quaresma deveria ser borrifado com sangue de animais sacrificados a ídolos. Mas São Teodoro apareceu para o Bispo da cidade em uma visão, fez ele bispo conhecer a ordem secreta de Juliano, e avisou que os Cristãos não

deveriam comprar alimentos nos mercados durante a semana toda, mas viver com trigo cozido com mel.

No primeiro domingo da Grande Quaresma é celebrado "o Triunfo da Ortodoxia," em memória da restauração da veneração dos santos ícones sob a Imperatriz Teodora (861 A.D.). A principal característica do serviço do dia consiste que, os celebrantes vão para o meio da Igreja, portando ícones do Salvador e da Mãe de Deus, e tendo colocado eles em analogiuns (pianhas), celebram diante deles um serviço especial com cantos, consistindo principalmente em petições para que o Senhor estabeleça os Cristãos na verdadeira fé e incline os apóstatas e heréticos a retornar ao reto caminho. No fim do serviço, o diácono, em voz alta, recita o Credo, para imprimir nos Cristãos Ortodoxos a doutrina que eles tem que manter; após o que ele enumera todas as falsas doutrinas, pronuncia anátemas contra todos que as receberam, - isto é, separação da Igreja, ou exclusão da comunidade de Cristãos Ortodoxos — e "memória eterna" para os defensores da fé. O serviço conclui com a proclamação de "longos dias" para Patriarcas Ortodoxos, para o clero, e para todos os Cristãos Ortodoxos, e com petições para que o Senhor os mantenha firmes na fé verdadeira, e converta e traga para a verdade os caluniadores e blasfemadores da Fé Ortodoxa e da igreja e daqueles quês e rebelam contra eles. Então o hino, "Nós Te louvamos, ó Deus," é cantado, durante o qual os fiéis expressam sua veneração pelos ícones por veneração e beijos.

Do terceiro domingo da Grande Quaresma, depois da Grande Doxologia, a Cruz é trazida pra o meio da Igreja como no dia da Exaltação, para veneração, com canto do hino, "Aos pés da Cruz, nós nos prostramos Mestre, e a gloriosa Ressurreição, nós cantamos." A Cruz permanece na Igreja por toda a semana, mas a veneração tem lugar só na segunda e quarta feira, no oficio da Primeira Hora e na sexta feira depois do serviço das Horas, quando a Cruz é levada de volta ao Santuário. Dessa cerimônia o terceiro domingo da Grande Quaresma e semana que se segue a ele (quarta da Quaresma), recebem o neom de "Semana da Veneração da Cruz."

Na quinta feira da quinta semana (seguinte ao quarto domingo), nas Matinas, o cânon penitencial de Santo André de Creta inteiro é lido junto com o cânon em louvor a Santa Maria do Egito. Nesse dia a Liturgia do Pré-Santificado é celebrada.

No sábado da quinta semana, nas Matinas, um *Akatist* em louvor a Virgem é lido, em memória da libertação, nesse dia, de Constantinopla dos invasores persas e *Avars* no século sete pela intercessão da Virgem, cujo ícone era carregado em volta dos muros da cidade.

O Domingo de Ramos.

Esses dois dias são a preliminar do jejum da Semana Santa. O sábado comemora a ressurreição de lázaro da morte, e é chamado, "a Ressurreição de Lázaro."

Porque esse evento manifestou o divino poder de Cristo, e preparou Sua solene entrada em Jerusalém, e, de outro lado, deu a segurança que todos os mortos deverão ressuscitar, nas Matinas são cantados o *tropário* de domingo "A assembléia dois anjos ficou assombrada...," e o hino "tendo contemplado a Ressurreição de Cristo," enquanto orações pelas almas dos mortos, usualmente cantadas nos sábados são omitidas.

O domingo seguinte a esse sábado comemora a solene entrada de Cristo em Jerusalém, e é uma das Doze Festas.

Na matinas, depois da leitura do Evangelho, tem lugar a consagração das folhas de palmeiras; (em nosso país ramos brotados são substituídos por folhas de palmeiras). Durante todo o canto do cânon os fiéis seguram em suas mãos essas folhas e velas acesas. Dessa cerimônia o dia tem o nome de Domingo das Palmas (no Brasil, Domingo de Ramos).

A essência dos hinos nesse dia e do significado da cerimônia de consagração das folhas de palmeira são expressos pelo *tropário* da festa: "Querendo, antes da Tua Paixão, cimentar nossa fé na comum Ressurreição, Tu ressuscitaste Lázaro de entre os mortos, Ó Cristo nosso Deus. Eis porque como as crianças de então, nós levamos os símbolos da vitória e Te cantamos a Ti, Vencedor da morte: Hosana no mais alto dos céus! Bendito aquele que vem em nome do Senhor!"

A Semana Santa.

A segunda, terça e quarta feira da Semana Santa (ou da Paixão) comemoram as ultimas comunicações de Jesus com o povo e Seus discípulos. Essas comunicações constituem na essência de aproximadamente todos os hinos desses dias ∗ . Nas Matinas depois do Aleluia, ao invés do "O Senhor é Deus" é cantado o *tropário*: "é meia-noite, o Esposo chega e bem aventurado o servo que Ele encontrar vigilante, mas mal aventurado aquele que Ele encontrar na indolência. Vigia então, minh'alma, para não caíres no sono, afim de não seres entregue à morte e as portas do reino não se fecharem para ti, mas redobra a vigilância para cantares: Santo, Santo, Santo és Tu, Senhor nosso Deus; pelas orações da Mãe de Deus, tem piedade de nós." Depois que o cânon é cantado segue-se o hino: "Contemplo a tua Câmera, ó meu Salvador, toda iluminada e eu não tenho o habito nupcial para nela entrar e usufruir da Tua Luz; ilumina a veste de minha alma e salva-me Senhor, salva-me." Nesses três dias a Liturgia do Pré-Santificado é celebrada com leituras do Evangelho. O Evangelho é lido também nas Matinas. E além disso, para trazer para diante de nós, mais vívida e completamente a vida inteira de Cristo,a igreja prescreve que sejam lidos os quatro Evangelhos completos nesses dias, nos ofícios das Horas, pela importância dos eventos comemorados, todos os dias da Semana Santa são chamados de "santos" e "grandes."

Quinta-feira Santa.

O serviço da Quinta-feira Santa comemora a lavagem dos pés dos discípulos, a Ceia Mística, a pregação de Cristo no Jardim de Guetsemane, e Sua traição por Judas. As características especiais do dia são as seguintes: uma *paremia* é lida na Primeira Hora, a Liturgia de São Basílio é celebrada em combinação com Vésperas; na Liturgia, ao invés do Hino dos Querubins, o canto da Comunhão, o verso durante o ato da comunhão, o hino: ."..Que os nossos lábios estejam cheios do Teu louvor....," o coro canta: "Recebe-me Senhor, neste dia, na Tua Mística Ceia....."

Nas Igrejas Catedrais, depois da oração que o presbítero faz depois de descer do ambão, é realizada a cerimônia de lavagem dos pés. O bispo se dirige para o meio da Igreja onde é colocada uma plataforma. Ali ele toma seu lugar em uma cadeira de braços, em frente a um analogion onde está colocado o Evangeliário. Então o diácono lidera para

fora do Santuário, doze presbíteros, dois a dois, e eles se sentam em ambos os lados do bispo em duas fileiras, da plataforma para as Portas Reais. Durante esse tempo o coro canta *estiquérios*, que se referem à lavagem dos pés dos discípulos pelo Senhor na Última Ceia. Quando todos os doze presbíteros, representando os doze discípulos na Ceia, estão em seus lugares, o diácono recita a Grande *Ectênia*, adicionando uma petição que, "ela (a lavagem) seja para lavar as manchas de nossos pecados, oremos ao Senhor." Durante a *Ectênia* o bispo e os presbíteros permanecem sentados; quando termina a *Ectênia* só o bispo se levanta e oferece uma oração "que o Senhor Se digna a deixar que o contato dessa água lave-nos de toda impureza espiritual e preserve-nos da serpente espiritual, que tenta morder nosso calcanhar," e senta-se de novo. Então, todos os celebrantes permanecem sentados, e começa a leitura do Evangelho, contando como Cristo, na Mística Ceia, lavou os pés dos Seus discípulos. Quando o diácono pronuncia as palavras "Ele Se levantou da ceia," o bispo se levanta; nas palavras "e pôs de lado suas vestes," o bispo põe de lado suas vestes episcopais; a *panagia*, a Cruz episcopal, o *omophorion* e os *saccos*. Durante a retirada das roupas, o diácono mantêm-se repetindo as palavras "e pôs de lado seus vestidos." O diácono continua lendo: "e pegou uma toalha e cingiu-Se"; o bispo então cinge-se com uma toalha. O diácono lê: "Após isso Ele derramou água numa bacia" e o bispo derrama água de uma bilha em uma bacia.. Quando o diácono lê: "E começou a lavar os pés dos discípulos e a seca-los com a tolha com a qual estava cingido," o bispo lava os pés dos doze presbíteros, começando com aquele que senta no primeiro lugar do lado da mão esquerda e termina com o que senta em primeiro lugar do lado da mão direita.

A ordem de lavagem é como segue: o bispo joga três vezes água em cada pe dó presbítero; e aquele cujos pés foram lavados beija a mitra do bispo e a sua mão. Enquanto os pés de onze dos presbíteros são lavados, o diácono mantêm-se repetindo as palavras "e começou a lavar os pés dos discípulos e a seca-los com a toalha com a qual estava cingido." Quando o diácono lê "então ele chegou a Simão Pedro: e Pedro disse a ele," o bispo se aproxima o que está sentado no primeiro lugar do lado da mão direita; o presbítero se levanta e diz nas palavras do Evangelho: "Senhor, Tu lavas-me os pés a mim?" O bispo responde, também com as palavras do Evangelho: "O que Eu faço não o sabes tu agora, mas tu o saberás depois." O presbítero continua a falar nas palavras do Evangelho: "Nunca me lavras os pés." O bispo responde: "Se Eu não te lavar, não tens parte comigo." Então o presbítero diz: "Senhor, não só os meus pés, mas também as mãos e a cabeça," apontando para suas mãos e cabeça, e reassumindo seu assento. O bispo responde nas palavras do Evangelho: "Aquele que está lavando necessita de lavar senão os pés, pois no mais todo está limpo. Ora vós estias limpos, mas não todos." — e lava os pés do presbítero, após o que ele volta para seu lugar na plataforma, tira a toalha, e o diácono lê o final do Evangelho: "Porque bem sabia ele quem o havia de trair; por isso disse: nem todos estais limpos." O coro agora canta "Glória a Ti, nosso Deus, Glória a Ti!"; então o diácono de novo convida os presentes a ouvir atentamente o Evangelho, e continua lendo: "Depois que lhes lavou os pés, e tomou os seus vestidos." As palavras "e tomou os seus vestidos" são repetidas muitas vezes, enquanto o bispo se veste de novo.

Enquanto o diácono lê as palavras: "e se assentou outra vez à mesa," o bispo senta-se e todos os presbíteros se põem de pé. Então o próprio bispo lê o final do Evangelho: "Porque eu vos dei o exemplo, para que, como eu voz fiz, façais vós também." ∗ O bispo então se levanta, e oferece uma prece, para que "O Senhor, lave toda impureza de nossas almas, e que nós, tendo lavado toda poeira das transgressões que estava aderida a

nossas almas, possamos secar-nos uns aos outros com a toalha do amor e ganhar força para agradar a Deus." Então o bispo entra no Santuário e continua a Liturgia. Na Igreja da Dormição em Moscou e na *Lavra* das Grutas de Kiev (*Kiev — Pecherskaya Lavra*) tem lugar na Quinta feira Santa a consagração do miron ou crisma que pe usado em todas as Igrejas da Rússia para o Sacramento do Crisma ou Confirmação, na consagração de Igrejas e *Antimensions* e na coroação do Tsar. A preparação dos ingredientes começa na semana da Veneração da Cruz. Os ingredientes são: óleo de oliva, vinho, óleos adocicados e vários tipos de incenso e ervas (trinta no total). O óleo é emblemático de misericórdia, o vinho do Sangue de Cristo, os perfumes simbolizam os múltiplos dons do Espírito Santo. Na segunda feira da Semana Santa, a mistura de óleo e vinho ferve em fogo lento em caldeiras com a leitura contínua do Evangelho. Na quarta feira são acrescentados os ingredientes aromáticos e o miróm é vertido das caldeiras para vasos. Na Quinta feira , antes da Liturgia, o bispo e presbíteros, com as vestes canônicas completas, transferem os casos contendo o miron novo e um vaso contendo o miron do ano anterior para a Igreja, e os colocam sobre e ao redor da Mesa de Oblação. Na grande entrada com os Santos Dons, os vasos com o miron também são transferidos da Mesa de Oblações para o altar. O vaso com o miron do ano anterior é colocado sobre o altar; os vasos contendo o novo miron são dispostos em torno dele.

Depois da exclamação: "Que a misericórdia de nosso Deus cheio de majestade e Salvador Jesus Cristo esteja sempre convosco!" A consagração do miron tem lugar. O bispo abençoa cada vaso três vezes com as palavras: "Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo," e então ora ao Senhor "para que Ele envie sobre o miron a graça do Espírito Santo, e torne-o uma unção espiritual, um repositório de vida, a santificação dos corpos e das almas, um óleo de alegria." Depois da *Ectênia* da Súplica e comemoração de todos os Santos, o miron é levado para o repositório de vasos sagrados. Lá, em cada vaso do novo miron são derramadas algumas gotas do miron antigo, pro conta da conexão ininterrupta da Igreja russa com a grega, de quem ela recebeu a graça do sacerdócio na pessoa do primeiro bispo e também recebeu o primeiro miron consagrado.

A Sexta Feira Santa.

Os ofícios da Sexta Feira Santa comemoram a Paixão de Cristo. A Matinas começa na segunda horta da noite (oito horas da noite na quinta feira, na nossa marcação de tempo). Não há *catisma* , mas depois da Grande *Ectênia* e o "Aleluia," são lidos os doze Evangelhos que narram a Paixão de Cristo começando com Sua ultima conversa com Seus discípulos na Ultima Ceia, e terminando com Seu enterro no Jardim de José de Arimatéia. Entre as leituras, são cantados hinos, em que a traição de Judas e a milícia dos judeus são denunciadas e então o *Triodion* e os *estiquérios*. O oficio termina com a *Ectênia*. Durante as leituras do Evangelho, os fiéis permanecem em pé com velas acesas na mão. Esse oficio é chamado de "Oficio dos Santos e Salvíficos Sofrimentos de Nosso Senhor Jesus Cristo." — familiarmente "as Paixões." Não há Liturgia na Sexta Feira Santa. São lidas as Horas Reais, nas quais os Salmos, os *tropários*, a *paremia*, as Epistolas e Evangelhos todos se referem à Paixão de Cristo. A Véspera começa na nona hora do dia, (três da tarde). Nesse oficio após o intróito, são lidas três *paremias* e lê-se uma Epistola e o Evangelho. (O Evangelho é composto da narrativa de três Evangelistas — Mateus, Lucas e João, na Paixão de Cristo, da conferencia dos judeus à morte do Salvador). Depois dos *estiquérios* o *Ephitafion* (*Plaschanítsa*) é trazido para fora do Santuário e colocado no meio da Igreja. Ele é uma pintura, geralmente em tela (ou

bordado ou em tapeçaria) representando Cristo enterrado, em memória da descida da Cruz do corpo de Cristo. Essa cerimônia tem lugar com o canto do tropário "O nobre José, tendo descido da Cruz o Teu puríssimo corpo, envolveu-O num lençol imaculado, embalsamou-O com aromas e colocou-O num sepulcro novo." A tela é colocada numa mesa na nave, e todos os presentes adoram-no e beijam as feridas de Cristo, do lado, nas mãos e nos pés. Se a festa da Anunciação cai nesse dia, as Vésperas começam mais cedo, combinada com a Liturgia de São João Crisóstomo, e o *Ephitafion* é trazido para fora na Pequenas Completas.

O Sábado Santo.

No Sábado Santo, após o "Senhor é Deus" e os *tropários*, o Salmo 119 (o 17º *catisma*) é cantado: "Bem Aventurados os que trilham caminhos retos, e andam na Lei do Senhor," verso por verso. Os versos do Salmo são divididos por refrões que são chamados de louvações porque eles contem glorificação para o Senhor morto e sepultado. Todos os presentes durante esse tempo seguram velas acesas em suas mãos. O Salmo é seguido pelo *tropário* de domingo e pelo cânon. Durante o cânon os celebrantes colocam as vestes sacerdotais completas, e após a Grande Doxologia pegam o *Epithafion* ao canto de *Trisagion* funeral, e o carregam em procissão ou para Dora ao redor da Igreja, ou dentro em volta do Santuário e Igreja, em memória do sepultamento do Senhor. Quando o *Ephitafion* é devolvido para seu lugar no meio da Igreja, *Ectênias* são recitadas a *paremia* é lida, assim como Epístola e Evangelho, e então segue-se a veneração dos *Ephitafios*.

A Liturgia é celebrada nesse dia segundo o rito de São Basílio o Grande, e é combinada com Vésperas. Como último ofício antes dia seguinte — domingo, ele tem referencias desse dia e os hinos comemorativos do sepultamento de Cristo se alternam durante a Liturgia com aqueles que pertencem ao serviço de domingo. Depois da entrada vespertina, que nesse dia tem lugar com o Evangeliário, são lidas quinze *paremias* contendo profecias e protótipos de salvação pela Paixão e Ressurreição de Cristo. Antes da leitura do Evangelho, o coro, ao invés do "Aleluia" canta o *Prokimenon*: "Levanta-Te Senhor e julga a terra; pois Tu dominas sobre todas as nações." Enquanto esse *prokimenon* é cantado os celebrantes trocam suas vestimentas e as decorações da Igreja também. A leitura do Evangelho conta-nos sobre a Ressurreição de Cristo dentre os mortos. Ao invés de "é verdadeiramente digno...," o hino à Virgem é o *eirmos* da 9ª ode do cânon de Matinas, e ao invés do Hino dos Querubins é cantado o hino: "Que todo o mortal faça silencio, e esteja de pé com temor e respeito, afastando todo o pensamento mundão! Pois o Rei dos reis e Senhor dos senhores vem para ser sacrificado e entregue como alimento aos fiéis diante D'Ele vão os coros dos Anjos, com todos os Principados e Potestades, os Querubins com muitos olhos e os Serafins com seis asas as quais lhes cobrem o rosto, aclamando: Aleluia! Aleluia! Aleluia!"

A Liturgia termina com a benção de pão e vinho, para a restauração das forças dos fiéis, pois de acordo com antigo costume, eles deveriam passar esse dia inteiro, e a noite que se segue na Igreja. Após o ofício começa a leitura dos Atos dos Apóstolos que continua até as 11 da noite.

Durante a hora que antecede a meia-noite, todas as lamparinas e candelabros estando acesos, ao toque de sinos, começa o oficio da meia-noite, durante o qual o cânon para o Sábado Santo é cantado. Quando este oficio é concluído, os celebrantes silenciosamente

transportam o *Epithafion* do meio da Igreja, pelas Portas Reais, em memória dos quarentas dias de permanência na terra depois de Sua Ressurreição dos mortos. Então todos reverentemente aguardam o toque da meia-noite.

A Santa Páscoa.

Ao toque das doze horas, na noite de sábado para domingo, começa a celebração em louvor à Ressurreição de Cristo. Essa festa é chamada de Páscoa — pelo nome do Antigo Testamento para a festa instituída em comemoração da Liturgia dos judeus do cativeiro egípcio, porque essa festa foi o protótipo da festa Cristã. Então o sangue do cordeiro com o qual as portas das moradias judias foram untadas para preservar os judeus do anjo que estava referindo de morte os primogênitos egípcios. Agora Cristo, morrendo na Cruz por nossos pecados, como um Cordeiro imaculado, livrou-nos por Sua Ressurreição do cativeiro do pecado e do Diabo. Como nós não conhecemos evento mais jubiloso e radiante, a Igreja chama esse dia de "a Festa das Festas" e "o triunfo dos triunfos." A essência de todos os hinos dessa Festa é expressa no *tropário*: "Cristo ressuscitou dos mortos, pela morte Ele venceu a morte, e aos que estavam no tumulo Cristo deu a vida."

À meia-noite os celebrantes, carregando a Cruz, o Evangeliário e ícones, escoltados e seguidos por fiéis, com o tocar do sino e o balanço dos incensos, saem em procissão e andam ao redor do lado externo da Igreja cantando: "Os Anjos no céu, ó Cristo Salvador, cantam a Tua Ressurreição, concede a nós que estamos na terra, Te glorificam com um coração puro." A procissão nos lembra como as mulheres miróforas foram para o sepulcro na manhã ainda escura, pretendendo ungir o corpo de Cristo com mirra. Ela para no Vestíbulo ou no átrio diante das portas oeste que nesse momento estão fechadas. Ai o presbítero abençoa o começo das Matinas: "Glória à santa, consubstancial, vivificante e indivisível Trindade." Em resposta a isso o *tropário* "Cristo Ressuscitou...," é cantado muitas vezes. Enquanto o *tropário* está sendo cantado, as portas oeste são abertas e a procissão entra na Igreja. O oficio de Matinas começa no Vestíbulo, me memória das mulheres que receberam a primeira noticia da Ressurreição na entrada do Sepulcro. A Matinas inteira consiste de *Ectênias* e hinos Pascais. Primeiro a Grande *Ectênia* é recitada, depois disso é cantado o cânon inteiro, e a seguir o *eirmoi* e o *tropário*. Cada ode do cânon, o coro canta "Que tudo que respira louve o Senhor," com versos, e o hino "Que Deus Se levante..." com *estiquérios*. Quando o coro canta o *estiquerio* "Abracemo-nos uns aos outros chamemos irmãos mesmo aqueles que nos odeiam. Perdemos tudo por causa da Ressurreição," todos os fiéis trocam beijos fraternos, com a saudação mútua "Cristo Ressuscitou!" — "Em verdade Ressuscitou!" após o que segue-se a Tripla *Ectênia*, a *Ectênia* da Súplica e a despedida.

Os ofícios de **Horas** consistem exclusivamente em hinos Pascais.

A **Liturgia** segue-se imediatamente após a Matinas. O Evangelho que é lido é um que não conta sobre a Ressurreição de Cristo, mas de Seu nascimento pré-eterno de Deus Pai e de Sua Divindade, porque Cristo, por Sua Ressurreição, manifestou Sua

Divindade. É costuma nesse dia ler o Evangelho em várias línguas, para que todos possam ouvir as boas novas, cada um em sua própria língua.

A Véspera também consiste principalmente em hinos Pascais; a entrada é feita com o Evangeliário, e o Evangelho conta sobre a Ressurreição.

A semana inteira é uma festa. Por isso os serviços são parecidos todos os dias, diferindo só em que a procissão, de segunda feira à sábado, tem lugar não no começo, mas no fim do oficio de Matinas, e não é lido Evangelho nas Vésperas. Durante a semana Pascal todas as portas do Santuário permanecem abertas, assim como a cortina, por conta de que Cristo, por Sua Ressurreição, abriu para nós as portas do Reino do Céu.

Uma das características especiais da festa de Páscoa é a consagração do pão estampado com a imagem da cruz, ou, às vezes da Ressurreição, e chamado pelo nome grego *Ártos*. O *Artos* é consagrado no final da Liturgia Pascal em memória do Cristo ressuscitado, Que é "o Pão da Vida Eterna que desceu do Céu nos nutrindo com o alimento de Suas divinas misericórdias." No sábado após a Liturgia, ele é partido e distribuído no lugar do *Antidoron* entre os fiéis, que as vezes levam pedaços para casa, para aqueles que não estavam presentes na Igreja * . Esse rito se refere ao costume dos Apóstolos que deixavam pão de lado em suas refeições em memória de Cristo, quando ele ascendeu ao Céu. No primeiro dia de Páscoa, a Igreja consagra ovos, queijo e carne, proclamando assim o fim da Quaresma. Em nosso país é costume trazer para a Igreja, Artos feitos em casa (grandes e redondos de um pão parecido com bolo, muito rico chamado *Kulitch*) para ser borrifado com água benta, e para amigos trocarem por ovos pintados de vermelho. O ovo simboliza a vida renovada, recebida através do Sangue de Cristo Salvador.

Da Semana de Páscoa ao Domingo de Todos os Santos.

Os hinos de Páscoa são cantados todos os quarenta dias até a festa de Ascensão. O primeiro domingo após a Páscoa é chamado de Domingo do Apóstolo Tomé, e também de Domingo da Renovação. O primeiro nome é dado a esse dia porque ele é dedicado à memória da aparição do Senhor aos discípulos, entre os quais estava Tomé; o segundo nome refere-se ao fato que nesse dia, pela primeira vez depois do Domingo de Páscoa, a celebração da Ressurreição é repetida e renovada. Na terça feira dessa semana, e, em algumas localidades, na segunda feira também, tem lugar uma comemoração dos mortos, que é chamada de "alegre" (*Rádoonitsa*), porque as orações para o descanso das almas dos que partiram começam com alegres boas novas da Ressurreição. No segundo domingo o serviço é em louvor às Mulheres Miróforas, José de Arimatéia, e Nicodemos. O terceiro domingo comemora a cura do paralítico, o quarto à conversa da mulher Samaritana; o quinto a cura o cego de nascença. Na quarta feira da sexta semana o festival Pascal é declarado encerrado com orações de encerramento, e cessa o canto dos hinos Pascais.

Na quinta feira da sexta semana, que é o quadragésimo dia depois do Domingo de Páscoa, é comemorada a **Ascensão** de Cristo no Céu.

A essência dos hinos desse dia é expressa, no *tropário*: "Tu ascendeste em gloria, ó Cristo nosso Deus, enchendo de alegria Teus discípulos com a promessa do Espírito Santo, e confirmando-os pela benção, pois Tu és o Filho de Deus, o Salvador do mundo."

No qüinquagésimo dia depois do Domingo de Páscoa e décimo após a Ascensão é celebrada a festa comemorativa da **Descida do Espírito Santo** sobre os discípulos de Cristo. Ela é chamada de festa de Pentecostes e dura dois dias. O primeiro dia dessa festa é consagrado ao louvor e glória da Santíssima Trindade e à memória da descida do Espírito Santo, e é chamado "Domingo da Trindade." O segundo dia é celebrado em louvor do Santíssimo, vivificante, Todo Poderoso Espírito e é chamado "Dia do Espírito Santo." A Igreja nos prepara para essa festa comemorando todos os mortos do dia anterior. No Dia da Trindade, a Vésperas segue imediatamente a Liturgia, e nesse oficio três orações são oferecidas com todos ajoelhados, para que o Senhor envie sobre nós a graça do Espírito Santo e Se lembre com arbustos e flores, e ficar na Vésperas segurando flores. Os arbustos e as flores são oferecidos a Deus como os primeiros frutos do verão, e nos lembram que os Cristãos recebem a renovação de suas almas pela ação do Espírito Santo. Em honra a essa grande festa a igreja dispensa o jejum das quartas e sexta feiras da semana que se segue.

Tropário do dia: "Bendito sejas tu, ó Cristo nosso Deus, que fizeste de simples pecadores mestres em sabedoria, enviando-lhes o Espírito Santo e, por eles, conquistando o universo. Glória a Ti, amigo do homem!"

O domingo que se segue o do Pentecostes é consagrado a **Todos os Santos**, especialmente para aqueles em cujo louvor nenhuma celebração especial foi instituída, por conta de seu grande numero, ou porque seus nomes são desconhecidos. Com esse dia encerra-se a serie de ofícios móveis.

As Diferentes Ministrações.

Os Sacramentos do Batismo e Crisma.

O Batismo é o Sacramento pelo qual uma pessoa que acredita em Cristo, através da imersão repetida três vezes com as palavras: "O servo de Deus N. é batizado em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo," morre para sua vida de pecado anterior e recebe a graça do Espírito Santo, que confere uma vida renovada e santa.

Crisma é o Sacramento pelo qual a pessoa que recebeu Batismo, através da unção de diferentes partes do corpo com o santo crisma, com as palavras "o selo do dom do Espírito Santo," recebe a graça do Espírito Santo, confirmando na renovada, vida Cristã. No presente ambos sacramentos são realizados juntos, e forma um rito da Igreja.

Em vista da grande importância desses dois Sacramentos na vida de um Cristão, eles são precedidos por certos atos sagrados que preparam as pessoas para os receber

dignamente. Para os primeiros atos pertencem o rito de conferir um nome, fazer reverencia ao santo templo, e a recepção dentre os catecúmenos. Os atos do segundo são: abluções, tonsura e juntar-se à Igreja.

Oração Por uma Mulher Que Deu à Luz uma Criança, e Dar Nome à Criança. Nos tempo presente é costume administrar o Sacramento do batismo a uma criança logo depois do seu nascimento. Em conseqüência a Igreja Ortodoxa cuida dos bebes de pais Cristãos como de suas crianças. Assim que uma criança nasce numa família Cristã, um presbítero é chamado e ora, em nome de toda Igreja, "que o Senhor preserve a mãe e o recém nascido de todo mal, proteja-os sob o escudo de Suas asas, perdoe as transgressões da mãe, levante-a da cama das doenças, e conceda que o seu bebê faça reverencia ao Seu santo templo." O presbítero recita essa oração usando o *Epitrachélion* (estola).

Em obediência aos estatutos da Igreja, o bebê, no oitavo dia após o nascimento, é trazido diante das portas do templo, por seus pais significando o desejo deles de que ele também seja um Cristão. Ali ele é encontrado pelo presbítero, que o abençoa (assinala-o) em nome do Senhor, dá-lhe um nome Cristão, isto é, o nome de um Santo, e ora a Deus "que a luz de Sua face seja marcada nele; que ele seja marcado com a Cruz do Unigênito Filho de Deus em seu coração e entendimento; que ele fuja da vaidade do mundo e de todo ardil maligno do Inimigo, e possa manter os comandos de deus, e que o nome de Deus permaneça nele para sempre irrenunciado." Ao bebê é dado um nome Cristão por conta de sua aliança com Cristo, como uma fiança de que ele possa esperar pela salvação com os Santos, e como uma lembrança de que ele possa emular a vida do Santo cujo nome ele leva. Desse momento em diante o bebê entra na classe de catecúmeno, isto é, dos que estão se preparando para receber o santo Batismo. Em nosso país, a cerimônia do nome é usualmente realizada dentro dos primeiros dias depois do nascimento, imediatamente depois da oração para a mãe, e não diante das portas da Igreja, mas em casa, porque a severidade do clima não permite que se exponha bebê tão novo ao ar aberto.

Como o nome dado é de grande importância na vida da pessoa, o dia que é consagrado á memória do Santo cujo nome ele ou ela leva é chamado de "dia do nome" da pessoa, e para ela, é um dia festivo, no qual ele ou ela pede o auxilio de Deus e do Santo para que seja conduzido numa vida digna do tal nome. Os Cristãos olham para seus Santos como seus anjos da guarda; daí, o "dia do nome" de uma pessoa, também ser chamado de seu "dia do anjo."

Oração no **Quadragésimo Dia**. Em imitação da Virgem, que no quadragésimo dia depois do nascimento de Jesus, trouxe Ele para o templo, para apresenta-Lo ao Senhor, toda mãe Cristã deveria levar seu bebê à Igreja no quadragésimo dia depois do nascimento. O presbítero os encontra no Vestíbulo, abençoa a mãe e a criança, e ora para que o Senhor os abençoe purifique e santifique a mãe e mantenha-a digna de participar da Santa Eucaristia* , e o bebê nascido dela para receber o Sacramento do Batismo.

O Rito de Recepção Dentre os Catecúmenos. O rito é realizado logo antes do Batismo. O candidato é conduzido ou carregado para o Vestíbulo da Igreja e para em frente a fonte, olhando para o leste, sem cinto, cabeça descoberta e pés descalços, com os braços pendentes ao lado do tronco.

Por essa cerimônia ele indica que deseja descartar o homem velho e vestir um homem novo, segundo a imagem de Cristo; que ele aspira ir das trevas a luz, da qual o leste é o símbolo, e humildemente esperar a iluminação de Cristo.O presbítero sopra três vezes em sua face, abençoa ele e coloca sua mão sobre sua cabeça. O sopro do presbítero relembra o sopro da vida que o Criador soprou nas narinas do primeiro homem criado, e representa o sopro da vida nova imputada pelo Sacramento do Batismo.A benção em nome de Cristo representa a separação da comunidade dos que não crêem, e a imposição das mãos — a entrada embaixo do escudo da Igreja. Colocando a sua mão sobre a cabeça do catecúmeno, o presbítero recita a oração preliminar, na qual ele pede que o Senhor o inscreva no Livro da Vida e o receba no Seu santo rebanho. Essa oração é seguida pelos ritos dos catecúmenos:

Exorcismo — a Renúncia ao Diabo, - a Declaração do desejo de juntar-se a Cristo, a Profissão de fé, e adoração da Santíssima Trindade.

No Exorcismo o presbítero, em nome do Todo Poderoso, ordena ao Demônio que parta da pessoa que foi selada com o nome do Senhor Jesus Cristo,e ora para que Deus expila todo o espírito impuro do catecúmeno e faça dele um membro de Sua santa Igreja. Nas palavras: "Afasta para longe do Teu servo todo espírito maligno e impuro que esteja escondido em seu coração," o presbítero sopra na boca, na fronte e no peito do catecúmeno por conta da expulsão de sua alma de toda impureza.

Depois dessas orações o catecúmeno é virado com sua face para o oeste, que simboliza as trevas e o maligno e para uma pergunta repetida três vezes pelo presbítero: "Renuncia a satanás, a todas as suas obras, a todos os seus mensageiros, a todo seu culto, a todas as suas seduções?" ele responde com os braços levantados: "Renunciei," e ao comando do presbítero, soprando e cuspindo, representa seu menosprezo por todas as coisas diabólicas.

Tendo renunciado ao demônio, o catecúmeno vira-se de novo para o leste, com suas mãos para baixo, e o presbítero repete três vezes a pergunta: "Estás tu unido à Cristo?" ele responde: "Sim, estou." O presbítero pergunta de novo: "Tu me uniste a Cristo!" Ele responde: "Sim, me uni." O presbítero então pergunta: "Crês nele?" ao que o catecúmeno responde: "Eu creio em Cristo, nosso Rei e nosso Deus." — e a seguir recita o Credo. As ultimas duas perguntas o presbítero faz três vezes, e em cada uma recebe uma resposta afirmativa, e a seguir o catecúmeno recita o Credo.

Tendo recebido a renúncia do catecúmeno à sua vida pecaminosa, a expressão de sua prontidão para viver com Cristo, e a sua profissão de fé, o presbítero o comanda, como a um novo membro do Reino de Cristo, "inclina-te diante Dele." O catecúmeno inclina-se até o chão diante da Santíssima Trindade, dizendo: "Eu adoro o Pai, o Filho e o Espírito Santo, Trindade consubstancial, indivisível." — O rito conclui-se com uma oração na qual o presbítero pede ao Senhor para considerar o catecúmeno digno de receber o santo Batismo.

O mesmo rito é realizado com candidatos ao batismo adultos, e com crianças. Mas como até certa idade uma criança não pode falar por si, seus padrinhos falam por ela. Tanto o rito dos catecúmenos quanto o do Batismo são realizados para adultos na Igreja, na presença dos fiéis. Mas no caso de crianças, é permitido realizar ambos na casa dos

pais, quando a fraqueza do bebê ou a severidade do clima não permitirem leva-lo à Igreja.

A Ordem do Batismo e Crisma.

Para realizar o Sacramento do Batismo, o presbítero coloca vestes claras ou brancas, para expressar alegria da Igreja em receber um novo membro. São acesas velas nos cantos ao redor da fonte, o turíbulo é balançado e são dadas velas para os padrinhos segurarem. As velas acesas simbolizam a iluminação espiritual que é conferida pelo Sacramento do Batismo, enquanto as nuvens de incenso indicam a graça do Espírito Santo, por cuja operação a regeneração do homem tem lugar nesse Sacramento.

A ordem do Batismo consiste na consagração da água e da pessoa a ser batizada com óleo consagrado, a imersão da pessoa na água, o vesti-la com roupa branca, ungi-la com crisma ou miron; a circunvolução da fonte, e leituras da Santa Escritura.

Às petições da Grande *Ectênia*, com a qual o rito do Batismo começa, são acrescentadas petições, "para que esta água seja santificada pelo poder e força do Espírito Santo" — "para que seja proclamado filho da luz e herdeiro dos bens eternos." — "para que seja revestido de Cristo, e participe de Sua Morte e Ressurreição." O presbítero oferece então uma oração: "Tu, pois, Rei é amigo do homem, vem também nessa hora e pela efusão do Espírito Santo, santifica essa água." (três vezes). Às palavras: "Que pelo sinal da Tua Cruz venerável sejam esmagados os poderes hostis" ele abençoa a água três vezes e sopra três vezes nela . Por esse ato ele expressa sua crença que o demônio é expelido pelo nome de Jesus Cristo.

Estando a água consagrada, o presbítero passa a consagrar o óleo, por oração, por conta da reconciliação, e enquanto "Aleluia" é cantado solenemente, ele faz com o óleo o sinal da Cruz na água. Antes desse rito a advertência "estejamos atentos" é exclamada para chamar a atenção dos presentes, e para informar que ela nos leva a um significado místico. Como a água, que uma vez submergiu a raça humana inteira, simboliza purificação, e óleo obtido da oliveira, simboliza misericórdia, assim a ligação desses dois símbolos significam que a purificação do homem pelas águas do batismo tem lugar pela misericórdia de Deus.

Tendo preparado o material para o Sacramento, o presbítero agora prepara a pessoa que vai receber o sacramento. Ele unge a fronte, peito, orelhas, mãos e pés com o óleo consagrado por conta de que, através do batismo, o homem, como um ramo da oliveira selvagem, é enxertado na boa oliveira, que Cristo. Como homem morre no batismo para sua vida anterior e surge um novo homem para batalhar com o demônio, assim a unção com o óleo serve a ele, como um morto, como preparação para o enterro, e, como um soldado de Cristo, como preparação para lutar com a iniqüidade.

O ato do batismo em si é realizado pela imersão repetida três vezes do que está recebendo o Sacramento na água, com as palavras: "O servo (a) de deus N. é batizado em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém." Durante as imersões o que está sendo batizado fica voltado para o leste. Nesse momento a graça do Espírito Santo desce sobre ele e dá a ele uma nova vida, lavando todos os pecados de sua alma; enquanto sendo imerso, ele é enterrado com Cristo; quando sai da água, ele ressuscita com Ele. As bênçãos que o homem recebe no Sacramento do Batismo são expressas nas

palavras do Salmo 32 que é cantado imediatamente após as imersões: "Bem aventurado aquele a quem as iniqüidades foram perdoadas e a quem o pecado foi absolvido. Bem aventurado o homem a quem o Senhor esquece a maldade. Numerosos são os sofrimentos dos ímpios, mas a quem espera o Senhor esquece a maldade... Numerosos são os sofrimentos dos ímpios, mas a quem espera no senhor, a Sua misericórdia o envolve. Rejubilai no senhor e exultai ó justos, alegrai-vos todos vós os retos de coração"

Por conta da pureza da alma do neófito o presbítero o veste com uma roupa branca, chamando-a, "a túnica do justo,"e por conta do eu ele devera viver depois do batismo, ele coloca uma Cruz em volta do seu pescoço, o símbolo do andar atrás de Cristo. Durante o vestir, é cantado um *tropário*, indicando o significado da roupa branca: "Reveste-me com uma túnica resplandecente, ó Tu que revestes de luz como de um manto, ó Cristo nosso Deus, infinitamente misericordioso."

Uma ajuda especial de deus é necessária para seguir Cristo e preservar a pureza da alma, obtida através do batismo, e o Sacramento do Crisma é administrado ao neófito imediatamente após o vestir. O presbítero faz o sinal da Cruz com Crisma na fronte, nos olhos, narinas, lábios, ouvidos, peito, mãos e pés dizendo em cada vez: "O selo do dom do Espírito Santo." Por essa unção é concedida a graça do Espírito Santo, que confirma na nova vida e dá força para viver em Cristo.

O presbítero agora anda três vezes em volta da fonte com o neófito e os padrinhos, ao canto: "Vós todos que fostes batizados em Cristo, vos revestistes de Cristo." A circunvolução da fonte significa o triunfo e alegria da Igreja, porque um Cristão juntou-se a Cristo para sempre.

A ordem do Sacramento, conclui com a leitura de uma Epístola, em que o significado do batismo é colocado, e também, os benefícios concedidos por esse Sacramento, e as obrigações que ele impõe a nós — e com uma leitura de Evangelho, sobre a instituição do Sacramento por Jesus Cristo.

Nota 1 — o Batismo realizado por um leigo. — O direito de administrar o Sacramento do Batismo pertence ao presbítero. Mas em emergências, quando não há presbíteros e o candidato está fraco, e há o perigo de morrer, antes de poder ser batizado, qualquer leigo tem o direito, na verdade obrigação, de realizar o rito pela tripla imersão, ou até mesmo aspersão ou ainda jogando água na cabeça com as palavras "O servo (a) de Deus N. é batizado em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém." Esse batismo é inteiramente válido. Mais tarde, o presbítero não repete o rito, só o completa dizendo as orações omitidas e realizando os ritos omitidos, e a pessoa então entra para o registro da Igreja.

Nota 2 — Em qualquer batismo seja de um adulto ou de uma criança, os padrinhos são absolutamente necessários. Para os adultos, eles servem como testemunhas da profissão de fé do neófito dos votos que ele toma; para a criança respondem a todas as questões que forem feitas. Depois do batismo eles assumem o cuidado espiritual do neófito e são obrigados a serem seu guia na vida Cristã e verificar sua educação religiosa. Através dessas obrigações uma relação espiritual é estabelecida entre os padrinhos e seu afilhado, Como os padrinhos assumem responsabilidades importantes para com seus afilhados, a Igreja pôs como regra que eles tenham atingido a idade da discrição — (o padrinho não deve ter menos que 15 anos, a madrinha não menos de 13 anos) — que eles sejam pessoas de bom padrão moral com o conhecimento de doutrinas fundamentais da Igreja Ortodoxa, e sejam Ortodoxos. Pessoas de outras confissões Cristãs são permitidas em tomar parte do rito do Batismo como "pessoas honorárias,"

mas nesse caso é absolutamente necessário que o padrinho seja Ortodoxo se o neófito for homem, ou a madrinha seja Ortodoxa, se a neofita é mulher. Pais não devem ser padrinhos de seus próprios filhos, nem monges ou monjas devem ser padrinhos.

Os Ritos de Ablução e Tonsura.

Nos tempos antigos os neófitos não tiravam sua roupa branca por sete dias, nem lavavam os pontos de seus corpos que tinham sido ungidos com o santo crisma; e para que o selo colocado neles pela unção na fosse apagado, eles usavam bandagens. No oitavo dia eles iam à Igreja, e ali o presbítero soltava o cinto de suas vestes, removia as bandagens e lavava as partes ungidas. No presente essa ablução é realizada imediatamente depois da leitura do Evangelho. O presbítero primeiro ora, "Ó Tu Que, pelo santo batismo, deste a Teu servo, N. remissão dos pecados, e concedeste a ele uma vida de regeneração. Tu mesmo, ó Mestre e Senhor esteja agradado em iluminar seu coração com a luz de Tua face continuamente mantém o escudo de sua fé não atacado pelo inimigo. Preserva pura e impoluta a veste de incorrupção com a qual Tu o cobriste, mantendo inviolável nele por Tua graça, o selo do espírito e mostrando misericórdia com ele e conosco, de acordo com a multidão Tuas compaixões. Ó Mestre, Senhor nosso Deus, Que através da fonte concedeste Iluminação celeste aos que foram batizados, Que regeneraste Teu novo-iluminado servo pela água e pelo espírito, e garantiu a ele a remissão dos seus pecados, fossem voluntários ou involuntários: põe Sua poderosa mão sobre ele e preserva-o pelo poder da Tua bondade. Mantém inviolada a garantia do espírito, e faz ele digno da vida eterna e do Teu favor." Então o presbítero borrifa água no neófito, lembrando a ele que: "Tu estás justificado, tu estás iluminado, tu estás santificado. Tu estás lavado em nome de nosso Senhor Jesus Cristo e do Espírito de nosso Deus," após o que ele seca com uma esponja as partes ungidas do seu corpo, lembrando a ele que "Tu estás batizado, Tu estás iluminado. Tu foste ungido com o crisma. Tu estás santificado. Tu estás lavado: em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém."

O Rito de Juntar-se à Igreja.

O neófito agora tem o direito de entrar na Igreja, de tomar parte em todas as orações e participar da Santa Eucaristia. A primeira vez que ele vem à Igreja, ele faz isso com alguma solenidade e esse ato é chamado de, "juntar-se à Igreja" (isto é, "ser admitido na comunidade Cristã"). O presbítero encontra o neófito na entrada da Igreja, pega ele ou ela em seus braços, e depois de fazer o sinal da Cruz diante das portas principais, diz: "O servo (a) de Deus N. é admitido a juntar-se à Igreja, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo; agora e sempre e pelos séculos dos séculos. Amém." Então ele conduz ou carrega o neófito para dentro da Igreja com as palavras "Ele (ela) vem para Tua casa ara venerar o Teu santo templo." Parando no meio da Igreja, ele repete as palavras de admissão, e acrescenta, "no meio da Igreja ele (ela) cantará para Ti." De novo repete as palavras da admissão diante das Portas Reais, e, se o neófito é do sexo masculino carrega-o para dentro do Santuário, mas se é do sexo feminino, só chega com ela até as Portas Reais, e repete as palavras de S. Simeão: "Agora, Senhor deixa Teu (Tua) servidor (a) partir em paz...." E a seguir entrega o neófito aos padrinhos.

Como as crianças, nos dias presentes, são batizadas normalmente no quadragésimo dia depois do nascimento, o rido de admissão delas na Igreja, usualmente ocorre nesse dia

(o quadragésimo), quando a mãe traz o bebê para apresenta-lo ao Senhor e ela própria recebe a permissão para participar da Santa Comunhão. Anteriormente a mãe recebia comunhão nesse dia e a criança recebia a comunhão pela primeira vez. O costume prevalece até hoje.

O Sacramento do Batismo executado apropriadamente não pode ser repetido; o da crisma pode ser repetido somente para pessoas que tendo renunciado à fé em Cristo adoraram o paganismo, Islamismo, ou Judaísmo, etc, e que retornaram a Cristo.

A Recepção de Convertidos.

O Livro de Necessidades (o *Trebnik russo*) prescreve receber não-Ortodoxos na Igreja seguindo um de três métodos:

- ❖ Aqueles convertidos do Judaísmo, paganismo e Islam, assim como aqueles que distorcem ou não aceitam o dogma da Santíssima Trindade, ou o batismo é executado por meio de uma única imersão, — por meio do **Batismo**.

- ❖ Aqueles cujo batismo foi válido mas que não tem o Sacramento de Crisma ou para quem falte uma hierarquia com sucessão apostólica (ou se está questionável), por meio de **Crisma**. Esse grupo inclui Luteranos, Calvinistas e Anglicanos.

- ❖ Aqueles cuja hierarquia tem sucessão apostólica e cujo batismo e crisma foi realizado em sua Igreja - por meio de **arrependimento e repúdio de heresias**, seguindo instruções da Ortodoxia. Esse grupo inclui pessoas do Catolicismo Romano e confissão Armênia. Se acontecer deles não terem sido crismados ou confirmados em suas Igrejas ou se existe dúvida sobre isso, eles são ungidos com o Santo Crisma (miron).

A pessoa que não precisa ser rebatizada, confessa seus pecados diante de um presbítero, mas não recebe absolvição. Então, no Vestíbulo (ou, se não existe um, na entrada oriental), ele abjura todos os seus erros anteriores de fé e professa a doutrina da Igreja Ortodoxa. O presbítero o conduz então para dentro da Igreja dizendo: "entra na Igreja de Deus e remove para longe todos os erros anteriores." Ele se ajoelha (se for em dia permitido) no meio da Igreja diante de uma analogion, sobre o qual estão a Cruz e o Evangeliário, e ouve uma prece na qual o presbítero roga ao Senhor que conceda que esse homem possa, irrevogavelmente, sem fraude ou engano, ser juntado a Santa Igreja Católica Ortodoxa. Depois dessa oração ele se levanta e compromete-se sob juramento: "Essa fé verdadeira da Santa Igreja Católica Ortodoxa, eu manterei firmemente e a confessarei completa.... sendo Deus meu auxiliar, até meu último suspiro.... a cumprir as obrigações..." e, em confirmação desse compromisso, ele beija a Cruz e o Evangeliário. Depois de fazer o juramento, ele se ajoelha mais uma vez, e o presbítero pronuncia sobre ele a oração de remissão e absolvição, unge-o com o Santo Crisma e põe uma

Cruz em volta do seu pescoço. Esse rito é concluído com a *Ectênia*, na qual se ora pelos padrinhos e a despedida.

A Consagração de Uma Igreja.

A Igreja material é a imagem visível do corpo espiritual chamado "a Igreja de Cristo," a Cabeça da qual é Cristo, e os membros são todos o que acreditam em Cristo. Por isso, como todo ser humano entra na Igreja pelo Sacramento do Batismo e Confirmação, também toda Igreja nov* a torna-se uma Casa de Deus, para a distribuição dentro de suas paredes dos Dons da graça do Espírito Santo, somente depois de ter sido consagrada por meio de certos ofícios sagrados, que tem alguma similitude com os Sacramentos do batismo e Confirmação.

Rito de Lançamento da Fundação de Uma Igreja.

Esse rito é realizado no lançamento de uma fundação, e consiste na colocação da pedra fundamental. O bispo, ou um presbítero delegado pelo bispo, chega com a Cruz e ícones ao lugar cavado para a fundação. O serviço começa com um *moleben* e consagração de água. A seguir com o canto de *tropários* apropriados em louvor da pessoa em cujo nome a Igreja vai ser concluída, o bispo ou presbítero incensa ao redor do buraco e oferece uma oração na qual ele pede que "o Senhor mantenha os construtores do templo sem dano e as fundações dele intactas, e que Ele ajude a completar o tempo para a glória de Deus." Após essa oração ele pega um cubo de pedra, no qual está gravada uma Cruz, e sob a Cruz há uma cavidade para se colocar relíquias sagradas, borrifa a pedra com água benta, e tendo feito com esse borrifar o sinal da Cruz, coloca a pedra na fundação com as palavras: "O Altíssimo fundou essa Igreja; Deus está no meio dela, ela não será abalada; Deus ajudará a ele bem cedo de manhã." Sobre a pedra é posta uma placa metálica com uma inscrição, mostrando em louvor de quem a Igreja é fundada , e dando os nomes do Imperador, do bispo local, e das pessoas por cujas expensas a Igreja vai ser construída, e também o nome do Santo cujas relíquias, se existir alguma, estão depositadas na fundação.

Depois dessa cerimônia, o bispo ou presbítero erige uma Cruz de madeira no lugar onde vai se localizar o altar, com a oração,"que o Senhor abençoe e santifique esse lugar pela força e operação da preciosa e vivificante árvore da Cruz." Na Cruz há também uma inscrição mostrando em nome de quem o altar é consagrado, no reinado de que Imperador, e com a benção de que bispo, e o dia, mês e ano em que a fundação foi lançada.

O Rito de Consagração de Uma Igreja.

Na véspera da consagração de uma Igreja recém construída uma Vigília de Toda a Noite é celebrada diante do Santuário, com as Portas Reais fechadas.

A consagração é realizada em diferentes maneiras, de acordo com quem vai consagra-la — um bispo, ou um presbítero delegado pelo bispo.

Consagração Por um Bispo.

São feitas as seguintes preparações para a consagração: diante das Portas Reais, sobre uma mesa coberta com uma toalha de linho branca, são colocados: o Evangeliário, a Cruz, os vasos sagrados, a colher, a lança, os véus, o *aër*, os panos que vão vestir o Altar e a Mesa de Oblações, uma corda para amarrar o altar, e pregos. Ao redor dessa mesa são colocados quatro candelabros. No Santuário perto do bema são colocados sobre uma mesa separada, o Santo Crisma, água de rosas , o pincel para a água benta e algumas pedras. Diante do ícone do Salvador na *iconostase*, sobre um analogion são colocadas as sagradas relíquias, sobre uma patena cobertas com o asterisco e o *aër*.

No dia da consagração, as sagradas relíquias são transferidas para a Igreja mais próxima e lá colocadas sobre o altar. Se não há Igreja próxima o suficiente, relíquias permanecem onde estão, diante do ícone do Salvador.

O Rito de Consagração começa com um *moleben* com consagração de água, após o que os celebrantes põem as vestes completas, e sobre elas, um largo e longo avental amarrado ao redor do pescoço e do peito e por debaixo dos braços, carregando então a mesa com os pertences da Igreja para dentro do Santuário; feito isso, as Portas Reais são fechadas.

Quando as Portas Reais são fechadas e todas as pessoas que não são participantes na cerimônia saíram do Santuário, o Altar é estabelecido assim: o bispo asperge com água benta as escrituras do Altar, a seguir põe nos furos preparados para os pregos um pouco de cero-mastix (uma mistura de cera com várias fragrâncias e substâncias adesivas, incenso e enxofre branco) e asperge a parte de cima (a placa superior) do Altar, os pregos e as pedras. Então os presbíteros colocam o tampo do altar sobre as estruturas e colocam os pregos usando as pedras como martelo. Durante todos esses procedimentos são cantados Salmos. Quando o Altar está estabelecido, as Portas reais são abertas, e o bispo, ajoelhando-se, oferece uma oração para que o Senhor mande o Espírito Santo e santifique o templo e o altar. Ele então reentra no Santuário e as Portas reais são fechadas de novo.

Começa então a ablução do Altar. Como o cantar de Salmos, o bispo esfrega o Altar com sabão em forma de Cruz, e derrama sobre ele água tépida, que foi santificada por orações, e os presbíteros pegam toalhas e esfregam o Altar para seca-lo.. O bispo pega então vinho tinto misturado com água de rosas, e derrama essa mistura no Altar, no que é ajudado pelos presbíteros. Com o mesmo vinho ele asperge o *Antimension* preparado para a nova Igreja. Os presbíteros pegam esponjas aspergidas com água benta e secam o Altar. Essa cerimônia de ablução é simbólica do alto significado do Altar. A água tépida simboliza a graça do Espírito Santo, que aquece o coração dos fiéis; a água de rosas simboliza a preciosa mirra levada pelas mulheres para o enterro de Cristo, enquanto o vinho tinto significa o Sangue de Cristo, derramada para nossa salvação.

Depois da ablução, o bispo unge com Santo Crisma o tampo e as estruturas do Altar, como também o *Antimension* preparado para o Altar. Começa então o vestir-se para o Altar: primeiro com uma cobertura branca que é amarrada ao Altar em forma de Cruz, com a corda; sobe essa primeira cobertura uma segunda cobertura, de material brilhante, é colocada (ela é chamada de *enlyton*, isto é, "cobertura," "vestuário" — palavra grega); então sobre o Altar é colocado o *lilyton* ("envoltório" — palavra grega),e sobre ele o *Antimension* pe desdobrado. Todos esses artigos são colocados em seus lugares depois de terem sido aspergidos com água benta, com o canta de Salmos. Isso completa a

consagração do Altar, depois do que o bispo e o presbítero tiram os aventais, e as Portas Reais são abertas.

Agora o bispo procede à consagração da Igreja. Precedido por cerofários (carregadores de velas), enquanto um Salmo é cantado, ele anda ao redor de toda Igreja, incensando enquanto anda; dois presbíteros o seguem; um asperge as paredes norte e sul acima das portas e janelas. Penetrando no Santuário, o bispo acende uma vela no Bema; dessa são acesas todas as outras velas e lamparinas.

Depois da consagração o bispo vai em procissão, enquanto são cantados *troparia*, em louvor aos mártires, à Igreja mais próxima de lá trazer as santas relíquias. Lá, aproxima-se do altar, sobre o qual as relíquias repousam, ele ora, ajoelhando-se, para que o Senhor ouvindo as orações dos santos mártires, nos conceda participar de Sua herança; a seguir incensa as relíquias, pega a patena com elas colocando-a sobre sua cabeça, e carregando-a assim retorna em procissão para a Igreja recém construída e anda ao seu redor do lado externo, ao canto de *tropários* que falam sobre a construção e estabelecimento da Igreja do Salvador, aspergindo ao mesmo tempo as paredes externas com água benta. Para então em frente a entrada oeste, põe a patena sobre um *analogion*, e abençoa seus celebrantes assistentes. A seguir o coro entra na Igreja e as portas são fechadas depois dele. A circunvolução processional da Igreja significa que a construção foi consagrada a Deus para sempre.

> Nota: Se as santas relíquias estiverem na própria Igreja recém construída, o bispo as toma na cabeça, e com o canto de *tropários* em louvor aos mártires, e tendo oferecido oração, segue e as carrega em procissão ao redor da Igreja. Se isso não for possível, o bispo, tendo pegado as relíquias, coloca-as num *analogion* diante das portas oeste da Igreja, ou diante de uma cortina pendurada temporariamente no lugar daquelas portas.

Estando diante das portas fechadas da Igreja, o bispo exclama: "Levantai vossas cabeças, ó portas; e mantenha-as elevadas, ó portas permanentes; e o Rei da Glória entrará." O coro de dentro da Igreja, canta em resposta: "Quem é esse Rei da Glória?" Enquanto essas palavras são cantadas, o bispo incensa as relíquias. Então ele exclama de novo: "Levantai vossas cabeças, ó portas!; e mantenha-as elevadas, ó portas permanentes; e o Rei da Glória entrará." De novo o coro responde de dentro da Igreja: "Quem é esse Rei da Glória?" O bispo aqui oferece uma oração, "que o Senhor estabeleça o templo recém construído e faça esse resistir até o final do tempo." Então ele pega a patena com as santas relíquias, e fazendo com ela o sinal da Cruz diante da entrada, exclama, "o Senhor das hostes, Ele é o Rei da Glória." Essas palavras são repetidas pelo coro dentro da Igreja. Nesse momento, as portas são abertas bruscamente, e o bispo entra em procissão, levando a patena com as relíquias em sua cabeça, coloca-a no altar, unge uma partícula das relíquias com crisma, coloca ela em uma pequena caixa que ele enche com cero-mastix, a qual um presbítero, tendo pego do bispo, e fechando a tampa, deposita dentro da estrutura central do altar; a outra partícula da santa relíquia o bispo deposita no *Antimension*, depois de também te-la ungido com crisma. Quando as santas relíquias foram depositadas em seus lugares, uma oração é oferecida para os construtores da Igreja e a despedida da consagração é feita, após o que seguem as horas e a Liturgia.

O Rito de Consagração de Uma Igreja por um Presbítero.

As características especiais da consagração de uma Igreja, quando realizada por um presbítero são as seguintes: 1) não é uma patena com santas relíquias que é colocada em um *analogion* diante do ícone do Salvador, mas um *Antimension*, consagrado antes por um bispo e contendo uma santa relíquia; 2) no estabelecimento do Altar, os salmos prescritos são cantados, mas nenhuma oração é oferecida, já que foi oferecida pelo bispo na consagração do *Antimension*; 3) na ablução do Altar, ele não é lavado com vinho tinto e água de rosas, já que esse ato foi realizado pelo bispo com o *antimension*; 4) o Altar não é amarrado em forma de Cruz, mas de modo usual; 5) as paredes não são ungidas com crisma; 6) é o *Antimension* que é carregado em procissão ao redor da Igreja; 7) são colocadas relíquias no interior da estrutura do Altar.

A Confissão.

Quando um Cristão cai em pecado depois do batismo, ele viola os votos que fez no batismo, separa-se da Igreja, e perde o direito de participar da Santa Comunhão, mas permanece para ele a possibilidade de se limpar de novo dos pecados e ser salvo; pois Jesus Cristo deu para Seus discípulos o poder de remitir os pecados daqueles que se arrependem e de novo se juntar à Sua Igreja. Esse poder os Apóstolos transmitiram para seus sucessores, os bispos, e esses por sua vez deram poder aos presbíteros para ouvir as confissões de arrependimento dos fiéis e de remitir seus pecados em nome de Jesus Cristo, se eles julgarem que o arrependimento foi sincero e forte. Essa remissão de pecados é dada no Sacramento da Penitência que é por isso chamado de "um segundo batismo," "um batismo de lágrima," e o oficio no qual é realizado é chamado de "Rito da Confissão."

O Sacramento da Penitência é um no qual o Cristão que confessa seus pecados diante da Igreja toda ou de seu representante, e pede perdão, recebe absolvição do presbítero, e no mesmo momento pe absolvido invisivelmente pelo Próprio Cristo. Assim, o rito da Confissão, consiste em três atos: orações pela remissão dos pecados; confissão dos pecados diante do presbítero; e absolvição dos pecados em nome de Jesus Cristo.

Depois de ouvir as orações preliminares, os *tropários* penitenciais, o Salmo penitencial e as orações para a remissão dos pecados, o penitente, estando diante do ícone do Salvador, confessa seus pecados para o presbítero, nada escondendo, não dando desculpas para minimizar suas transgressões, e então pede por perdão e absolvição. Depois na confissão ele se ajoelha e baixa sua cabeça. O presbítero então ora para que o Senhor perdoe os pecados do penitente e o junte novamente a sua santa Igreja., cobre a sua cabeça com o *Ephithrachilion* (estola) por conta que ele, o presbítero, pela graça de Deis, tem o poder de remitir pecados em nome de Jesus Cristo, abençoa-o,e diz as palavras de absolvição: "Que nosso Senhor e Deus, Jesus Cristo, por Sua graça e liberalidade de Seu amor, pelos homens, te perde e te absolva, meu filho (a), N., de todos os teus pecados; e eu te absolvo de todos os teus pecados em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém." Com essas palavras a graça do Espírito Santo desce na alma do penitente e lava-a de seus pecados, para que ele, pela graça de Deus, ao sair da presença do presbítero, esteja um puro e santo homem.

Como só recebe remissão dos pecados, aquele que se arrependendo deles, lamenta profundamente tê-los cometido e se determina firmemente a abster-se deles no futuro,

tal arrependimento necessita um período de preparação.. Durante esse tempo o Cristão põe de lado toda preocupação mundana, e se devota a jejuar, orar, meditar sobre sua alma e apara fazer tudo isso melhor, procura solitude e mantêm-se afastados de todas as distrações e divertimentos. A duração do tempo de preparo depende de quanto tempo o homem pode se afastar de suas obrigações mundanas.

O presbítero que recebe a confissão de um penitente entra em uma intima conexão espiritual com ele, e por isso é chamado seu "pai espiritual," enquanto o penitente é o "filho espiritual" do presbítero. O pai espiritual não escura meramente a confissão do pecador, e julga a condição de sua alma; ele, como um médico, tenta encontrar a doença espiritual do pecador, aponta para o transgressor descuidado quão importantes e profundamente assentados estão seus pecados, e aquele que desespera de sua melhora e salvação ele apóia e encoraja pela esperança na misericórdia de Deus. Isso significa que quanto melhor o pai espiritual conhece seu filho espiritual, mas úteis serão seus conselhos e instruções. É uma regra então que o pai espiritual não seja trocado sem absoluta necessidade.

Se ás vezes acontece que um pai espiritual remite os pecados de um penitente sob a condição que ele realiza alguma tarefa ou disciplina imposta, seja proibição ou comando, isso é chamado uma penitencia. O pai espiritual impõe uma penitencia para o penitente quebrar em si próprio um habito pecaminoso, ou cura-lo do descuido com relação a sua auto-correção, ou ainda acalmar sua consciência perturbada pelo pecado e não deixa-lo afundar em desespero. A penitencia imposta por um pai espiritual não pode ser suspensa por outro, exceto em caso de doença perigosa do penitente ou que o pai espiritual tenha morrido.

O Sacramento das Ordens

O sacramento das Ordens é aquele no qual aquele que foi canonicamente selecionado e ordenado por um bispo recebe a graça do Espírito Santo e é instituído para realizar os Sacramentos e cuidar do rebanho de Cristo, isto é, governar uma Igreja Cristã. Como a graça do Espírito Santo é concedida nesse Sacramento pela imposição das mãos do bispo, o ato de realizar o Sacramento é nomeado de *Cheirotonia*, que significa em grego, "a extensão," ou "imposição de mãos." O rito é o mesmo para todos os graus do sacerdócio do bispo, presbítero ou diácono, diferindo somente pelo fato de serem realizados em diferentes momentos da Liturgia. Consistem nos seguintes atos: apresentação da pessoa selecionada para a santa ordem, circunvolução do altar, oração de consagração, imposição de mãos, e o vestir as vestes sagradas.

A Ordenação de um Diácono.

Como o diácono não realiza o Sacramento da Eucaristia, sua ordenação tem lugar depois da consagração dos Santos Dons. Dois subdiáconos conduzem o diácono eleito do meio da Igreja para diante do bispo, que está sentado em um trono à esquerda do altar e o diácono exclama as palavras: "Ordena, ordena, ordena, santo Mestre." O primeiro "ordena" é dirigido ao povo, o segundo ao clero, o terceiro para o bispo. Isso indica que nos tempos antigos o povo e o clero assim como o bispo tomavam parte na

eleição das pessoas a serem ordenadas para funções sagradas. O diácono curva-se até o chão diante do bispo e recebe uma benção. Então outro diácono conduz o diácono eleito três vezes ao redor do Altar para que ele prometa devotar-se para sempre para o serviço da Igreja. Durante essas voltas ele beija os cantos do Altar por conta da reverencia a Deus, e após cada circunvolução inclina-se até o chão diante do bispo, e beija sua mãe o protetor de coxa (*palitsa*) por conta da submissão a sua autoridade. Durante toda a cerimônia são cantados os seguintes hinos: "Mártires santos, que combatestes com valentia e recebestes a coroa do martírio, rogai ao Senhor que salve as nossas almas." — "Glória a Ti, ó Cristão nosso Deus, orgulho dos Apóstolos, alegria dos Mártires, que confessaram a Trindade consubstancial" — "Isaias, rejubila, a Virgem concebeu e deu à luz um filho, Emanuel, Deus e homem, Oriente é Seu nome, exaltando-O, glorificamos a Virgem"∗ Depois da circunvolução, o diácono eleito ajoelha-se diante do Altar, mas só sobre o joelho direito, porque ele não recebe a ordenação completa do sacerdócio, e põe suas mãos e a testa sobre o Altar, por conta da consagração de Deus de todas as suas faculdades. Então o bispo, levantando-se do trono, cobre a cabeça do candidato com a ponta do seu *Omophorion*, abençoa-o, põe suas mãos sobre a sua cabeça, e fala a oração de ordenação: "A Divina graça que sempre cura o que está enfermo e supre o que está faltando, passando através de minha mão, ordena esse pio subdiácono; oremos então por ele, que a graça do Santíssimo Espírito venha sobre ele." Os celebrantes-assistentes no Santuário cantam três vezes, "Senhor, tem piedade" e o coro responde *"kyrie Eleison"* ("Senhor, tem piedade" em grego), para indicar que nossa Igreja russa recebeu a *cheirotonia* do sacerdócio da igreja grega, e até hoje preserva intacta a ligação que as une. Durante a oração de ordenação o recipiente do Sacramento recebe a graça do Espírito Santo, que ordena para um ministério sagrado. Depois da imposição de mãos, o bispo entrega para o diácono recém ordenado as vestimentas e sinais de seu oficio: o *Orarion*, os punhos, e o abanador, exclamando a palavra *"Axios"* ("digno") que é repetida pelo coro em nome do povo e clero. Tendo recebido o abanador, o diácono recém ordenado toma seu lugar do lado esquerdo do Altar e abana os Santos Dons, chamando à mente enquanto faz isso que ele deve administrar no Altar de Deus com a mesma reverencia com que os santos anjos ministram para Deus. Na mesma Liturgia o diácono recém ordenado recebe comunhão de dentro do Santuário e recita a *Ectênia* de agradecimento no encerramento da Liturgia.

A Ordenação de um Presbítero.

O diácono que está para ser ordenado presbítero é levado por diáconos para o meio da Igreja, diante do bispo, depois do canto do Hino dos Querubins, para que ele tomasse sobre si o maior ministério, e para esse fim ele recebe o mais alto dom do sacerdócio. Depois da oração de ordenação, o bispo dá ao presbítero recém ordenado as vestes do seu oficio: o *Epitrachelion* (estola), a faixa (zona), e o *Pheloniun* (capa) e coloca em suas mãos o Livro de Serviço Clerical (Manual dos Serviços da Igreja), o presbítero recém ordenado então toma parte no resto da celebração da Liturgia. Após a consagração dos Santos Dons, o bispo apresenta para ele uma porção do Cordeiro, com as palavras: "Recebe essa fiança e preserva-a inteira e intacta até teu ultimo suspiro, pois tu serás chamado a prestar conta dela na segunda e terrível vinda de nosso Deus e Salvador, Jesus Cristo." — Essa cerimônia indica que o presbítero e o realizador dos Santos Sacramentos e que é sua obrigação guardar a sacralidade deles, admitindo que deles participem somente aqueles que sejam dignos. Antes da exclamação "os Santos Dons aos santos," essa fiança é devolvida ao bispo. O presbítero recém ordenado então recebe comunhão e lê a oração para a qual o celebrante desce do Ambão.

A Consagração de Um Bispo.

A consagração de um bispo tem lugar no inicio da Liturgia, já que um bispo tem o direito não só de realizar o Sacramento da Eucaristia, mas também de ordenar diáconos e presbíteros; alem disso ela é realizada não por um bispo, mas por vários, isto é, por uma convenção de bispos. Antes do inicio da Liturgia, um arcipreste e um diácono conduzem o candidato a um ambão (ou plataforma) colocada no meio da Igreja, onde os bispos estão sentados. Ali em pé sobre um *Orlets* (tapete de águia) ele recita o Credo, expondo em detalhes a doutrina das propriedades das pessoas da Santíssima Trindade e da Encarnação do Filho de Deus, então se compromete a observar os canons dos Apóstolos e dos Sete Concílios Ecumênicos, as tradições da Igreja, e a obedecer ao Santo Sínodo dos Bispos,e , finalmente, faz um juramento instituído para autoridades espirituais, de cumprir suas obrigações com toda consciência e temor de Deus. Tendo feito o juramento, ele recebe a benção do bispo sênior presente e beija a mão dos outros bispos que estão para consagra-lo.

Depois do intróito com o Evangeliário, o arcipreste e o diácono conduzem o bispo eleito para diante das Portas Reais. Aí ele é encontrado pelos bispos e ajoelha-se diante do altar em ambos os joelhos. Os bispos colocam um Evangeliário aberto, com o texto para baixo, sobre sua cabeça, como se fosse a mão de Cristo Salvador,e mantêm-no lá. Durante esse tempo o bispo sênior diz a oração de consagração após o os bispos cantam "Senhor tem piedade," e colocam suas mãos direitas sobre a cabeça do bispo eleito.

Isso encerra a consagração, e o novo bispo é a seguir vestido com o *Saccos* e *Omophorion*, durante o que a palavra "*Axios*" é exclamada alta. Então ele toma parte na celebração da Liturgia. Quando a Liturgia termina o mais velho dos bispos apresenta ao bispo recém consagrado o báculo. Isso é feito no meio da Igreja.

Nota 1 — A consagração de Leitores e Acólitos: Essas pessoas quando entram no serviço da Igreja não recebem ordens santas mas somente uma benção do bispo. O bispo coloca suas mãos sobre suas cabeças, mas não reza para a graça do Espírito Santo. A imposição de mãos não é chamada *cheirotonia* mas *cheirothesis* (tonsura). Normalmente tem lugar depois do vestir o bispo antes da leitura das Horas. O bispo abençoa a pessoa escolhida para leitor ou acólito, põe sua mão sobre sua cabeça, e diz uma oração, na qual pede a Deus para ajudar o leitor ou acólito a realizar seu ministério dignamente, então a tonsura na forma de Cruz em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Depois disso ele veste um *Phelonion* curto, e lhe é dado o Livro dos Apóstolos, do qual ele lê algumas linhas. Então lhe é retirado o *Phelonion* curto,e lhe dado um *Esticharion* (túnica) e lhe é dado um castiçal, que ele segura durante toda a Liturgia. O livro e o castiçal lhe são dados como insígnias de seu ministério.

Quando um leitor é consagrado para subdiácono , o bispo coloca sobre o *esticharion* um *orarion* e colocando suas mãos sobre ele, diz uma oração, após o que o subdiácono recém consagrado recebe uma toalha e bacia, por conta de seu ministério para o bispo, durante o serviço divino, e como uma indicação de sua principal obrigação é cuidar da limpeza do altar e da Mesa de Oblação.

Nota 2. — A promoção para um grau mais elevado da hierarquia de um arcediago, um arcipreste, um *higumeno* (abade de mosteiro), e um arquimandrita tem lugar durante a

Liturgia, logo antes da entrada com o Evangeliário. O caminho à promoção é conduzido no Ambão no meio da Igreja, onde o bispo está nessa hora. O bispo o abençoa, ora para que o Senhor "vista-o com graça, adorne-o com justiça e conceda que ele seja um bom exemplo para os outros"; então, abençoando-o de novo, anuncia para qual grau ele o promove e exclama: "Axios." Um abade e um arquimandrita recebem o material pastoral, e o arquimandrita é alem disso, investido com a mitra e a Cruz peitoral.

O Sacramento do Matrimonio.

Matrimônio é o Sacramento, no qual, na imagem da união de Cristo com a Igreja, a união conjugal entre um homem e uma mulher é abençoada, o que significa que a graça do amor tão perfeito quanto o que une Cristo e Sua Igreja é invocada sobre o casal para o conduzir com paciência o matrimonio abençoado e para a criação Cristã das crianças. Como o Matrimônio só pode ser efetuado com o mútuo e espontâneo consentimento de ambas as partes, e eles devem receber a benção da Igreja para sua vida conjugal,a ordem do homem e sua mulher afirmam seu mútuo enlaçamento diante de Deus e da igreja; os anéis são a fiança desse engajamento. No rito do casamento sua união é abençoada com orações, invocando sobre eles a graça do Espírito Santo; dessa graça, as coroas são a parte visível. Nos velhos tempos era permitido celebrar o rito de noivado separado daquele do casamento, nos nossos dias o segundo é celebrado imediatamente após o primeiro. Ambos ritos devem ser realizados numa Igreja, na presença de testemunhas e em certos dias prescritos pelos cânones.

Nota. — O consentimento mútuo de um homem e uma mulher para entrar em matrimonio é feito primeiro em casa, para um circulo de parentes e conhecidos. Nessa ocasião é costume ter-se um *moleben* cantado, para o prospero completar da questão proposta, os anéis de noivado são dados para o casal, por conta do seu consentimento para seu casamento, e seus pais ou avós os abençoam com ícones do Salvador e Sua Mãe. O *moleben* com a cerimônia de entrega das crianças e benção constitui o que normalmente é chamado de "noivado." Mas um noivado em casa não pode substituir o noivado na Igreja, que deve da mesma forma ser celebrado imediatamente antes do rito de casamento. O noivado em casa é uma questão familiar; a promessa é feita somente diante de parentes e íntimos. Na Igreja essa promessa é afirmada diante da Igreja toda.

O Rito do Noivado.

O presbítero, precedido por um acólito com vela, sai do Santuário pelas Portas Reais tendo em suas mãos a Cruz e o Evangeliário, que ele coloca numa mesa no meio da Igreja. Então ele se aproxima da entrada principal da Igreja, onde a noiva e o noivo já estão (a noiva fica à esquerda do noivo), abençoa-os três vezes com duas velas acesas, que então ele dá aos noivos, conduz o casal para a Igreja, andando diante deles e balançando o incenso — a incensação é expressamente prescrita — e coloca-os diante da mesa, a uma pequena distancia dela. O noivado começa com a Grande *Ectênia*, e duas curtas orações, com o acréscimo de petições especiais: para a salvação dos noivos, a concessão a eles de filhos e afeição mutua pacifica, para que eles habitem em harmonia, firmes na fé,e por uma benção para eles, que eles possam levar uma vida irrepreensível. As orações contem petições para abençoar os noivos e o noivado. Segue-se então a cerimônia do noivado. O presbítero pega as alianças no altar que ele havia recebido antes do oficio. Com a aliança dourada ele faz o sinal da Cruz três vezes acima da cabeça do noivo, com as palavras: "O servo de Deus N. aceita como sua noiva a serva de Deus N. em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo." Isso ele repete três vezes, então põe a aliança no quarto dedo (o encostado no dedo mindinho) da mão direita do noivo. O mesmo procedimento é realizado com a aliança de prata da noiva.

Depois do noivado, é prescrito pelos canons da Igreja, que os padrinhos ou, como é o costume agora o melhor amigo do noivo, troquem de alianças três vezes de um para o outro, de modo que a aliança de prata da noiva fica com o noivo e a aliança de ouro do noivo fica com a noiva. As alianças são dadas a eles por conta da união vitalícia na qual estão entrando ∗ . O metal mais precioso da aliança do noivo indica seu domínio, enquanto a troca de alianças indica que eles se engajam em compartilhar as fadigas e dificuldades da vida, ele não permitindo se elevar por sua supremacia, ela não tirando vantagens de sua fraqueza. Essa troca feita pelo padrinho, geralmente escolhido entre os parentes mais velhos, indica o consentimento da família. O rito do noivado termina com a oração do presbítero "em que o Senhor estabeleça esses esponsais na fé; em harmonia, verdade e amor, e abençoe do Céu esse colocar de alianças."

O Rito do Casamento.

Depois do rito do noivado a noiva e o noivo se aproximam do *analogion*, segurando as velas acesas, e mais uma vez precedido pelo presbítero incensando. Isso serve para lembra-vos que eles devem viver suas vidas de acordo com os comandamentos do Senhor, que o presbítero proclama, que suas boas ações devem brilhar no mundo, subir ao Céu como incenso. Enquanto eles se aproximam, o Salmo 128 é cantado, no qual são descritas as bênçãos que Deus envia aos pios consortes: "Felizes os que temem o Senhor, os que andam em Seus caminhos. Poderão então viver do trabalho de suas mãos. Serás feliz e terá bem estar. Tua mulher será em teu lar como uma videira fecunda. Teus filhos à volta de tua mesa serão como rebentos de oliveira. Assim será abençoado aquele que teme o Senhor. O Senhor te abençoa de Sião para que possas ver a felicidade de Jerusalém todos os dias da tua vida. Para que possas ver os filhos de teus filhos. Paz sobre Israel." Esse Salmo é cantado com o refrão a seguir depois de cada verso: "Glória a Ti, Senhor, glória a Ti!" O casal de noivos, por conta da festividade, toma então lugar sobre um tapete. O presbítero pergunta agora, a cada um separadamente, se eles tem vontade espontânea e firme propósito de contratar a união conjugal um com o outro, e se eles não prometeram contratar tal união com nenhum outro, Recebendo resposta afirmativa para a primeira pergunta e negativa para a segunda, o presbítero procede ao real rito de casamento.

Esse rito começa com a benção do Reino da Santíssima Trindade e com a Grande *Ectênia*. A essa *Ectênia* são acrescentadas petições em nome dos novos esponsais; que eles recebam uma benção para o seu casamento, castidade, crianças favorecidas e alegria com elas, e uma vida irrepreensível. Então o presbítero diz três orações nas quais ele pede que o Senhor conceda ao casal uma graça em seus filhos e uma coroa incorruptível de gloria nos céus, e uma abundancia de cosias boas na terra para que possam ajudar os necessitados; que o Senhor ajude a mulher a obedecer seu marido, e que o marido seja a cabeça de sua mulher; que Ele se lembre também dos pais dos noivos que os criaram, por a oração dos pais fortalece e consolida os lares. Após essas orações o presbítero põe uma coroa na cabeça do noivo, repetindo três vezes: "O servo de Deus N. recebe por coroa a serva de Deus N. em nome do pai, do Filho e do Espírito Santo." Isso ele repete, colocando a outra coroa na cabeça da noiva após o que ele abençoa o casal três vezes dizendo: "Senhor, nosso Deus, coroa-os de glória e de honra." As coroas simbolizam a vitória deles sobre as paixões e a honra paga a eles pela castidade antes do casamento, e lembra a eles que devem guardar a pureza de suas vidas depois do casamento também. Na Grécia eles usam guirlandas de murta e ramos de oliveira. Nós na Rússia usamos coroas de forma imperial, ornamentadas com o ícone do

Salvador e o de Sua Mãe. Isso indica que os esposos recém casados estão para serem progenitores (*Knyaz*, isto é, "príncipe" e "princesa," na linguagem antiga), de uma nova geração.

Depois da cerimônia de casamento e da benção, um *prokimenon* é cantado, no qual pe mostrada a essência do casamento: "Tu coroaste-lhes na cabeça uma coroa de pedras preciosas; eles pediram-Te a vida e Tu lha concedeste," após o que são lidas trechos de uma Epistola e de um Evangelho. O trecho da Epistola fala da importância do Sacramento do Matrimonio e das mutuas obrigações dos novos esposos; o trecho do Evangelho fala da presença de Cristo no casamento em Caná da Galíleia.

As leituras são seguidas pela Tripla *Ectênia* e pela *Ectênia* de Súplica, terminando com o canto do Pai Nosso, então é trazida uma taça com vinho. O presbítero abençoa a taça, e a apresenta alternadamente para o marido e para a mulher para dela beberem, três vezes cada um. Essa taça comum significa que eles devem viver em uma união indissolúvel e compartilhar com o outro alegria e aflição. O presbítero os toma pela mão e dá com eles três voltas ao *analogion*, enquanto os padrinhos (ou na Rússia o melhor amigo) os seguem, mantendo as coroas acima de suas cabeças. Durante essa circunvolução são cantados os mesmos hinos cantados dentro de uma ordenação * . Essa cerimônia simboliza a solenidade e indissolubilidade da união conjugal.

O presbítero agora pega as coroas do casal recém casado, e dirige a cada um palavras de congratulação e bons votos. Ao marido ele diz: "Sê enaltecido, ó esposo como Abrahão, sê abençoado como Isaac e multiplica-te como Jacó, caminhando na paz, e cumprindo a justiça dos mandamentos divinos." À esposa ele diz enquanto tira sua coroa: "Tu também esposa, sê enaltecida como Sarah, exulta como Rebeca e multiplica-te como Raquel. Sê feliz com teu esposo e cumpre toda lei, pois essa é a vontade de Deus." O casal, depois que as coroas são retiradas, inclinam suas cabeças a convite do presbítero, e ouvem os seus votos de prosperidade e trocam o beijo de amor.

Nos tempos antigos os casais recém casados costumavam usar as guirlandas de murta e ramos de oliveira pelo espaço de sete dias, e no oitavo dia tiravam as guirlandas na Igreja na presença do presbítero, que orava a Deus para preservar a união deles inviolável. Em nossos dias essa oração é dita imediatamente após a cerimônia, antes da despedida.

Condições de Legalidade de um Casamento.

Alem do mútuo consentimento das partes, as seguintes condições devem ser observadas para um casamento ser legal: 1) eles têm que ser de idade legal — o noivo não menos de 18 anos, a noiva não menos que 16 anos; 2) não devem ser parentes próximos. A relação proibida extende-se até o quarto grau, isto é, primos de primeiro grau não podem se casar, nem dois irmãos casarem com duas irmãs; dentro do quinto grau (primo em primeiro grau do pai ou da mãe) ou do sexto grau (primos em segundo grau) o casamento é permitido ás vezes, mas não sem a dispensa dada pelo bispo; 3) os candidatos devem ser de mente sã; e 4) devem ter autorização para casar: se menores, dos pais ou guardiões; - se empregados no serviço militar ou civil, de seus superiores; se membro de uma comunidade, do ancião. Para se descobrir se existem obstáculos para o casamento projetado as proclamas são afixadas na Igreja Paroquial dos candidatos por três domingos consecutivos. Em acréscimo a isso, são procuradas informações a

respeito da idade deles, suas famílias, sua religião, se eles já não são casados com outra pessoa, - somente solteiros ou viúvos, e se viúvos, tendo sido casado uma ou mais vezes, se tem as necessárias autorizações de pais, guardiões ou superiores. Todas essas informações são postas num livro que é assinado pelo casal, e por testemunhas que certificam a veracidade das informações e em caso desse testemunho ser falso o livro que mostra que eles serão levados perante as leis, civil e eclesiástica. Isso é chamado de "registro," e até ele estar completo e assinado, o casamento não pode ser realizado.

A Ordem de um Segundo Casamento.

A Igreja Ortodoxa permite que viúvos e viúvas, e também pessoas cujo casamento tenha sido dissolvido por uma das razões legitimas, venha a contrair um segundo (e, ocasionalmente um terceiro) casamento; mas ela considera isso uma concessão à fraqueza humana, e por isso a celebração de um segundo ou terceiro casamento não acontece com a mesma solenidade como a de um primeiro casamento. As orações no rito do noivado são omitidas, e as que acompanham o rito de casamento são de natureza penitencial; a entrada solene do par ao canto do Salmo 128 também é omitida. Em tempos antigos não eram usadas coroas. É habitual em nossos dias limitar esse rito reduzido ao caso em que ambos parceiros já foram casados antes. Quando um dos dois está contratando um primeiro casamento, os ritos não são reduzidos.

A Santa Unção.

A Santa Unção é o Sacramento pela administração do qual uma pessoa doente é ungida com santo óleo, enquanto a graça do Espírito Santo é invocada sobre ela, para a cura da doença, tanto corporal quanto espiritual. O óleo para esse Sacramento é consagrado por orações, e o Sacramento deveria de acordo com os canons da Igreja, ser realizado por sete presbíteros; mas em caso de necessidade, um presbítero é suficiente.

Uma travessa com trigo é colocada sobre uma mesa. No meio do trigo é colocado um vaso contendo óleo e vinho tinto, e em torno da travessa são colocadas sete velas e sete hastes de madeira com algodão enrolado na ponta. Sobre a mesma mesa são colocados a Cruz e o Evangeliário. Os grãos de trigo simbolizam a ressurreição e a regeneração* ; o óleo — cura pela graça de Deus, e o vinho tinto, misturado ao óleo indica que a graça de deus é dada para nós através de Cristo, que derramou Seu Sangue na Cruz por nossa Salvação. As sete velas simbolizam os sete dons do Espírito Santo. Durante a realização dos ritos sacramentais o paciente (se estiver capaz) e os assistentes seguram em suas mãos velas acesas.

O oficio começa com o canto de uma oração para a cura do paciente. Ela consiste principalmente em um canon que é cantado com o refrão: "Ó Senhor de muitas misericórdias cura Teu sofredor servo N." A seguir é recitada a Grande *Ectênia*, com petições acrescentadas para a benção do óleo pela descida do Espírito Santo, e pela concessão ao sofredor da graça do Espírito santo. Depois disso o presbítero ora para "que o Senhor santifique esse óleo, para que ele seja para aqueles ungidos com ele a cura e libertação de toda paixão, de toda mácula da carne e do espírito de todo o mal."

A consagração do óleo é seguida da leitura de sete trechos de Epistola, sete trechos de Evangelho, da Tripla *Ectênia*, repetidas sete vezes, sete orações para a cura do homem doente e para a remissão dos seus pecados, e unção de seu corpo com o óleo consagrado. Após a leitura da Epistola e do Evangelho, e da *Ectênia*, um dos presbíteros, com uma oração para a recuperação do paciente, pega uma das hastes, mergulha a ponta com algodão no óleo com vinho, e unge o paciente em forma de cruz na testa, narinas, bochechas, lábios, peito e mãos, falando alto as palavras: "Pai Santo, medico das almas e dos corpos, cura também Teu servo (a) N. das doenças espirituais e corporais que o possuem e vivifica-o pela graça do Teu Cristo." Após a sétima unção, o paciente se levanta e se coloca no meio dos presbíteros, ou, se ele está incapaz de se levantar, os presbíteros se colocam ao redor de sua cama. Então o presbítero sênior pega o Evangeliário, abre-o, segura-o, com o texto para baixo, como se fosse a própria mão de Cristo, sobre a cabeça do paciente e recita uma oração para a remissão de seus pecados. O paciente beija o Evangeliário, e, depois de ouvir a despedida, pede uma benção aos presbíteros: "Abençoe-me, um pecador, santos padres."

O Sacramento da Santa Unção é administrado para pessoas que sofrem de uma doença severa; mas não é necessário que o paciente tenha atingido o nível de exaustão ou inconsciência. Esse Sacramento pode ser administrado mais de uma vez. Alguém para quem a saúde foi restaurada não esta comprometido com isso (como alguns erroneamente afirmam categoricamente) a renunciar ao mundo, tomar votos monásticos, e devotar-se o resto de suas vidas a perpetua penitencia e jejum.

> Nota. — Santa Unção Administrada Publicamente: Na Igreja da Dormição, em Moscou, na Quinta feira Santa antes da Liturgia, o Bispo administra Santa Unção a pessoas talvez saudáveis de corpo, mas moralmente sofrendo de rancor, desanimo e desejosos de receber a Unção em função da incerteza da hora da morte. O bispo consagra o óleo e põe um pouco de vinho tinto nele..Segue-se então a leitura das Epistolas e Evangelhos. Das orações só a sétima é recitada. Depois disso o bispo mistura o óleo e o vinho com a colher sacramental, coloca a mistura em pequenos vasos, então unge na testa primeiro a si mesmo, depois os presbíteros e diáconos, então distribui os casos entre os presbíteros, que ungem o povo. Quando isso está feito o bispo recita a oração de remissão dos pecados enquanto os presbíteros seguram sobre sua cabeça o Evangeliário com o texto para baixo.
>
> Nota do editor: No tempo presente (2001), a pratica da administração pública da Santa Unção em algum dia da Grande Quaresma, mais ou menos de acordo com o rito completo do sacramento, é seguido em muitos lugares.

Molebens.

Um *moleben* é um oficio especial, no qual orações de agradecimento são oferecidas ao Senhor, à Mãe de Deus, e a Santos por ocasião de algum acontecimento especial na vida

da nação ou de um ou mais indivíduos. "*Moeleben*" é uma palavra eslavônica que significa "oficio de petição."

Molebens pertencem tanto à louvação publica quanto privada. Sob o título de "louvação pública" vem *molebens* realizados: 1) em "aniversários imperiais," isto é, em dia de nascimentos e dias onomásticos de membros da Casa Imperial, no dia de acesso ao trono do Imperador reinante, no dia de coroação de Suas Majestades Imperiais; 2) no dia de festa de um templo, isto, é, no dia consagrado à comemoração da pessoa ou evento cujo nome é dado a uma dada Igreja paroquial; 3) em dias comemorativos de vitória sobre inimigos; 4) por ocasião de calamidades publicas, tais como invasões estrangeiras, epidemias, pestilências, seca ou chuva excessiva e que tais. Á "louvação privada" pertencem os *molebens* realizados pelo desejo de pessoas particulares em seus dias de nascimento ou onomásticos, antes de crianças começarem as aulas, quando alguém começa uma viagem, quando se muda para um endereço novo, quando se agradece por alguma misericórdia que se tinha pedido por, pela recuperação de uma pessoa doente, etc.

Molebens são de três tipos: um inclui o canto de um canon, outro omite o canon, e outro omite a leitura do Evangelho.

A ordem do *moleben* com canon é a seguinte: depois da exclamação preliminar do presbítero é cantado o "Rei dos Céus...," então o *Trisagion* e o Pai Nosso; depois disso um salmo é lido, selecionado com referencia ao assento que se ora por. Depois do Salmo a Grande *Ectênia* é recitada , com a adição de petições por conta da ocasião do *moleben*. Então são cantados: "O Senhor é Deus...," *tropários* e o Salmo Penitencial (51): "Tem misericórdia de mim..." e por fim o canon com refrões da pessoa invocada; por exemplo, em um canon para a Santíssima Trindade, nosso deus, glória a Ti," em um canon para a Virgem o refrão é "Santíssima Mãe de Deus, salva-nos"; em um canon para São Nicolau — "Pai e Bispo Nicolau, ora a Deus por nós."

Depois da terceira Ode do Canon e recitada a Tripla *Ectênia*; depois da sexta ode a Pequena *Ectênia*, que é seguida pela leitura do Evangelho (se o *moleben* é em louvor de dois ou mais santos, dois ou mais Evangelhos são lidos); depois da nova ode o hino "verdadeiramente digno..." é cantado. Isso é seguido pelo *Trisagion* , pelo Pai Nosso, e a Tripla *Ectênia*, após o que uma oração especial é lida, apropriada para ao sujeito da petição ou agradecimento. Assim, um *moleben* com canon, é em sua ordem, uma abreviação das Matinas. Um *Akathist* é algumas vezes juntado ao canon, sendo recitado após a sexta ode, antes da leitura do Evangelho. *Molebens* com canon são cantados nas festas de templos em louvor ao Senhor e Seus Santos, para a libertação de inimigos, em tempo de excessiva seca, chuva ou epidemia.

O *moleben* sem canon prossegue na mesma maneira até o hino "O Senhor é Deus...." depois disso e dos *tropários*, leitura das Epistolas e Evangelhos são lidas (às vezes uma *paremia* é lida antes da Epistola); a leitura do Evangelho é seguida pela Tripla *Ectênia*, após o que o presbítero recita a oração especial para a ocasião, que é ouvida ajoelhados e a Grande Doxologia é cantada. Às vezes uma oração para a concessão de longos dias para o Imperador e sua casa é dita depois da Doxologia. *Molebens* desse tipo são cantados no dia de Ano Novo, no aniversario do acesso ao trono do Imperador e da Coroação, para dar graças por uma grande misericórdia, pela segurança do Imperador e dos soldados em batalha, por ocasião da primeira aula de crianças, para recuperação de

doentes, para pedir uma benção sobre aqueles que partem e jornadas ou vão navegar, e sobre colméia de abelhas, e outros vários assuntos.

Não há leitura de Evangelho quando o objeto do *moleben* é pedir a benção sobre vários objetos inanimados, tais como vasos de guerra; a bandeira de um exército, armas ou artilharia, um novo navio ou barco — ou sobre a escavação de um poço para encontrar água, ou um novo poço completo. Todos esses artigos são borrifados com água benta, daí ter-se juntado ao *moleben* o rito da Consagração Menor de Água, que é realizada segundo o modelo de consagração prescrito para o 1º de agosto.

A Ordem da Tonsura.

O nome de Monge (ou Monja) é dado para pessoas que fizeram os votos de castidade, pobreza e obediência absoluta à vontade de seus guias espirituais, com completa entrega de sua vontade própria. Monges vivem juntos em construções separadas, chamadas Mosteiros ou *Lavras*∗. Lá cada monge tem um lugar próprio para si, chamado cela. Eles se reúnem todos só na Igreja, para os ofícios, no refeitório e em seu trabalho comum. Eles são chamados a estar em perfeita subordinação à vontade de seu chefe, o padre Superior do mosteiro que tem o titulo de *Higúmeno* (palavra grega que significa "líder," isto é, um abade) ou de um Arquimandrita (outra palavra grega que significa chefe de um rebanho). No tempo presente todos os abades e arquimandritas têm a dignidade do sacerdócio mas isso não foi sempre o caso nos tempos antigos. Um mosteiro também podia ser chefiado por um bispo. Monges são divididos em três graus: o de noviços, monges de votos menores e dos votos maiores. Pessoas que desejam tomar os votos monásticos não entra imediatamente na categoria de monges - primeiro elas são submetidas a testes, para provar firmeza de sua intenção. Em outras palavras elas passam pela "prova da obediência," durando as vezes vários anos, durante os quais elas estão em provação, por isso são chamados de provadores ou irmãos leigos. Tanto esses quanto os noviços estão sob a orientação especial de um monge mais velho, escolhido por eles mesmos, que é chamado *stárets* (palavra russa que significa, "ancião"). Como um dos atos da consagração de um monte consiste no corte ou tonsura de seus cabelos, a cerimônia também é chamada de tonsura. Há uma ordem especial de consagração para cada grau da vida monástica.

A Ordem de ser Investido Com Túnica — Depois das orações preliminares e *tropários* penitenciais, o abade recita uma oração na qual ele pede ao Senhor que conceda ao provador que deseja entrar na vida monástica que ele consiga cumprir dignamente o estado angélico∗ e o admita no rebanho dos Seus eleitos; então ele tonsura o cabelo na cabeça do noviço em forma de †, "em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo" para que o noviço "expulse de si todos os pensamentos indolentes, e tome sobre si o jugo do Senhor." Depois da tonsura , o abade investe-o com o traje de sua ordem, a túnica (*riassa*) e a *kamilavka* ou gorro, ambos pretos e de material barato. A túnica é um traje largo, não cintado, como era usado nos tempos antigos em dias de aflição; o monge usa-a por conta do pesar dos seus pecados; enquanto a *kamilavka* (a palavra significa uma proteção para o calor, ou aliviar o calor) indica a subjugação das paixões. Assumindo a túnica, o provador entra no grau de dos recém consagrados ou noviços e recebe o titulo de *riassofor* (razoforo em português), isto é, "usuário da túnica," mas não toma votos.

A Ordem do Schema*. A palavra Schema significa "dignidade, aspecto"; a "Ordem de Schema" é o nome dado para a consagração de um noviço no segundo grau da vida monástica, o de um próprio monge. O noviço que deseja tomar os votos remove suas vestes no vestíbulo, por conta dele renunciar a todos os mal feitos, e fica sem cinto, descalço e a cabeça descoberta. Então os irmãos (a comunidade do mosteiro) vem da igreja busca-lo, com velas acesas, cantando um *tropário* que celebra o retorno do filho pródigo para a casa de seu pai, e conduzem-no à Igreja. O noviço faz três prostrações no caminho, para oposto às Portas Reais, diante de um *analogion* no qual estão colocados a Cruz e o Evangeliário, e ali, para a pergunta do abade, que pergunta a ele: "Porque vieste para cá, Irmão, prostrando-se diante do Santo Altar, e diante dessa santa assembléia?" Ele responde: "Estou desejoso da vida de ascetismo Reverendo Padre (ou santo Mestre)." Então o abade questiona-o mais: se ele aspira o estado angélico? Se ele se entrega a Deus por livre vontade própria? Se ele intenta habitar no mosteiro e levar uma vida de mortificação até seu ultimo suspiro? Se ele pretende se manter na obediência da virgindade, castidade e piedade? Se ele permanecerá obediente ao superior e aos irmãos até a morte? Se ele suportara voluntariamente as restrições e dificuldades da vida monástica. Quando ele respondeu a todas essas questões: "Sim, Reverendo Padre, com o auxilio de Deus," o abade explica a ele em que consiste a vida monástica! Ele se compromete a manter seus votos. Então o abade ora para que "o Senhor receba-o, proteja-o pela operação do Espírito Santo e o livre de todo desejo carnal," e pondo sua mão sobre o Evangeliário acrescenta: "Aqui Cristo esta presente invisivelmente. Vede! Ninguém te compele a vir a Ele." Então, para melhor testar a vontade dele de tomar os votos, o abade entrega ao noviço a tesoura três vezes, com as palavras: "Pegue essas tesouras e dê a mim" O noviço em cada vez recebe as tesouras e devolve-as para o abade, beijando sua mão. Depois da terceira vez o abade diz para ele: "Dá mão de Cristo tu as recebeste. Vê a Quem tu te juntas, Quem tu abraças, e a Quem tu renuncias." Então o abade tonsura a cabeça do noviço em forma de cruz dizendo: "Nosso irmão (irmã) corta o cabelo de sua cabeça em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo," e fazendo isso troca seu nome por outro, por conta da completa renúncia do mundo* e perfeita autoconsagração a Deus.

O recebedor do Schema é agora investido com as vestes de sua ordem. Ele veste um *chiton*, usualmente chamado de batina, como um emblema de pobreza; nos tempos antigos essa batina era feita de crina de cavalo; então ele veste um artigo chamado *paramand* (o escapulário), que significa "alguma coisa a mais, ou acrescentada ao manto." Esse nome é dado para um quadrado de pano, no qual está representadas a Cruz de Cristo com a lança, o junco e a inscrição: "Eu uso sobre meu corpo as feridas de meu Senhor."Por meio de fios costurados nos cantos, esse quadrado é preso ao redor dos ombros e peito do monge. Ele pretende lembrar o monge que ele tomou sobre si o jugo de Cristo e deve controlar suas paixões e desejos. Ao mesmo tempo uma Cruz é pendurada em seu pescoço, por conta dele ter que seguir Cristo. Sobre isso o monge põe o manto, que é agora chamado de "manto do júbilo," e cinge-se com o cinto por conta da regeneração espiritual e mortificação do corpo. Sobre o manto o monge veste o *pallium*, uma veste larga, bem longa e sem mangas. É chamado de "veste da incorrupção e pureza," e a ausência de mangas é para lembrar ao monge que ele está excluído das ocupações mundanas. O *pallium* é dado a ele por conta do "estado angélico exaltado" que ele assume, isto é, como uma garantia de que ele não parará nesse segundo grau, mas procurará o terceiro, o mais elevado. O acessório de cabeça dado a ele é o *kamilávka* com o *klóbuk* ou véu, que é para lembrar a ele que deve velar sua face das tentações e guardar seus olhos e ouvidos contra qualquer e toda vaidade. Por isso o

klobuk é chamado de "elmo da salvação." Os pés do monge são calçados com sandálias, significando que ele deve habitar em paz e calma, e ser lento em perseguir seus próprios desejos e fazer sua vontade própria. Finalmente é dado a ele um rosário ou *chôtki* ("contador"), isto é, um fio com muitos nós, para contar as orações e prostrações. Esse contador é a espada espiritual do monge que o ajuda a conquistar ausência de mente enquanto nas orações, pelo que ele afasta maus conselhos de sua alma. Às vezes o rosário consiste de pequenas chapas metálicas enfiadas num fio ou corda, em intervalos iguais; é então chamado de um nome que significa "pequena escada" (*lyestófka*) porque parece uma.

Depois de vestir, a Grande *Ectênia* é recitada, com o acréscimo de petições especiais por conta do novo irmão, e é cantado o *prokimenon*, "Vós todos que fostes batizados em Cristo, vos revestistes de Cristo"; então leitura — das Epístolas, como todo homem deve fazer guerra contras os inimigos da salvação, e investir ele próprio nesse fim com armadura completa de Deus — e do Evangeliário, como o amor por Deus deve ser maior que o amor pelos pais, e como aquele que não segue os passos do Senhor não é digno Dele. Então o novo irmão é presenteado com uma vela e uma Cruz, e lembrado das palavras de Cristo, que qualquer que quiser segui-lo deve tomar sua cruz, e glorificar seu Pai Celestial por suas boas obras. Por fim, o abade e todos os irmãos dão a ele o beijo de boas vindas.

A Ordem do Grande Schema, ou Estado Angélico Mais Elevado. Esses monges que tomam para si o Grande Schema, são chamados na Rússia de **Schémniks* .** Eles fazem votos severos de completa renúncia ao mundo. A consagração desse alto grau difere da do grau menor nos seguintes pontos: 1) as vestimentas preparadas para o candidato são levadas para o Santuário no entardecer da véspera da consagração e colocadas sobre o Altar para significar que ele as recebe do próprio Senhor; 2) seu nome é mudado de novo na consagração; 3) no lugar do *poramand* (escapulário), ele põe o *analavon* (grande escapulário), que é igual ao *poramand*, mas é ornamentado com muitas cruzes e é usado sobre os ombros, para significar o carregar de sua Cruz seguindo Cristo; 4) ao invés do *Klóbuk* de topo achatado, ele usa um chapéu com ponta chamado capuz (*cucullus*), com véu cobrindo a cabeça e os ombros e decorado com cinco Cruzes: na testa, no peito, nos ombros e nas costas. É chamado de "capuz da sinceridade" e "elmo da esperança na salvação."

Consagração de um Abade ou de um Arquimandrita. Quando um monge é consagrado abade (padre superior), é dado a ele um báculo pastoral emblemático de sua obrigação como condutor da comunidade. Se ele é consagrado para a dignidade de um arquimandrita, ele é investido com um manto que tem quatro quadrados de pano vermelho ou verde chamados tábuas da lei costurados na parte da frente, no pescoço e na parte final de baixo. Eles significam que o arquimandrita é o instrutor dos monges e o guia do viver de acordo com os mandamentos de Deus. Bispos, que no tempo presente, são tirados dentre os arquimandritas, usam mantos, não pretos, mas de alguma cor clara com listras de outra cor que são chamadas de "rios" significando que dos lábios dos bispos fluem rios de instruções na palavra de Deus.

O Sepultamento e Comemoração dos Mortos.

As Orações Para Uma Alma que Parte — A Igreja Ortodoxa dá aos moribundos uma benção e umas palavras de partida para facilitar a sua passagem para a vida eterna no momento da separação da alma do corpo. Essas palavras de partida consistem em um canon piedoso para nosso Senhor Jesus Cristo e Sua Imaculada Mãe. Os *tropários* desse canon expressam em nome da pessoa moribunda do pecado, o temo da punição, e a esperança na intercessão da Mãe de Deus na misericórdia de Cristo. O canon termina com uma oração para que o Senhor remita os pecados do moribundo e conceda à sua alma repouso com os santos nas moradas eternas.

A Preparação de um Corpo Cristão Falecido para Sepultamento — Depois da morte, um corpo Cristão é lavado e vestido com roupas novas. Essas são todas brancas, e são chamadas de mortalha, e referem-se à promessa que o falecido fez no batismo de levar uma vida de pureza e santidade — ou então elas são as roupas de sua ordem e dignidade na vida, por conta de que ele deve então prestar contas a Deus na maneira que ele cumpriu as obrigações da posição para a qual ele foi chamado. Na sua testa é colocada uma faixa na qual são representados Cristo, Sua Mãe e João Batista, com as palavras do *Triságion*, porque o falecido, como um guerreiro de Cristo, lutou na terra pela verdade e morreu na esperança de receber uma coroa no Céu. Nas mãos é colocado um ícone do Salvador ou de algum Santo, simbolizando a fé do falecido em Cristo e seu desejo de ser admitido na comunidade dos santos discípulos. Então o corpo é colocado num caixão e coberto com um pano mortuário; para significar que o falecido está sobre proteção da Igreja de Cristo.

A Leitura do Saltério ao Lado do Caixão e os Serviços de Réquiem — Imediatamente depois da morte de um Cristão, a leitura do Saltério começa ao lado de seu caixão, com o acréscimo em cada "Glória" (*stase* ou antífona), de orações para o descanso de sua alma, e serviços de réquiem são celebrados, chamados *paniquida*, que significa, "serviço de toda noite." Mas são na verdade ofícios curtos, consistindo em petições para o perdão dos pecados do falecido, e pelo descanso de sua alma no Reino do Céu. Esse oficio é uma abreviação da Matinas. Começa com a leitura do Salmo 91: "Aquele que habita no esconderijo do Altíssimo, á sombra do Onipotente descansará."

Segue-se a Grande *Ectênia* , com uma petição acrescentada para o que partiu; depois são cantados: "Aleluia," *tropários* com o refrão: "Bendito és Tu, ó Senhor," o Salmo Penitencial (51), o canon com três pequenas *Ectênias* depois na terceira, sexta e nona odes, o *trisagion*, o Pai Nosso, *tropário* funerário, Tripla *Ectênia* e Despedida, proclamando "Memória Eterna" do falecido. Durante o Réquiem o caixão é incensado em toda volta, significando que a alma do falecido, como a fumaça do incenso, ascende ao céu e que nossas orações por ele estão agradando a Deus. Esse oficio, leva o nome de "oficio de toda noite," porque em tempos antigos, no funeral dos mártires, os Cristãos costumavam passar a toda noite, cantando e rezando.

O Levar o Corpo Para a Igreja — O corpo é levado para uma Igreja antes do sepultamento. Logo antes de ser tirado da casa, um oficio curto, chamado *Lity* (lítia) é feito — um Réquiem abreviado — consistindo de *troparia*, Trila *Ectênia* e Despedida. O caixão é incensado em toda volta novamente durante esse oficio. O corpo do irmão falecido é carregado para a Igreja ao canto do *Triságion*, por conta de que o que partiu passou agora para a habitação das hostes celestes, lá cantando com as hostes o hino para a Santíssima Trindade. Os Cristãos que cercam o caixão seguram velas acesas em suas mãos, expressando assim a certeza de que o seu irmão que partiu ascendeu para a luz

eterna que é Deus. O caixão é colocado no meio da Igreja, face ao Santuário, e velas são acesas em toda volta dele.

O Serviço Funeral — O rito funeral inteiro é inspirado por orações para o que partiu e o desejo de consolar os sobreviventes. Começa com o canto dos Salmos 91 e 119, que mostra a bem aventurança daqueles que viveram confiando na ajuda do Altíssimo e na observação de Suas leis. Então, depois que "Aleluia" foi cantado três vezes, segue os *tropários* com o refrão, "bendito és Tu, ó Senhor; ensina-me Teus estatutos." Nesses *tropários*, a sina toda do homem é descrita. Criado do nada, mas dotado com a semelhança de Deus, ele retorna à terra por ter transgredido os comandos divinos; no entanto, apesar de carregar sobre si as feridas do pecado, ele ainda mantém a imagem de sua gloriosa morada. Os *tropários* são seguidos pelo canto do canon funerário, contendo orações pelo que partiu; depois da terceira, sexta e nona odes, uma Pequena *Ectênia* é recitada. A seguir são cantadas as Idiomélias: isso são oito *estiquérios*, que contém as lamentações do homem, que realiza quão passageiras e perecíveis são as coisas terrenas. Cada *estiquério* é cantado em uma melodia própria ou num tom próprio (como indicado pelo nome, "*idiomélia"*: "suas próprias melodias").

"Que doçura da terra permanece não misturada com aflição? Que glória da erra continua imutável? Todas as coisas são mais frágeis que sombras, todas as coisas são mais enganosas que sonhos... Onde está a inclinação mundana? Onde a imaginação de efêmeras criaturas? Tudo é pó, tudo cinzas, tudo uma sombra... Eu choro e lamento, quando eu penso na morte, e vejo nossa beleza, moldada de acordo com a imagem de Deus, jazendo nos túmulos, desfigurados, sem glória, ausente de forma. Ó maravilha! Qual é o mistério a nosso respeito! Como nós fomos entregues à corrupção? Como fomos ligados à morte! Verdadeiramente, como está escrito, pelo comando de Deus, Que dá repouso aos que partiram."

Depois da *idiomelia* são cantadas as Beatitudes; vem então a leitura de Epístola e de Evangelho, que falam da ressurreição dos mortos e dão consolo para aqueles que gemem sobre a vaidade de todas as coisas terrenas.

As leituras das Escrituras são seguidas pela *Ectênia* de Súplica, que conclui com a "oração de absolvição," na qual a Igreja remite todas as transgressões do que partiu, absolve ele de todas as obrigações, todas promessas e juramentos, e envia-o em paz para a vida perene. Porque as orações da Igreja têm peso com Deus e o que remitido aos penitentes na terra é remitido a eles no céu também, é costume em nosso país colocar nas mãos do que partiu um papel com essa oração escrita nele.

O serviço funeral termina com o canto de *estiquérios*, que falam da separação de nosso irmão falecido de nós e expressa seu pedido que nós devemos orar por ele. Esse é o momento quando o último beijos é dado e o caixão fechado; então a "memória eterna" do falecido é proclamada.

Sepultamento, ou Colocação do Corpo no Túmulo — Quando o serviço funeral está concluído, o caixão é baixado no tumulo, faceando o leste, para significar que o falecido está indo para o oriente da vida perene, para aguardar a segunda vinda de Cristo, o Sol da Verdade. Enquanto o caixão está sendo baixado, as orações da Lítia são cantadas; então o presbítero joga terra em forma de cruz sobre o caixão dizendo: "a terra é do Senhor e a totalidade do mundo e tudo que habita nele," e derrama óleo sobre o caixão,

se o falecido recebeu santa unção em vida, e espalha cinzas do incenso sobre ele. Esse óleo, não usado na lamparina, e essas cinzas extintas simbolizam a vida que foi extinta na terra, mas e, por misericórdia de Deus, para ser ressuscitada para benção eterna.

Túmulos Cristãos são cavados num cemitério por uma Igreja, ou então dentro do terreno da própria construção da Igreja, para mostrar que aqueles que foram verdadeiros para a Igreja em vida, são protegidos por ela na morte.

Orações e Ritos Depois do Sepultamento — A Igreja cuida dos Cristãos na morte. Ela ora por eles e oferece o Sacrifício Sem Sangue da Liturgia, no terceiro, nono e quadragésimo dia depois do falecimento, e todo ano no aniversário da morte, que é chamado "dia da lembrança" ou "comemoração." No terceiro dia, nós oramos para que Cristo, Que ressuscitou dos mortos no terceiro dia depois de Sua morte, ressuscite o nosso irmão que partiu para uma vida de benção; no nono dia nós oramos ao Senhor para que Ele numere o que partiu entre as nove ordens de Anjos e Santos; no quadragésimo dia nós rogamos a Cristo que Ele que suportou tentações do diabo no quadragésimo dia de Seu jejum ajude o que partiu a suportar a prova do julgamento de Deus sem estar envergonhado, e que Ele Que ascendeu ao céu no quadragésimo dia, receba o que partiu na morada celeste. Ás vezes ele é comemorado diariamente pelos quarenta dias, pela celebração da Liturgia em memória dele. Devotando por oração ao dia do aniversario do falecimento de nosso irmão, nós expressamos nossa crença de que o dia da morte de um homem não é o dia de sua aniquilação, mas de seu nascimento para a vida perene.

Em todos os serviços comemorativos é colocada uma travessa com trigo ou arroz cozido com mel (*kolivo* ou *kotyá*). O grão simboliza ressurreição, enquanto o mel (ou açúcar) indica a doce e abençoada vida no Reino do Céu.

Fora as comemorações privadas de todo Cristão falecido, por pedido dos amigos e parentes, há certos dias separados pela Igreja para a comemoração de todos os Cristãos falecidos em geral. Os serviços da Igreja para esses dias são chamados de "Réquiens Universais,"e os dias em si são chamados "dias dos ancestrais" ("todas as almas"). Tais dias são: o sábado antes da semana da Tirofagia; os sábados da segunda, terceira e quarta semanas na Grande Quaresma; os sábados antes da Trindade (Pentecostes) e antes da festa de São Dimitri de Tessalônica (26 de outubro); a terça feira — em algumas localidades a segunda feira — da semana de São Tomé (a semana depois da Páscoa); e o dia da Decapitação de São João Batista. O sábado antes da festa de São Dimitri foi instituído em memória do Grande Príncipe Dimitri Donskoy e dos guerreiros mortos no Campo de Kulikof na grande batalha contra os Tártaros.

Características Especiais do Sepultamento de Presbíteros e Bebês — O corpo de um presbítero não é lavado; mas esfregado com esponja com óleo puro e vestido com as vestes sagradas. A face é coberta com um *aër*,e em suas mãos são colocados uma Cruz e o Evangeliário. O corpo é trazido para a Igreja em procissão, os sinos tocando em carrilhão. Diante de toda Igreja que a procissão passa, o serviço de lítia é realizado. Durante o serviço funeral, cinco leituras das Epístolas e cinco dos Evangelhos são lidas; depois do canon funerário os *estiquérios* em "Louvai o Senhor" são cantados, e então a Grande Doxologia. Mais *idiomélia* são cantados do que no funeral de um leigo.

Para bebês que morreram depois de receber o batismo, o serviço funeral é realizado segundo um rito especial, a Igreja orando não para que os pecados do que partiu sejam perdoados, mas que o Senhor de acordo com Sua infalível promessa, possa conceber, recebe-lo como sendo bendito e imaculado, no Reino do Céu.

Para bebês que não foram batizados, não há serviço funeral, não tendo sido eles limpos do pecado original. De seu futuro, São Gregório o Teólogo diz que eles não serão nem glorificados nem punidos pelo Justo Juiz, pois eles não receberam o selo, mesmo assim não são malditos, e mais sofreram do que fizeram mal; "pois nem todo que não está merecendo punição merece por isso honra; e nem todo que não está merecendo honra merece por isso punição."

Livros Usados Durante os Serviços

A Ordem dos serviços divinos, tanto públicos quanto privados, está contida em livros especiais, alguns dos quais dão o serviço diário, e outros a ordem de várias ministrações.

Entre os primeiros os mais importantes são: o Livro de Serviço do Clero, o Livro de Serviço do Bispo, o *Horologion*, o *Octoecos*, o *Menaion* Mensal, o *Menaion* de Dias de Festas, o *Menaion* Comum, o *Triódio* da Grande Quaresma, o *Pentecostárion*, o *Eirmologions*, e o *Typicon*.

O Livro de Serviços do Clero (*Sluzhébnik*) contem as partes fixas de cerimônias de Matinas, Vésperas e Liturgia, celebradas por presbítero e diácono. O Livro de Serviços do Bispo (*Chinórvik*) é o Livro de Ofícios Pontificiais, diferentemente do outro porque ele contém todas as orações e cerimônias usadas no serviço pontificial; também a Ordem de Ordenação e Consagração de todos os graus e dignidades da Igreja. O *Horologion* (*Chasoslós*) contém as partes fixas dos serviços diários recitados e cantados pelos leitores e membros do coro. O *Octoécos,* os *Menaions*, o *Ttiodio*, o *Pentecostário* e o *Eirmologion* contêm as partes variáveis e composições em uso nos serviços diários; assim o *Octoecos* (que significa o "Livro dos Oitos Tons") contém os cânticos variáveis de louvação do ciclo semanal de serviços.. O nome do livro vem disso — que os serviços da semana toda são cantados em um "tom," e os "tons" são oito em numero. No *Menaion* mensal nós encontramos as orações variáveis para cada dos 12 meses; é por isso dividido em 12 partes. O *Menaion* de dias de festa contém as orações das festas do Senhor, da Mãe de Deus e dos mais louvados Santos, selecionados do *Menaion* Mensal. No *Menaion* Comum nós encontramos as orações prescritas nos serviços em louvor de todos os santos de diferentes ordens — Apóstolos, Mártires, Hierarcas. O *Triódio* (que significa "Livro dos Três Cânticos") contém as orações variáveis para os dias móveis do ciclo anual de serviços, e, no numero os assim chamados triódios, isto é, canons incompletos, consistindo de dois, três ou quatro odes. Existem dois *Triodios*: o da Grande Quaresma dando os serviços da Grande Quaresma e das semanas anteriores preparatórias para ela, e o Festivo ou Pentecostário, dando desde o serviço da Páscoa até a Semana de Todos os Santos. No *Eirmologion* nós encontramos as orações que são cantadas — nem lidas, nem recitadas — nos vários serviços. Esse livro tem seu nome vindo do fato dele conter, além de outros textos, os *eirmos* dos canons. A ordem dos serviços para cada dia do ano é dada no livro chamado *Typicon* (que significa "estatutos").

Os serviços realizados por desejo privado são descritos no "Livro de Necessidades" (ou de "Ministrações"), no "Ordem de Recepção na Igreja de Membro de Credos Estranhos," e no Livro de Cânticos.

Alguns livros pertencem à louvação tanto pública quanto privada. Tais são os Evangelhos, as Epístolas e os Salmos. Os dois primeiros são divididos em leituras, com indicação de trechos para cada dia. O Saltério é dividido em vinte *kathisanata*, cada um, por sua vez, dividido em três "Glórias." O Saltério é as vezes impresso em um só volume como o *Horologion*. E então chamado de "Saltério com Seqüência."

Existem ainda outra classe de livros, que contém extratos de outros livros, e são dirigidos para uso doméstico, tais como: o Livro de Regras, que nos conta como nos preparar para a Comunhão, e da as orações requeridas por essas regras; o Livro "de *Akatistes* Coletados," e de "Canons Coletados"; o "Livro dos Santos," dando os *tropários* e *kondakions* para cada dia, e o "*Euchologion*" (Livro de Orações), completo ou abreviado.

Adendo.

O Rito de Unção de Czares na Sua Coroação.

A unção de um Czar é um ato sagrado pelo qual a graça do Espírito Santo é conferida a ele, para ajusta-lo para a execução do mais alto ministério da terra. O rito inteiro, consiste de dois atos: a coroação, e a unção dom o santo crisma. Na Rússia esse rito é celebrado em Moscou, na Igreja da Dormição.

A ordem da cerimônia é como segue: primeiro é cantado um *moleben* pela saúde de suas Majestades Imperais, seguido pelo ofício de Horas. Durante esse serviço, as regalias imperiais são trazidas para a Igreja. — o manto púrpura, a coroa, o cetro e o orbe.

Bispos em completa apresentação pontificial encontram as regalias, com incenso e borrifam elas com água benta, e permanecem perto da entrada, prontos para receber suas Majestades Imperiais. Quando o Imperador e a Imperatriz entram na Igreja, um dos Metropolitas cumprimenta e oferece a eles a Cruz para beijar enquanto outro borrifa-os com água benta.. Suas Majestades então prosseguem para dentro da igreja precedidos pelos bispos, fazem uma prostração diante das Portas Reais, beijam os principais ícones, então ascendendo a uma plataforma elevada, sentam-se em tronos preparados para elas no meio da Igreja, enquanto os bispos colocam-se me duas filas dos tronos para as Portas Reais. Durante esse tempo o Salmo 101 é cantado: "Cantarei a misericórdia e o juízo: a Ti, Senhor, cantarei...."

Quando suas Majestades tomaram seus assentos, o Metropolita presidente ascende à plataforma imperial e pergunta ao Imperador que fé ele professa. O Imperador responde recitando o Credo em voz alta.

Após essa pública profissão de fé pelo Imperador, começa o rito da coração. Depois do hino, "Rei do Céu..." ter sido cantado, é recitada a Grande *Ectênia*, com o acréscimo de petições para um próspero reinado. Então é cantado o hino: "O Senhor é Deus..." e o *tropário* "Salva, Senhor, o Teu povo..." seguidos por uma *paremia* e leituras das Epístolas e dos Evangelhos. A *paremia* fala da divina proteção extendida sobre o Czar, a Epístola — de obediência a Reis, o Evangelho — do tributo a César. Depois da leitura do Evangeliário, o Imperador é investido com a púrpura e com a corrente da ordem de Santo André o primeiro a ser chamado, apresentada pelo Metropolita, com as palavras: "Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo." Tendo recebido a púrpura, o Imperador inclina a cabeça e o Metropolita o assinala com a Cruz, colocando as mãos sobre a cabeça em forma de Cruz, e ora para "que o Senhor unja o Czar com o óleo da alegria, invista-o com força, coroe-o com pedras preciosas, conceda a ele longos dias, coloque em sua mão direita o centro da salvação, sente-o no trono da justiça, mantenha-o sobre Sua proteção e estabeleça seu mando." Depois dessa oração o Imperador pega a coroa de uma almofada apresentada pelo Metropolita e coloca sobre sua cabeça, enquanto o Metropolita de novo exclama as palavras: "Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo." Depois do Imperador ter assumido sua coroa, o Metropolita explica o significado do rito da coroação: "Este adorno visível e material de tua cabeça é para ti um sinal manifesto que o Rei da Glória, Cristo, invisivelmente te coroou, o cabeça do trono de Todas as Rússias." Então, de uma almofada apresentada pelo Metropolita, o Imperador pega na sua mão direita o cetro e na esquerda o orbe (pequeno globo, simbolizando a terra sujeita a ele), enquanto o Metropolita de novo exclama as palavras: "Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo." Então o Metropolita conta para o Imperador qual o significado do cetro e do orbe como segue: "Coroado por Deus, dado por Deus, adornado por Deus, piosíssimo Autocrata e grande Soberano, Imperador de Todas as Rússias! Recebe o cetro e o orbe, que são os sinais visíveis do autocrático poder dado a ti pelo Altíssimo sobre teu povo, e que tu possas comanda-los e ordena-los para o bem estar que eles desejam." Tendo assumido as regalias imperais, o Imperador senta no trono, e pondo o cetro e o orbe numa almofada apresentada a ele por dignitários, chama para si sua Majestade Imperial a Imperatriz. Sua Majestade levanta-se de seu trono e ajoelha-se diante do Imperador, que tora a coroa de sua cabeça e com ela toca a cabeça da Imperatriz, depois recoloca a coroa em sua cabeça e coloca na cabeça dela uma coroa menos, apresentada por um dignitário. Então a Imperatriz é investida com púrpura e a corrente de Santo André, e se senta no seu trono. Um diácono proclama, "Longos dias para suas Majestades"; (como no serviço das Horas Reais), após o que o Imperador se ajoelha e em alta voz, oferece uma oração na qual ele implora a Deus como segue: "Instrui-lo no trabalho para o qual me mandaste, concede-me sabedoria e dirigi-me para esse grande ministério." O rito da coroação conclui com uma oração oferecida pelo Metropolita, todos os presentes ajoelhados e com o canto do hino, "Nós te louvamos, ó Deus." Depois desse hino a Liturgia começa.

É durante a Liturgia que o rito da unção tem lugar. Quando a Liturgia começa o Imperador tira a coroa. Após a leitura do Evangelho, o Evangeliário é apresentado a suas Majestades para beijar. Quando o hino de comunhão já foi cantado, o Imperador dá sua espada para um dignitário, e anda, com o manto, para as Portas Reais que nesse

momento são abertas repentinamente. A Imperatriz o segue e para a meio caminho entre o trono e o ambão.

Dois Metropolitas saem do Santuário. O Metropolita presidente unge o Imperador com o santo crisma na testa, olhos, narinas, lábios, ouvidos, peito e mãos (na palma e nas costas), dizendo em cada vez "o selo do dom do Espírito Santo"; o outro Metropolita seca o crisma com algodão. Então o Imperador dá um passo de lado e para do lado direito das Portas Reais, perto do ícone do Salvador. A Imperatriz agora se aproxima das Portas reais e o Metropolita Presidente unge-a com o santo crisma somente na testa, com as palavras: "o selo do dom do Espírito Santo," quando a Imperatriz dá um passo para o lado e para do lado esquerdo das Portas Reais, perto do ícone da Mãe de Deus.

Depois que o rito da unção foi realizado, suas Majestades recebem a Santa Comunhão. O Metropolita conduz o Imperador, através das Portas Reais, ao Santuário, e lá, no Altar, dá a ele a Eucaristia, como para o Ungido de Deus e supremo protetor da Igreja Cristã, segundo o rito para o clero, - isto é, ele coloca em sua mão uma porção do Corpo de Cristo, depois deixa ele partilhar do Sangue de Cristo do cálice. A Imperatriz recebe a comunhão da maneira usual diante das Portas Reais. Depois de receber a comunhão, suas Majestades Imperiais reassumem seus assentos nos tronos, onde, depois das orações de agradecimento e para longos dias foram ditas, eles recebem as leais congratulações de homens de Igreja e leigos.

Folheto Missionário número P101

Copyright © 2003 Holy Trinity Orthodox Mission

466 Foothill Blvd, Box 397, La Canada, Ca 91011

Redator: Bispo Alexandre Mileant